

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DANIELA MOTA FERNANDES

**INVESTIGANDO A SEXUALIDADE DE
PROFESSORAS:
suas histórias, saberes e práticas**

Uberlândia – MG
2008

DANIELA MOTA FERNANDES

**INVESTIGANDO A SEXUALIDADE DE
PROFESSORAS:
suas histórias, saberes e práticas**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes e Práticas Educativas

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria Veranilda Soares Mota.

Uberlândia - MG
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F363i Fernandes, Daniela Mota, 1982-

Investigando a sexualidade de professoras: suas histórias, saberes e práticas / Daniela Mota Fernandes. - 2008.

154 f. : il.

Orientadora: Maria Veranilda Soares Mota.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. Professores - Formação - Teses. 2. Sexo (Psicologia) - Teses. I. Mota, Maria Veranilda Soares. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 371.13

DANIELA MOTA FERNANDES

**INVESTIGANDO A SEXUALIDADE DE
PROFESSORAS:
SUAS HISTÓRIAS, SABERES E PRÁTICAS**

DEFESA EM: 19/02/2008

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Maria Veranilda Soares Mota – Orientadora, Dra.

Prof^ª. Maria Irene Miranda, Dra.

Prof^ª Sara Quenzer Matthiesen, Dra.

Uberlândia – MG
2008

*Dedico este trabalho em especial a
papai e mamãe. Com eles aprendi a
lutar por meus sonhos, mesmo diante
das dificuldades. A vocês todo meu
amor e gratidão.*

*A todas e todos, que de algum modo
têm contribuído para chegarmos à
essência de uma vida sexual natural.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus. Pela vida, pelo corpo cheio de energia, sexualidade, desejos, emoções e pela oportunidade de ter tudo isso desde o nascimento, e atualmente de redescobri-lo.

Aos meus pais, Eraldo e Glória, que tanto que amaram e amam até hoje, de formas diferentes, mas intensas. O que fizeram de errado não foi porque quiseram assim. Eles não foram perfeitos, mas suficientemente bons.

Aos meus irmãos Fábio, André, Renata, Bruna e Larissa, que fomos sempre unidos no mesmo lar, e hoje estamos cada um trilhando seu caminho. Mesmo não estando juntos hoje, sinto vocês comigo na amizade e nas lembranças.

Ao Edmar, meu namorado e também um grande homem; com quem pude compartilhar minhas reflexões, angústias e idéias. Obrigada pelo amor a mim dedicado.

À minha querida orientadora, amiga, mestra, confidente. Obrigada por caminhar junto comigo, sempre acreditando que posso ainda mais. Você é muito importante para mim.

À minha querida terapeuta, Virgínia, o meu muito obrigado, pelo apoio, o cuidado e amor. Agradeço por ter estado comigo nesse percurso doloroso do processo terapêutico, mas acima de tudo agradeço por me ajudar a sentir mais enraizada e segura.

Ao Instituto LUMEN, incluindo professoras e assistentes que estiveram comigo durante esse percurso. O curso de Terapia Corporal Neo-reichiana foi juntamente com o mestrado uma busca intensa de auto-conhecimento.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, obrigado pelo conhecimento compartilhado. Aos colegas do programa, que cada um em suas dificuldades me ajudaram a aliviar as minhas, nas conversas sobre suas limitações.

Aos professores e professoras sujeitos da pesquisa, que contribuíram com suas falas e percepções sobre o tema. O meu respeito e admiração pelo importante papel que possuem.

Aos amigos antigos e recentes. Cada um a sua forma contribuiu para a realização desse trabalho. Especialmente à minha amiga Raquel, pela ajuda, companheirismo e amizade durante esses dois anos.

Aos amigos do grupo de pesquisa “Corpo e educação”.

A outros amigos, muitos desconhecidos, autores que conheci através dos livros, e dos quais compartilhei idéias e conhecimentos diversos.

Aos secretários James, Giani e Carlos, o meu muito obrigado pelo auxílio, esclarecimento de dúvidas e também pela amizade.

*Viver é afinar o instrumento
De dentro prá fora
De fora prá dentro
A toda hora, todo momento
De dentro prá fora
De fora prá dentro
A toda hora, todo momento
De dentro prá fora
De fora prá dentro.*

(Serra do Luar. Walter Franco)

RESUMO

Esta pesquisa investiga a influência da sexualidade na formação de professoras considerando que a mesma se dá ao longo da vida e percorre todo o seu processo educativo, tanto formal como informal. Nesse processo a sexualidade se faz presente constantemente, e influencia na personalidade de professoras e professores. Os estudos em torno da formação docente desencadeados a partir dos anos 90 do século passado, constatarem ser a experiência vivenciada pela professora ao longo de sua vida, base para a construção de sua formação. Ao destacarem as experiências, implícita está a sexualidade, fato não indicado pelos estudiosos da década em referência. Fizemos a opção metodológica pela abordagem qualitativa e usamos questionários e entrevistas como instrumentos de investigação. Wilhelm Reich é o principal referencial teórico desta pesquisa, por considerar o corpo como locus de registro da história de vida dos indivíduos. Reich foi um teórico significativo para o contexto do século XX, por ter tido a coragem de avançar em relação aos estudos de Freud sobre a sexualidade, sendo esta o ponto de partida de suas investigações por um longo período, o que resultou na elaboração de uma teoria da sexualidade científico-natural, empiricamente estabelecida, denominada economia sexual. As proposições teóricas da teoria reichiana são tomadas como elemento norteador da compreensão da sexualidade em seus múltiplos contextos: social, político, econômico e cultural. A partir desse referencial, e destacando a ênfase dada à sexualidade como elemento fundamental na vida dos indivíduos, analisamos as histórias de vida de duas professoras, tendo em vista que elas, conscientemente ou não, transmitem aos seus alunos os valores que lhes foram repassados ao longo de suas vidas. Para Reich a repressão da sexualidade natural gera grande parte dos males que assolam a vida social, e a ausência desta repressão possibilitaria uma vida mais saudável. A história das duas professoras pesquisadas revelam esse fato. A professora cuja educação foi marcada por um processo repressivo da sua sexualidade, reflete um modo de ser rígido e contido no seu cotidiano como docente. A outra professora cuja educação foi menos repressiva revela-se mais flexível e interativa na sua prática educativa, tanto no que se refere aos alunos quanto aos seus pares. Nessa perspectiva ressaltamos a necessidade de se restabelecer a vida amorosa natural das crianças, adolescentes e adultos. Tal fato implica em transformações na dinâmica social como um todo. Acreditamos que o sistema educacional e a formação de professoras podem contribuir significativamente para essas mudanças.

Palavras-chave: corpo; sexualidade; professoras; formação docente.

ABSTRACT

This research investigates the influence of the sexuality in the teachers' formation considering that the same occurs during the whole life and continues during all their formal and informal educative process. In this process the sexuality is regularly present, influencing the professors' personality. The studies about the teaching formation from the 90's of the past century, evidence that the experience lived deeply for the teacher throughout her life is the base for the construction of her formation. When detaching the experiences, the sexuality is implicit, fact not indicated by researchers in that decade in reference. As methodology we chose a qualitative approach, and as inquiry instruments we used questionnaires and interviews. Wilhelm Reich is the main theoretical reference of this research, for considering the body as locus of register of the individuals' history life. Reich was a significant theoretician for the context of century XX, for having had the courage to advance in regarding the Freud's studies about sexuality, and that was the starting point of his investigations for a long period, what resulted in the elaboration of a theory of the scientific-natural sexuality, empirically established, called sexual economy. The theoretical proposals of the reichiana theory are considered as the main element of the understanding of the sexuality in its multiple contexts such as: social, politician, economic and cultural. From this reference, and standing out the emphasis given to the sexuality as basic element in the individuals' life, we analyze histories of life of two teachers that, conscientiously or not, transmit to their students the values that had been transmitted to them throughout their lives. For Reich, the repression of the natural sexuality generates great part of evils that prejudice the social life, and the absence of that repression would become the life more healthful. The two searched teachers' history of life discloses that fact. The teacher who received a repressive education process of her sexuality reflects a strict way of being in her daily teaching. The other teacher whose education was less repressive discloses more flexible and interactive in her educative practical, as many for her students as for her pairs. In that perspective we stand out the need of reestablishing the natural love life of the children, teenagers and adults. Such fact implies in transformations in the social dynamics as a whole. We believe that the educational system and the teaching formation can give significant contributions for these changes.

Key words: body; sexuality; teachers; teaching formation.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Quantidade de trabalhos por tema	65
QUADRO 2: Produção de trabalhos por período	66
QUADRO 3: Trabalhos sobre Sexualidade e Professoras	71
QUADRO 4: Caracterização dos sujeitos	85
QUADRO 5: Outros dados pessoais e profissionais	86

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Produção de teses e dissertações sobre Sexualidade	66
GRÁFICO 2: Época em que nasceram	85
GRÁFICO 3: Religião	85
GRÁFICO 4: Cursos de Formação	86
GRÁFICO 5: Estado Civil	86

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

FAMERP – Faculdade de Medicina de São José Ribeirão Preto

FUFS – Fundação Universidade Federal de Sergipe

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PUCCAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PUC-RIO – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFCE – Universidade Federal do Ceará

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UMSP – Universidade Metodista de São Paulo

UnB – Universidade de Brasília

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIMEP – Universidade Metodista de São Paulo

URB – Universidade Regional de Blumenau

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: TRAJETÓRIAS QUE SE CRUZAM	16
1. História de vida e Formação Profissional	16
 CAPÍTULO I: A SEXUALIDADE EM MÚLTIPLOS CONTEXTOS	29
1. Concepção Reichiana de Sexualidade	30
2. As Interfaces sexuais e seus múltiplos contextos	41
3. Diversidade de práticas sexuais humanas	54
4. No atual contexto: como vai a sexualidade?	58
 CAPÍTULO II: A SEXUALIDADE HUMANA EM EVIDÊNCIA NO MEIO ACADÊMICO	64
1. Pesquisas sobre Sexualidade e Professoras	70
 CAPÍTULO III: RUMOS METODOLÓGICOS: DOS CAMINHOS ACADÊMICOS AOS DA ESCOLA	79
1. Caracterização dos sujeitos	85
 CAPÍTULO IV: A SEXUALIDADE DE PROFESSORAS E SEUS REFLEXOS NA PRÁTICA ESCOLAR	88
1. Histórias e marcas: registros nas histórias das professoras	90
2. O pensar e o viver a sexualidade	103

3. A sexualidade no cotidiano escolar	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXOS	124
Anexo I Trabalhos Acadêmicos com a temática geral ‘Sexualidade’	125
Anexo II Endereço eletrônico das bases de dados pesquisadas	146
Anexo III Questionário	148
Anexo IV Roteiro de Entrevista	153

INTRODUÇÃO

TRAJETÓRIAS QUE SE CRUZAM

Das Utopias
Se as coisas são inatingíveis ... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!

Mário Quintana, poeta.

1. História de vida e Formação Profissional

Na busca de entender a sexualidade, busquei entender também a minha história. Muitas marcas trazemos das formas de institucionalização do corpo desencadeadas por nosso processo educativo. Em minha infância tive a oportunidade de brincar na rua de diversos jogos, com certa liberdade, com meninos e meninas. Mas muitas normas cedo começaram a se fazer evidentes como não brincar muito com meninos, ou ficar sozinha com eles. Isso era motivo para castigos, ou para interrupção das brincadeiras. Nem sempre o corpo obedecia e muitas regras eram infringidas embora consequências se fizessem sentidas no corpo através de punições físicas. Contudo, essas normatizações aos poucos se incorporaram a meu comportamento e fui me tornando uma criança tímida, apática e com dificuldades de aprendizagem¹.

Annie Reich (1980), no livro “Se teu filho te pergunta”, nos ajuda a compreender a relação entre sexualidade e aprendizagem². Analisando casos de crianças tratadas por ela, descreve uma situação que sabemos ser corriqueira ainda nos nossos dias. No diálogo de um pai com sua filha de cinco anos, a criança se mostra curiosa para saber alguns assuntos referente a sexualidade. O pai sempre diz que a criança é muito pequena para saber dessas coisas. Numa dada situação em que a criança brinca com um amigo no jardim, eles tiram a

¹ Na escola tive grande dificuldade de socialização, como também de aprendizagem. Sentia uma imensa dificuldade em aprender desde a primeira série. O acúmulo das minhas dificuldades resultou em uma repetência na 3ª série.

² Esclarecemos aqui que as dificuldades de aprendizagem podem surgir por diversos fatores, e estamos destacando aqui a sexualidade, uma vez que sua repressão, a timidez dela decorrente e a falta de iniciativa interferem na aprendizagem. Porém, as dificuldades de aprendizagem podem ser desencadeadas por outros fatores, podendo ainda uma criança reprimida sexualmente não ter problemas de aprendizagem, encontrando outras “válvulas de escape” para as consequências da repressão sexual.

roupa e comparam seus corpos. Nesse momento são surpreendidos pela mãe, que numa atitude brusca grita com a menina e lhe dá uma surra. Ela fica proibida de brincar no jardim e se sente transtornada com tantos mistérios que existem e que não pode conhecer por ser muito pequena. A menina esquece subitamente coisas que já conseguia fazer sozinha, como vestir sua própria roupa. Esse fato irá interferir na sua aprendizagem escolar:

Nos anos seguintes, Júlia frequenta a escola, e sobre sua cabeça desaba todo um universo de novos problemas. Mas Júlia sente que estes “não são coisa para ela, que ainda é muito pequena”. Não pode saber, não pode compreender as mesmas coisas que os adultos porque tudo é feio, tudo é proibido. Não consegue estudar com facilidade. Seu pai tem que ajudá-la a fazer os deveres, ela não consegue responder às perguntas mais simples, não se lembra de nada nem mesmo se as coisas lhe são repetidas vinte vezes. Seu pai se impacienta, parece convencido de que a filha nunca saberá nem entenderá nada. Por seu lado, Júlia está totalmente desesperada porque seu pai lhe nega afeto e atenção e fica cada vez mais desalentada à medida que sua inaptidão aumenta. Nos casos mais simples, as dificuldades de estudar diminuem se se permite que a criança exponha seus problemas sexuais (ANNIE REICH, 1980, p. 12).

Lelis (2006, p. 96) favorece a compreensão desse processo, quando afirma que “se os pais constroem um espaço saudável em que o conhecer apareça como um desafio possibilitador, a criança poderá crescer de forma criativa, caso contrário, terá um empobrecimento na sua relação com o conhecimento”. Acrescentamos a isso a necessidade de a escola também ser um ambiente que estimule a aprendizagem da criança e possibilite que esse seja um processo prazeroso.

Sendo a quarta filha de uma família simples, de orientação religiosa regida pelos princípios da Igreja Católica, eu e meus cinco irmãos recebemos uma educação rígida. Nessa rigidez sexo era algo oculto e, portanto, proibido. As sensações de prazer que surgiam no corpo eram sentidas com receio. A noção de prazer para mim estava muito ligada ao pecado e, por conseqüência, vinha o sentimento de culpa. Desde criança sabia que falar sobre sexualidade, pensar, como também senti-la não era permitido.

Durante minhas investigações fui questionando tais aspectos e percebendo suas contradições: se nós nascemos com um corpo ao qual são inerentes desejos e sensações, por que devemos negá-los? Por que devemos negar nosso corpo? Despertar para tais questionamentos foi um processo rico e surpreendente, como se desvelasse aquilo que ficou

escondido por um longo período³. Uma percepção se fez evidente: a escolha desse tema está vinculada à minha história de vida permeada por padronizações, normas, algumas explícitas e outras subentendidas, e uma maneira de agir com pouca autonomia, o que se aproxima muito do que Guattari e Rolnik (1986) considera como um processo de subjetividade social. Vamos ao longo da vida internalizando padrões preestabelecidos socialmente e deixamos de lado nossa vontade, intuição e desejos.

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas do controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 27).

Revido hoje minha história, recordando fatos, percebo o quanto a forma como eu me relacionava com os valores, as crenças, as contradições entre o que eu sentia e o que eu poderia sentir, tudo isso se ligava ao meu modo de apreender. Minha vida escolar começou a refletir minhas dificuldades e a aprendizagem não se dava de forma natural e prazerosa; eu me isolava dos colegas e me sentia diferente deles. Era como se eu tivesse me fechado para o aprendizado do novo. E com isso os conflitos foram aumentando ainda mais, pois eu não tinha compreensão de por que eu não aprendia; por que eu tinha medo de perguntar; por que me faltava interesse.

Entre as necessidades básicas da criança está a sexualidade. Desde 1997 essa questão está posta documentalmente nos PCN's⁴, que já alertam para a importância do tema, ressaltando a relação entre sexualidade e construção do conhecimento.

Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber

³ Considero que minhas percepções sobre a sexualidade se enriqueceram ainda mais a partir de 2006, quando iniciei um curso de formação de Terapia Corporal Neo-reichiana, no Instituto Lúmen. Este curso trabalha de forma teórica e vivencial a formação do caráter, a história de vida de cada um, e a sexualidade se evidencia como um importante aspecto nesse processo. Paralelo ao curso também iniciei o processo terapêutico individual, que tem me auxiliado muito em minhas limitações e no alívio de tensões sentidas no corpo.

⁴ Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram publicados em 1997 com o objetivo de respaldar ou embasar a construção de proposta e projetos pedagógicos. Este documento se compõe de 10 volumes, dos quais o primeiro até o sétimo tratam das diversas disciplinas e o oitavo, nono e décimo abordam os denominados Temas Transversais: Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade e Orientação Sexual.

seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade e tensão. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (BRASIL, 1997, p. 76).

Essas constatações foram sendo construídas ao longo de minhas experiências vividas como pesquisadora. Durante a graduação, desenvolvi duas pesquisas relacionadas ao tema corporalidade. Considero que minha maneira de ser pesquisadora vem sendo construída desde o meu nascimento, mas minha trajetória como pesquisadora na academia se fez nessas experiências de Iniciação Científica durante o Curso de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. Como aluna do curso de graduação, tinha vários anseios e sonhos, ainda confusos e sem direção. Algo que tinha em mente é que gostaria de ser pesquisadora, de produzir conhecimentos novos, que pudessem melhorar e contribuir para a educação.

Antes de entrar no curso de Pedagogia algumas questões já me afligiam e ter contato com teorias que me davam luz para entender meus inúmeros questionamentos foi um processo muito significativo. Durante o processo de formação acadêmica me deparei com diversos autores com os quais me identifiquei. Destaco entre eles Paulo Freire, pois suas idéias se encontram com várias reflexões que sempre fazia individualmente: a autonomia dos indivíduos, sua possibilidade de emancipação e humanização. Um autor marcante e que passou a ser o referencial das pesquisas foi Wilhelm Reich (1897-1957), discípulo de Freud, em cuja teoria importante aspecto é o que considera o corpo como *locus* de registro da história de vida dos indivíduos. Reich trouxe importantes contribuições para o contexto do século XX, avançando em relação aos estudos de Freud sobre a sexualidade humana.

Reich partiu dos principais conceitos da psicanálise e a revolucionou situando o conflito humano na fronteira entre o indivíduo e a cultura e não em termos de uma contradição interna do próprio homem, como optou a psicanálise freudiana. Retoma a sexualidade (energia – libido) como ponto central de sua teoria, enquanto o grupo de teóricos que davam sustentação à psicanálise se afastava dessa visão, privilegiando o inconsciente – aspecto não ameaçador da sociedade conservadora da época (LELIS, 2006, p. 49).

À medida que me aprofundava nos estudos, fui para a escola investigar a prática das professoras. À luz das teorias pude compreendê-la e me apaixonar pelo tema corporalidade, constatando o quanto a compreensão dessa temática é essencial na formação de professoras⁵.

No primeiro momento⁶ da pesquisa conduzida pelo projeto “A Dimensão Corporal Refletida na Prática Educativa”, buscamos, além das investigações teóricas, observar o corpo de uma professora em sua prática cotidiana, fazendo uso de registros fotográficos. Observamos entraves e limitações da professora no contato com as crianças, em sua postura, na forma mecânica de ensinar, entre outros aspectos. Confrontamos os dados construídos ao longo de nossas observações com a entrevista feita com a professora no intuito de resgatar sua história de vida e compreender a sua prática. Neste processo tornou-se claro quanto os aspectos que envolvem a sexualidade são peculiares e marcantes na constituição do ser humano. No segundo momento da pesquisa aprofundamos nossas investigações teóricas e iniciamos o período de observação com outra professora. Analisamos o cotidiano da sala de aula, as atividades propostas, e o modo de ser da professora com as crianças. Identificamos limitações corporais da professora que dificultavam sua interação com as crianças, em sua capacidade de estabelecer contato⁷, fazendo com que ela tivesse uma postura diferente da que gostaria de ter e adotasse uma forma de ensinar seguindo padrões repetitivos, mecânicos sem ter consciência disso. Evidenciou-se, a partir das limitações da professora, a influência que o corpo exerce em nosso modo de ser, agir e sentir no cotidiano.

Não há aprendizagem que não esteja registrada no corpo, assim como não há imagem enquanto o corpo não começa a inibir o movimento, e é o registro desta inibição o que possibilita separar o pensamento do momento em que esse movimento vai tornar-se ativo, ficando o movimento como uma marca interior. [...] O corpo também é imagem de gozo, o dispor do corpo dá ao ato de conhecer a alegria sem a qual não há verdadeira aprendizagem. [...] através do olhar, as modulações da voz e a veemência do gesto, canalizam-se o interesse e a paixão que o conhecimento significa para o outro [...] (FERNÁNDEZ, 1991, p. 60).

⁵ Inspirada na fala de Schaefer citada a seguir optamos pelo termo professora: “não apenas como uma opção tanto estilística quanto de homenagem ao grande número de mulheres que lutam por uma realidade educacional digna em nosso país, mas também como um convite aos leitores masculinos a experimentar a sensação de serem incluídos em um signo lingüístico cuja leitura meramente denotativa lhe excluiria” (SCHAEFER, 2000, p. 19)

⁶ O programa de Iniciação Científica fomentado pelo CNPq tem a duração de ano, renovável no ano subsequente. As pesquisas estão disponíveis no site <http://www.horizontecientifico.propp.ufu.br/index.php> com a seguinte referência. FERNANDES, Daniela Mota & MOTA, Maria Veranilda Soares. **A Dimensão Corporal Refletida na Prática Educativa**. In: Revista On-line da PROPP: Horizonte Científico. Edição nº 5, 2005 e FERNANDES, Daniela Mota & MOTA, Maria Veranilda Soares. **O corpo no cotidiano escolar: um olhar sob a ótica reichiana**. In: Revista On-line da PROPP: Horizonte Científico. Edição nº 6, 2006.

⁷ O termo ‘contato’ é utilizado por Reich sendo por ele denominado como Contato Orgonótico. Energeticamente é a capacidade que o indivíduo saudável possui de equilíbrio da sua própria energia (contato com o self), tendo assim condições de manter contato com o meio externo, nas relações pessoais, no trabalho.

A realidade educacional hoje é bastante diversa da que tínhamos em períodos anteriores, visto que os sujeitos presentes no contexto escolar estão se modificando. Vivemos hoje um intenso processo de mudanças refletidas nas “transformações no mundo do trabalho, na política educacional, na ordenação social, nas relações interpessoais, redirecionando a configuração institucional da escola” (RODRIGUES, 2007, p. 25). Não podemos esquecer que tais mudanças se refletem também na formação de professoras.

Ao longo da história humana ocidental, as mudanças sócio-econômicas influenciaram fortemente a organização da escola, conduzindo a uma formação de professores coerente com cada época. No século XVI, sob a égide da modernidade, por exemplo, nasce uma sociedade disciplinar, mantendo vigilância constante sobre os indivíduos, reprimindo-os com o intuito de enquadrá-los nos sistemas de controle. Em meio a essas novas definições se forma a escola moderna, que funciona de maneira instrutiva, planejada e controladora em suas ações, com uma racionalização de seus processos (CAMBI, 1999). Diante do fenômeno da modernidade surge um modo de pensar que exalta o racional desvinculado do corpo, que estabelece parâmetros disciplinadores do saber e institui um tipo de razão e raciocínio como prioritários na construção da realidade. O surgimento da razão “científica” alterou

[...] progressivamente a vida de pessoas e sociedades na esfera do mundo moderno. [...] esse tipo de conhecimento [...] foi ferrenhamente organizado em torno da *quantificação*, em torno da *mensuração* de coisas e fenômenos, na crença de que os números constituíssem a linguagem por excelência para a revelação das verdades universais. Nesse sentido, o saber sensível, proveniente de sensações e sentimentos, veio sendo progressivamente relegado e até negado enquanto uma forma mesma de conhecimento (DUARTE JR., 2002, p. 14-15).

Esta separação entre o conhecimento sensível e o racional se evidencia no processo de ensino atual. O cotidiano das salas de aula ainda gira em torno de fazer com que os alunos fiquem em silêncio, não se manifestem e cumpram as atividades propostas pela professora. Com isso os conhecimentos trabalhados com os alunos se tornam mecânicos e não os auxiliam no entendimento da realidade. As professoras se vêem obrigadas a cumprir conteúdos curriculares e não conseguem ver o aluno como um corpo com suas condições emocionais e situado num contexto determinado. Na atual conjuntura, é necessário refletir sobre essa realidade, pois na sociedade de consumo o corpo é cultuado como privilégio da aparência e da eterna juventude, interferindo na formação das crianças, adolescentes e jovens no interior das escolas. Além disso, as professoras também imersas nessa sociedade de

consumo, transmitem conhecimentos oficiais fincados na visão mecânica e reducionista de ciência (LELIS, 2006).

Nesse trabalho queremos evidenciar a sexualidade como um campo de conhecimento que amplia visões de mundo, concepções e modos de vida, pois a partir da forma como entendemos os diversos fatos da vida, nossa maneira de viver, de trabalhar e de nos relacionar, é por ela influenciada. Para tanto exige-se refletir sobre as imposições preconcebidas historicamente.

A sexualidade, ao longo da história, tem sido pensada e compreendida de diferentes maneiras, a partir de padrões culturais, marcadores de cada época e sociedade, bem como se tornado objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Muito se tem produzido sobre o tema mas, nas últimas décadas, apesar de vasta, essa produção se dá predominantemente num enfoque de liberação e sofisticação:

[...] é fácil encontrar manuais que oferecem o “segredo” da “plena satisfação” sexual em poucas lições, descrevendo variadas posições com os floreios e meneios de técnicas tanto orientais como ocidentais. Mas volta e meia o desempenho sexual deixa de corresponder às expectativas (SANTOS, 2003, p. 10).

A comunidade estudiosa da sexualidade, procurando superar essa concepção, tem trabalhado outra dimensão da temática, o que vem resultando numa série de eventos de entidades regionais, nacionais e internacionais que visam a interação e divulgação de novos conhecimentos sobre a sexualidade, por meio de publicações, cursos de atualização, especializações, oficinas, grupos de estudo para profissionais da área clínica e educacional.

As normas e padrões sob os quais se vivencia a sexualidade refletem a dimensão política que a envolve. Tal constatação nos impele a desconstruir padrões estipulados, repensar as oposições supostamente enrijecidas quanto aos modos de ser masculino e feminino, heterossexual e homossexual, que são maneiras de controlar e rotular os comportamentos dos indivíduos.

[...] Uma política de conhecimento implica o privilegiamento de um modo de conhecer, o que envolve, por sua vez, decisões sobre o que conhecer, e como, porque ou para que conhecer. [...] Há algumas décadas, os movimentos e grupos ligados a esses campos vêm provocando importantes transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento (LOURO, 2004a, p. 2).

É fácil perceber, nas entrelinhas das normatizações, privilégios a um determinado grupo, que foi se constituindo como tal ao longo do processo histórico a partir do monopólio masculino, heterossexual, branco e de classe média. As contribuições trazidas pelas teorias pós-estruturalistas, especialmente as produzidas no campo dos estudos feministas, dos estudos culturais, dos estudos gays e lésbicos e da Teoria Queer, transpõem o campo da sexualidade, permitindo-nos pensar de um outro modo a cultura, as instituições, o poder e as formas de aprender e estar no mundo.

Em suma, pensar a partir da sexualidade, numa crítica aos padrões e normatizações presentes na sociedade e que organizam as práticas sociais, as instituições, o conhecimento e as relações entre os sujeitos, é pensar uma mudança epistemológica e política, como caminho para se investigar o funcionamento da vida e da sociedade. Nesse caminho investigativo, destacamos a teoria de Wilhelm Reich, que teve a sexualidade como ponto de partida em suas investigações por longos anos. Reich considera ser a sexualidade característica essencial para o equilíbrio do corpo e, portanto, para sua saúde.

Considerando esses pressupostos, ressaltamos a sexualidade como um importante aspecto a ser trabalhado na formação de professoras, pois “o que há de mais concreto para o ser humano que o corpo? E nele, o que há de mais intenso, em termos de energia, do que a sexualidade?” (NAVARRO, 1995, p. 12).

O nosso interesse pelo tema se deve ao fato de ser a sexualidade uma importante dimensão da vida humana aparentemente ‘ignorada’ pela escola e por outras instituições, não sendo abordada, ou mesmo discutida nesses espaços de modo significativo. Contraditoriamente, evidencia-se, por parte da escola, da igreja e da família, uma preocupação constante em torno da sexualidade, mas visando o seu controle. Devido à tradição humanista ocidental, aprendemos no âmbito educacional a pensar o corpo como um elemento pouco valioso, e que ocupa o lugar da natureza, como algo pronto e estático, e não como esfera da política. Tal argumento é parte de um discurso ilusório, pois

Um olhar mais cuidadoso nos mostra que todos os processos educativos sempre estiveram – e estão – preocupados em vigiar, controlar, moderar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres. Os corpos foram – e são – objeto da mais meticulosa atenção, não apenas das escolas, mas de várias instâncias sociais. Eles são alvo central de muitas pedagogias culturais que, além das instituições escolares e por vezes de forma mais sedutora e eficiente do que essas, veiculam saberes,

transmitem valores e, efetivamente, acabam por “produzir” os sujeitos sociais (LOURO, 2003, p. 1).

Tem razão Furlani (2007, p. 29), quando afirma que “[...] a educação formal [escola] e informal (família, igreja, mídia,...) ao longo da história, tem negado a importância do corpo para satisfação e realização pessoal, o que constitui numa maneira de reprimir a sexualidade”. E a forma repressiva como a sexualidade ainda tem sido tratada não se dá apenas pela ocultação do corpo. Ela também ocorre através da exploração erótica, comercialização e objectualização do corpo, reduzindo-o e transformando-o em objeto de consumo.

Em nossas pesquisas foi possível observar, no contato com o ambiente escolar, que o corpo e o seu movimento sofrem restrições e as necessidades inerentes à vida das crianças não têm sido atendidas. Com exceção dos momentos de recreio⁸ e nas aulas de Educação Física, as crianças passam a maior parte do tempo sentadas, em silêncio, e fazendo atividades repetitivas e que não lhe dão prazer.

Em geral, a escola apela somente ao cérebro, crianças com braços cruzados, atados a si mesmos. Essa era a proposta: amarrar-se o corpo para deixar apenas o cérebro em funcionamento, desconhecendo e expulsando o corpo e a ação da pedagogia. Ainda hoje encontramos crianças que estão atadas aos bancos, a quem não se permite expandir-se, provar-se, incluir todos os aspectos corporais nas novas aprendizagens. [...] e me pergunto também sobre o corpo dos professores desses alunos-cadernos. Não serão também “corposinstruções metodológicas?” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 63-64).

A Igreja, por meio de dogmas estabelecidos, dita o que é ‘certo’, e o que é ‘pecado’ em relação à sexualidade, e não permite que a criança conheça o próprio corpo de um modo saudável, tendo em vista que este é a ‘morada’ do pecado. As famílias que vivem sob os preceitos das igrejas de algum modo tentam inserir na educação dos filhos e filhas os padrões relativos à sexualidade impostos por essas e outras instituições.

Nos últimos tempos têm se evidenciado mudanças relacionadas aos comportamentos sexuais dos indivíduos se sobressaindo uma maior liberdade sexual. Essa conquista é fruto da luta de diversos movimentos de contestação: de jovens, feministas, negros, homossexuais. Mas o contexto atual revela que a forma como os indivíduos vivenciam a sexualidade foi levada para outro extremo, o da descompressão sexual, e a sexualidade se tornou objeto de

⁸ Mesmo nos momentos de recreio observamos um controle do movimento das crianças (4 a 6 anos), em que elas não podiam correr, e ficavam em espaço delimitado do pátio. Já nas aulas de Educação Física dessa realidade específica as atividades eram livres, e as crianças podiam explorar o espaço do pátio, correr e brincar. Mas nem sempre isso se evidencia nas escolas, podendo ser o corpo objeto de atividades mecânicas nas aulas de Educação Física.

consumo do capitalismo. Em momentos anteriores se fazia presente um tipo de repressão que impedia a sua vivência fora do ‘quarto matrimonial’⁹ e hoje se vivencia outro tipo de repressão – a da exposição sexual. “A pornografia, o sexo objetual, é produzida e encomendada, os sexs-shops, vibradores, sexo-em-grupo, novos estímulos, motéis, tudo isso criou uma *quantificação* da sexualidade, sem alterar *qualitativamente* sua significação” (NUNES, 1987, p. 74). A forma de se vivenciar a sexualidade nos dois processos de repressão se distancia das necessidades do ser humano e agora passa a ser controlada pela lógica do consumo.

E para que essa lógica seja compreendida é importante o respaldo teórico sobre as questões que envolvem a sexualidade. O acesso ao conhecimento torna possível aos indivíduos modificarem seu modo de vida. E para o indivíduo se apropriar do conhecimento, ele deve experimentá-lo, senti-lo em seu próprio corpo. Como diz o poeta Carlos Drummond de Andrade: “Nada está separado de nada, e o que não compreenderes em teu próprio corpo, não compreenderás em nenhuma parte”.

No que se refere à formação de professoras é fundamental a professora conhecer a si mesmo, seu corpo, sua sexualidade. O corpo registra a história de vida do indivíduo, nos provou Reich. E para que a professora seja sensível às necessidades de seus alunos, ela precisa estar em contato com o próprio corpo. Os cursos de formação de professoras¹⁰ não têm ainda considerado esse fato. No contexto atual, apesar dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a sexualidade não faz parte dos currículos dos Cursos de Pedagogia da maioria das universidades brasileiras¹¹. A partir da década de 90, têm ocorrido avanços nas discussões relativas à formação docente. Pesquisas constataam que a experiência vivenciada pela professora ao longo de sua vida constrói a base de sua formação, o que envolve tanto aspectos pessoais como profissionais. Nessa perspectiva, essas pesquisas ressaltam várias questões relacionadas à formação de professor: seus saberes, suas práticas, a

⁹ Termo utilizado por Foucault (1976/1988), referindo-se aos costumes da época vitoriana, em que a sexualidade era bem vista apenas entre pessoas casadas e considerada promíscua fora do casamento.

¹⁰ Apesar de estarmos tratando aqui do Curso de Formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, consideramos também a realidade dos currículos de outras licenciaturas, que não possuem disciplina obrigatória para abarcar a discussão sobre a sexualidade. Nos últimos anos têm surgido disciplinas optativas em alguns como é o caso dos Cursos de Pedagogia e Biologia da Universidade Federal de Uberlândia.

¹¹ É válido ressaltar o currículo do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que foi incluída recentemente a disciplina “Educação, saúde e corpo”, que trata das relações entre esses temas; do processo saúde-doença enquanto produto e produtor de uma corporeidade inserida na cultura; das políticas sociais de Educação e Saúde enfatizando as dimensões de gênero, raça/etnia e sexualidade. Disponível em www.ufrgs.br/faced. Consulta em 15-04-07.

carreira e os caminhos profissionais, as biografias e auto-biografias, questões de gênero, raça e identidade (FONSECA, 2002).

Dentre os saberes docentes se destacam os saberes da experiência. Nóvoa (1999, 2000), Tardif (2002), Sacristán (1999), entre outros teóricos, compartilham dessa discussão, considerando que a formação se dá ao longo da vida. Sendo assim, vários aspectos irão influenciar a prática docente e não apenas os adquiridos nos cursos de formação. Ao pensarmos então, em termos de formação de professoras, devemos pensá-la de uma maneira ampla, em sua dimensão profissional e pessoal. Nesse sentido é essencial que a sexualidade seja trabalhada na formação das professoras, tendo em vista que ela possui forte influência ao longo de sua formação: na construção de suas concepções, os saberes experienciais, práticos e teóricos. No corpo das professoras está o registro de suas trajetórias e, entre esses registros, está a dimensão da sexualidade.

Assim, enfatizamos que sexualidade perpassa todo o processo de vida da professora, desde a infância, passando pela adolescência, no contato com diversos professores e professoras, influenciando seu modo de ser quando adulta, e como irá tratar a sexualidade com seus alunos e alunas. Portanto, ela é um aspecto essencial para a formação docente. A forma como cada pessoa vivencia a sua sexualidade, reflete em suas concepções, sua subjetividade, na aceitação ou não de normas e padronizações.

Desse modo, a escola possui um papel de suma importância, que é de repensar os valores concebidos em torno da sexualidade ao longo da história e dar condições aos sujeitos de um conhecimento sem distorções a seu respeito. A compreensão da sexualidade nos permite entender contextos mais amplos, desde as relações sociais, econômicas, às culturais. Tratar a sexualidade a partir dos aspectos biológicos ou morais é prender-se a apenas um aspecto de uma questão mais complexa. É ficar obcecado pelas árvores perdendo a dimensão do bosque, como nos ensina Engels (s/d).

Sendo a sexualidade um dos núcleos estruturantes e essenciais da personalidade humana, esta não se reduz a alguns momentos e comportamentos, mas é, pelo contrário, um complexo que se integra no pleno e global desenvolvimento da pessoa. Desse modo, esta pesquisa investiga a influência da sexualidade na formação de professoras das séries iniciais

do ensino fundamental¹², considerando que esta se dá ao longo da vida e percorre todo seu processo educativo, tanto formal, como informal. Nesse processo a sexualidade se faz presente constantemente, tendo uma influência significativa na personalidade de professoras e professores.

No intuito de desenvolver as idéias anteriormente apontadas, este trabalho está organizado, além dessa introdução, em quatro capítulos. No primeiro procuramos compreender “A SEXUALIDADE EM MÚLTIPLOS CONTEXTOS” e são apresentados os diversos contextos em que esta se evidencia ao longo da história em diferentes áreas do conhecimento. O principal objetivo desse capítulo é mostrar que a sexualidade está vinculada a outras dimensões da vida humana, ou seja, a aspectos econômicos, sociais, políticos e, especialmente, culturais. A partir das discussões apresentadas nesse capítulo, sentimos a necessidade de investigar como a sexualidade está sendo tratada na academia, o que será objeto do capítulo 2, “A SEXUALIDADE HUMANA EM EVIDÊNCIA NO MEIO ACADÊMICO”. Encontramos um vasto material de pesquisas que, em grande parte, abrange o contexto escolar. Embora a produção sobre a sexualidade tenha aumentado nos últimos anos, com relação especificamente à sexualidade da professora ainda há poucos estudos, o que ressalta a relevância desta pesquisa. Diante das constatações, realizamos um trabalho de campo indo ao encontro das professoras no espaço escolar. Tal processo se evidenciará no Capítulo 3 “RUMOS METODOLÓGICOS: DOS CAMINHOS ACADÊMICOS AOS DA ESCOLA”, em que caracterizamos o processo investigativo em suas idéias iniciais, as mudanças ocorridas, os procedimentos metodológicos utilizados, a instituição pesquisada e os sujeitos da pesquisa. A interpretação do processo percorrido é explicitada no capítulo subsequente, “A SEXUALIDADE DE PROFESSORAS E SEUS REFLEXOS NA PRÁTICA ESCOLAR”, em que, partindo das falas das professoras, procuramos compreender a influência da sexualidade em sua formação e prática educativa. Por último, estão as CONSIDERAÇÕES FINAIS da pesquisa.

Este trabalho pretende contribuir para mudanças significativas no modo de se pensar a sexualidade, a vida, o conhecimento e a educação. Este estudo pode dar contribuições importantes para um entendimento efetivo da sexualidade, e também para a formação de

¹² O fato de delimitarmos as professoras como sendo das séries iniciais do Ensino fundamental, se deve ao fato de realmente os sujeitos da pesquisa atuarem nesse nível de ensino, e ainda pela especificidade que as professoras dos anos iniciais possuem, que é uma preocupação nossa desde as pesquisas de Iniciação Científica, por estarem influenciando no processo de construção da personalidade das crianças.

professoras, no que tange à compreensão da sexualidade de uma maneira ampla, permitindo assim lidar com as manifestações da sexualidade na escola de forma mais saudável.

CAPÍTULO I

A SEXUALIDADE EM MÚLTIPLOS CONTEXTOS

*“Amor, trabalho e conhecimento
são as fontes da nossa vida.
Deveriam também governá-la”.*

Wilhelm Reich

Como já mencionamos, a sexualidade possui uma dimensão ampla e de forte influência na maneira de ser do indivíduo. Ela é uma força interna presente no corpo que não se restringe aos órgãos sexuais, mas manifesta-se em todo o corpo; não se limita ao pessoal, mas abrange o social e o político. É algo que pode ser aprendido, ou, mesmo, construído, ao longo da vida, de diversas maneiras. Ela é histórica, sempre aberta a novas significações. Tendo tais pressupostos, aprendemos a compreender a diversidade de práticas sexuais humanas em todo o mundo e a respeitar certos costumes sexuais que em determinadas sociedades são venerados e em outras abominados.

[...] a sexualidade, de maneira privilegiada é este terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articula o ser e o existir individual e o coletivo de cada um de nós. Daí sua grandeza, sublimidade e riqueza. Daí o desafio, a atração, o fascínio que a reflexão provoca. Desafio sempre exigente de coragem, oportunidade de despir-se, no que nos é possível, dos preconceitos, dogmas e tabus tradicionais (NUNES, 1987, p. 16).

Alguns estudos realizados por Engels (1884/1979), Malinowski (1929/1983), Reich (1931/1971) Marcuse (1955/1975), Foucault (1976/1997), Gregersen (1983) e Nunes (1987) evidenciam formas distintas de se vivenciar a sexualidade em diferentes sociedades, influenciadas por diversos valores que variam de acordo com cada cultura e momento histórico. Esses autores tiveram a coragem de refletir sobre os costumes sexuais provocando um repensar das atitudes frente à sexualidade.

Desses autores destacamos Wilhelm Reich¹³ como um teórico significativo para o contexto do século XX, por ter tido a coragem de avançar além dos estudos de Freud sobre a

¹³ Cidadão austríaco por nascimento, de origem judaica, viveu no campo até os 17 anos, quando alistou-se e enfrentou a Primeira Guerra Mundial. Em 1918, quando ao fim da guerra, conseguiu licença para continuar estudando. Ingressou no curso de Direito em Viena e percebeu que não tinha inclinação para a área. Depois

sexualidade. Discípulo de Freud, trabalhou e teorizou na Psicanálise durante 14 anos, sendo expulso posteriormente, em 1934, por suas idéias terem sido consideradas incompatíveis com a Psicanálise.

A teoria reichiana se resume em um conhecimento humano geral do funcionamento da vida, cujo princípio básico, desde suas expressões iniciais até suas formulações últimas, é a energia, entendida primeiramente a partir do conceito freudiano de libido e mais tarde considerada não apenas sexual e presente não só no homem, mas em todo o universo (ALBERTINI, 1994).

[...] na orientação reichiana, não é possível pensar o ser humano a não ser em relação à sua determinação biopsicológica, em relação ao seu meio físico, social e ideológico. Tudo, segundo Reich, está em relação e deve ser pensado de forma sistêmica e funcional.

Nesse sentido, o pensamento funcional reichiano, que até propõe e oferece instrumentos para a análise das partes, não deixa de considerá-las em si e em suas interações e relações com o todo. A atribuição de significado e compreensão de um dado evento é feita, sempre considerando-se o contexto relacional, social e cultural (ALBERTINI, 2005, p. 49).

Pelas características da teoria reichiana apontadas, tomaremos suas proposições teóricas como elemento norteador da compreensão da sexualidade em seus múltiplos contextos.

1. Concepção Reichiana de Sexualidade

O ponto de partida da produção reichiana foi a sexualidade. Durante o Curso de medicina, em 1919, Reich participou da organização de um Seminário de Sexologia, criado pelos estudantes que reconheciam estar sendo negligenciada essa importante questão. Já na primeira reunião Reich se sentiu incomodado pela “maneira como o tema foi tratado (...) faltava-lhe o tom da naturalidade” (REICH, 1942/1987, p. 27). Incomodado, começou a estudar o tema e percebeu que a ‘sexualidade’ permeia todos os campos científicos de pesquisa, sendo “o centro em torno do qual gira a vida da sociedade como um todo, e também o mundo intelectual interior do indivíduo” (1942/1987, p. 28).

Um marco dos estudos da sexualidade foi a obra “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, publicada por Freud em 1905. Nessa obra Freud ressalta a importância da

ingressou, aos 21 anos, na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Com o Nazismo, foi para os Estados Unidos e naturalizou-se norte-americano em 28 de maio de 1946.

observação das crianças e de sua sexualidade, percebendo a importância desta na formação da personalidade¹⁴. A sexualidade e os diferentes mecanismos que se acoplam à sexualidade infantil passam a ser considerados a base da formação do caráter e da personalidade. Como diz Reich (1942/1987, p. 34), Freud abriu uma nova perspectiva para se pensar a sexualidade:

Mostrou que a sexualidade adulta procede de estágios de desenvolvimento sexual na infância. Foi claro imediatamente: sexualidade e procriação não são a mesma coisa. As palavras “sexual” e “genital” não podiam ser usadas uma pela outra. A experiência sexual inclui um campo muito maior que a experiência genital [...]

A influência da sexualidade na formação da personalidade já era, portanto, considerada por Freud, embora tenha restringido, no decorrer do seu trabalho, a ênfase dada à sexualidade. Na citação abaixo o próprio Freud explica seus motivos:

Os *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* não podem conter nada além daquilo que a psicanálise precisa supor ou permite confirmar. Exclui-se, portanto, a possibilidade de que algum dia se ampliem a ponto de constituir uma “teoria sexual”, e é compreensível que não tomem posição acerca de muitos problemas importantes da vida sexual. Mas nem por isso se deve acreditar que tais capítulos omitidos desse grande tema sejam desconhecidos do autor, ou que este os tenha desprezado por considerá-los secundários (FREUD, 1905/2002, p. 9).

Apesar de apresentarem diferentes abordagens, o discurso psicanalítico freudiano e as teorizações reichianas se aproximam, o que pode ser percebido na continuidade que Reich deu ao trabalho que Freud deixou em aberto, traçando posteriormente um percurso teórico próprio. Exemplo disso é a preocupação de Freud com a moral sexual, levantada no texto publicado em 1908, “A moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna”. Reich foi leitor assíduo deste texto e “concorda com a idéia de que a moral sexual ‘cultural’ seria a grande responsável pelo aumento das doenças nervosas, investindo, por consequência, na necessidade de modificações em prol da possibilidade de profilaxia das neuroses” (MATTHIESEN, 2005, p. 53).

Reich chegou até Freud através da sexologia, que na época discutia a sexualidade tendo em vista, as concepções de neuroses atuais e psiconeuroses. Por neuroses atuais Freud

¹⁴ “O termo ‘personalidade’ deriva de *Persona*, que significa máscara. Está em relação estreita com as noções de pessoa e personagem, ao passo que caráter origina-se do grego *Kharasséin* ou *Kharakter* significando, respectivamente, gravação e marca. A primeira destas noções, a de personalidade, é usada, na teoria psicanalítica, no sentido de compreender os interesses gerais da pessoa e o jogo conflitivo destes interesses enquanto se acordam ou se opõem. Personalidade é tomada, então, como sinônimo de aparelho psíquico ou aparelho mental. Já o termo caráter é mais específico. Implica na aquisição e estruturação de um certo número de traços ou marcas, deixadas no sujeito ao longo de seu processo de desenvolvimento, e que determinam, no interior da personalidade, uma postura típica face aos diferentes acontecimentos e situações da vida” (REIS, 1984, p. 24).

considera as enfermidades causadas pelas perturbações presentes na vida sexual. Segundo ele as neuroses atuais, como a neurose de angústia¹⁵ e a neurastemia¹⁶ não possuíam uma origem psíquica, sendo conseqüências diretas da sexualidade reprimida. Freud considerava que o conteúdo psíquico era revelado pelas psiconeuroses, principalmente a histeria¹⁷ e a neurose compulsiva¹⁸. As psiconeuroses seriam “afecções psíquicas em que os sintomas são a expressão simbólica dos conflitos infantis” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2004, p. 389). Freud fazia distinção entre as neuroses atuais e as psiconeuroses, mas, apesar disso, admitia uma relação entre elas, considerando que “toda psiconeurose se desenvolvia em torno de um cerne neurótico atual” (REICH, 1942/1987, p. 84). Tal expressão foi o ponto de partida para as investigações de Reich.

Freud não elucidou a contradição, mas se ateve à diferenciação inicial. Eu, por mim, vi inúmeros sintomas somáticos na clínica psicanalítica. Entretanto, não se podia negar que os sintomas da neurose atual tinham também uma superestrutura psíquica. Os casos de neuroses atuais puras eram raros. A distinção não era tão nítida quanto presumira Freud. (...) Ver-se-á que os problemas realmente decisivos da saúde humana estavam escondidos aí. Em suma, *não havia dúvidas de que as psiconeuroses estáticas tinham uma superestrutura psiconeurótica*. Haveria ainda necessidade de distinguir as duas? Não se trataria apenas de uma questão quantitativa? (REICH, 1942/1987, p. 85).

É nesse contexto de idéias que Reich elabora uma teoria da sexualidade científico-natural, empiricamente estabelecida, a qual denomina economia sexual. Esse estudo germinou no seio da psicanálise e desenvolveu um novo campo científico: a investigação da energia biopsíquica. A pretensão de Reich era entender o funcionamento biológico da vida emocional e pensar a organização da vida humana numa expectativa de viabilizá-la com prazer.

Para tanto, Reich investiga os fenômenos da vida tendo em vista a saúde psíquica e constatando que esta depende da potência orgástica, isto é, “[...] do ponto até o qual o indivíduo pode entregar-se, e pode experimentar o clímax de excitação no ato sexual natural” (REICH, 1942/1987, p. 15). A potência orgástica é a capacidade de abandonar-se ao fluxo energético,

¹⁵ Neurose de angústia: resultado da abstinência sexual ou do *coitus interruptus*.

¹⁶ Neurastemia: causada por uma sexualidade desregrada, como a masturbação excessiva.

¹⁷ Histeria: classe de neuroses que apresentam quadros clínicos diversificados. Suas formas sintomáticas melhor identificadas são a histeria de conversão, em que o conflito psíquico é simbolizado em diversos sintomas corporais, por exemplo, uma crise emocional com teatralidade, ou mais duradouros, como paralisias. Há também a histeria de angústia, em que a angústia é fixada de modo mais ou menos estável em objetos exteriores, através de fobias (LAPLANCHE & PONTALIS, 2004).

¹⁸ Neurose compulsiva: na forma mais típica, o conflito psíquico exprime-se por sintomas chamados compulsivos, como idéias obsedantes; compulsão a realizar atos indesejáveis. Possui um modo de pensar marcado pela dúvida, escrúpulos, e que leva a inibições do pensamento e da ação (LAPLANCHE & PONTALIS, 2004).

livre de inibições. É ainda a capacidade de descarregar por completo a excitação sexual reprimida, através de convulsões involuntárias e agradáveis do corpo (REICH, 1942/1987).

Tal constatação se fez ao perceber que dificuldade na satisfação sexual genital constituía o sintoma básico da neurose, o que corresponde a afirmar a impossibilidade da existência de neurose e genitalidade sadia. “Nenhum único neurótico é orgasticamente potente, e as estruturas de caráter da esmagadora maioria dos homens e mulheres são neuróticas” (REICH, 1942/1987, p. 94).

Diante disso Reich evidenciou concepções diferenciadas quanto ao entendimento do que seja saúde genital. A idéia predominante na época “era a de que um homem era considerado *potente* quando capaz de realizar o ato sexual e ‘muito potente’ quando podia realizá-lo várias vezes ao longo de uma noite” (MATTHIESEN, 2005, p. 55). Contrapondo-se essa idéia, Reich ressalta a importância da genitalidade como aspecto essencial para uma saúde sexual e psíquica (WAGNER, 1996). Sendo assim, as enfermidades resultam da repressão sexual exercida pela sociedade de um modo geral.

[...] a perturbação da genitalidade não é, como se pensava, um sintoma entre outros. É o sintoma da neurose. Pouco a pouco, todas as evidências levaram a uma conclusão: a enfermidade psíquica não é só um resultado de uma perturbação sexual no sentido freudiano lato da palavra; mais concretamente, é o resultado da perturbação da função genital, no sentido estrito da impotência orgástica (REICH, 1942/1987, p. 101-102).

A impotência orgástica é a ausência da capacidade natural de amar, tem por consequência as enfermidades psíquicas. Nesse processo ocorre um bloqueio da energia biológica, que, por não ter sido descarregada completamente, se acumula em determinados grupos musculares resultando um ‘caráter neurótico’. São criadas tensões específicas, que irão interferir na maneira de ser do indivíduo, mas ainda sem a presença de sintomas neuróticos propriamente. Reich observa que, quando o sintoma não existe mais, há um aumento da genitalidade do indivíduo. Mas nem sempre isso ocorre, nos casos em que a energia vai situar-se nos traços de caráter e estes se tornam aceitos como da natureza do indivíduo. Ao investigar a fonte da energia da neurose, Reich constata que seu “cerne não poderia ser outro senão a energia sexual reprimida” (REICH, 1942/1987, p. 91).

Reich considera que a vida está em constante movimento e, segundo ele, é o movimento que vai delimitando o modo como pulsamos e também a nossa forma corporal que conseqüentemente estrutura o nosso caráter.

Reich designa o corpo como um sistema energético e é através dele que se vivencia o mundo externo, que se relaciona com o outro. Durante o desenvolvimento da vida, as tensões corporais vão limitando o movimento natural, a respiração e a emoção. Nessas tensões fica contida a história que as provoca. Como a repressão moral inibe os afetos, vai também mantendo a rigidez nas atitudes de caráter, pois essa inibição aumenta a tensão e provoca uma cronificação da rigidez. Essa cronificação se expressa na estrutura muscular do organismo através da constrição da musculatura, fazendo com que o corpo perca a flexibilidade, a leveza e a espontaneidade. Por ser uma defesa protetora que se tornou crônica, Reich vai designá-la de encorajamento. O caráter é assim uma couraça, uma blindagem defensiva que restringe a mobilidade psíquica da personalidade total (LELIS, 2006, p. 19-20).

Numa sociedade neurótica as enfermidades psíquicas se manifestam nos diversos setores da estrutura social, econômica e familiar, o que reflete no que Reich denominou Peste Emocional.

A expressão “peste emocional” não é depreciativa. Não tem uma conotação de má-vontade consciente, degeneração moral ou biológica, imoralidade, etc. Um organismo cuja mobilidade natural foi continuamente dificultada, desde o berço, desenvolve *formas artificiais* de movimento. Coxeia ou anda de muletas. Do mesmo modo, um homem atravessa a vida com as muletas da peste emocional quando as expressões auto-reguladoras naturais da vida são suprimidas desde o nascimento. A *pessoa* que sofre de peste emocional *coxeia caracterologicamente*. A peste emocional é uma biopatia crônica do organismo. Fez sua aparição na sociedade humana com a primeira repressão em massa da sexualidade genital; tornou-se uma doença endêmica, que tem atormentado os povos do mundo há milênios. Não há razões para supor que ela passe de mãe para filho, de maneira hereditária. De acordo com nossos conhecimentos, é inculcada na criança desde os primeiros anos de vida. É uma doença endêmica, como a esquizofrenia ou o câncer, com uma diferença notável: manifesta-se essencialmente na *vida social* (REICH, 1948/1998, p. 461).

Para este autor a sexualidade é fundamental no jeito de a pessoa ser, ou seja, em seu caráter, que é resultado de todos os processos, das vivências, das experiências do indivíduo. Isso fica claro quando Reich, em sua obra “Análise do Caráter”, analisa o caráter pestilento. A pessoa acometida pela peste emocional é orgasticamente impotente. Sua ação aparente não revela suas verdadeiras intenções. O motivo real de suas ações está escondido e um motivo falso é apresentado. Esse tipo se encontra nas esferas mais importantes da vida, como no misticismo, em sua forma mais destrutiva; na sede de autoridade, passiva e ativa; no moralismo; nos métodos sádicos de educação; na tolerância masoquista; na fofoca e difamação; na burocracia autoritária; nas ideologias de guerra imperialista; na criminalidade anti-social; na pornografia; na agiotagem; no ódio racial. (REICH, 1948/1998). “A energia que alimenta a reação de peste emocional deriva sempre da frustração genital” [...] (REICH,

1948/1998, p. 464). Sua sexualidade se manifesta de forma perversa, sádica e pornográfica, e seu modo de vida será por ela influenciado, o que pode ser visto no quadro a seguir:

Caráter	Pensamento	Ação	Sexualidade	Trabalho
Pestilento	*Perturbado por conceitos irracionais; *Governado quase exclusivamente por emoções irracionais; *Serve para confirmar e racionalizar uma conclusão irracional predeterminada.	*Os motivos da ação são sempre simulados e não corresponde ao motivo real; *Age sob uma compulsão estrutural; *Modifica o ambiente para que sua maneira de ver e viver não seja colocada em risco.	*É sádica e pornográfica; *Caracteriza-se pela existência da lascívia sexual por incapacidade de obter satisfação; *Tem ódio contra todo processo que incite seu próprio anseio orgástico; *É intolerante em questões de sexualidade natural e persegue toda expressão da mesma; *A fofoca e a difamação lhe dão satisfação sexual perversa.	*Odeia o trabalho, é para ele como um fardo; *Foge de qualquer responsabilidade e de tarefas que exigem paciência; *Vislumbra coisas diversas, mas é incapaz de colocar em prática; *Sua vida é feita de fantasias neuróticas; *É incapaz de realizar coisas, força os outros a realizar sua visão doentia; *Trabalha menos que os outros.

É perceptível, a partir desse quadro, a coerência no modo de vida do caráter pestilento. Além desse tipo de caráter, Reich trata do caráter neurótico, que, também impotente sexualmente, anseia pela felicidade sexual, tendo assim uma vida sexual resignada e dedicada, às escondidas, a atividades perversas. Nesse caso, esse caráter é dominado pela angústia, marcada por uma preocupação egocêntrica, sendo indiferente aos outros. Devido a sua estase sexual crônica, ou seja, o represamento da energia no organismo, não consegue alterar o padrão rígido de vida já estabelecido. “Assim, por exemplo, ele concordará com a crítica ao irracionalismo na sociedade e na ciência, mas na prática não irá reformular a si próprio nem ao seu ambiente de acordo com essa crítica” (REICH, 1948/1998, p. 467).

Caráter	Pensamento	Ação	Sexualidade	Trabalho
Neurótico	* Tenta orientar-se por fatos e processos objetivos, mas usa meios para evitar o desprazer; *Pensamento e ação não coincidem.	*Limitada capacidade de ação, pois seus motivos não possuem afeto ou são contraditórios.	*Tem uma vida sexual resignada ou se dedica secretamente a atividades perversas; *Sua impotência orgástica é acompanhada por uma ânsia de felicidade sexual; *É indiferente à felicidade sexual dos outros.	*É mais ou menos limitado no trabalho; *Consome sua energia biológica em evitar fantasias perversas; *A perturbação neurótica do trabalho é devido ao uso inadequado da energia biológica; *O trabalho é rico em potencial, mas superficial e sem alegria; *Insiste compulsivamente em determinar o trabalho dos outros.

O comportamento dos indivíduos com esses tipos de caráter descritos se deve à repressão da sexualidade natural. “A estase da energia sexual é o ponto comum entre a peste emocional e todas as outras biopatias¹⁹” [...] A natureza biopática básica da peste emocional revela-se pelo fato de que, como todas as outras biopatias, pode ser curada pelo estabelecimento da capacidade natural de amar (REICH, 1948/1998, p. 464). Essa capacidade natural de amar é característica básica de um outro tipo de caráter – o genital.

Reich concebe a sexualidade numa ótica multirreferencial e por isso considera o desenvolvimento da sexualidade de maneira saudável como pressuposto para a formação do caráter, que, quando vivido sem bloqueios, é denominado por ele de caráter genital. A sexualidade do caráter genital é essencialmente natural, sendo ele indiferente a perversões e à pornografia, sentindo prazer com a felicidade sexual dos outros. O caráter genital tem ideais revolucionários²⁰, “*luta por uma melhora de suas condições de vida e das condições de vida dos outros*. Isso é o que chamamos de ‘realização social’” (REICH, 1948/1998, p. 469).

¹⁹ Reich usa o termo biopatia para designar todas as enfermidades causadas por uma disfunção básica do sistema neurovegetativo, existindo um comprometimento emocional acompanhado de um físico, como consequência.

²⁰ Ele toma como exemplo desse tipo de caráter Jesus Cristo, colocando que “Cristo não erra o alvo porque mantém perfeito contato com o que se passa à sua volta. Ele pode ver o que eles não vêem porque está aberto a ver. Ele contempla uma paisagem e se dá conta da unidade que ali reina” (REICH, 1953/1987, p. 25).

Caráter	Pensamento	Ação	Sexualidade	Trabalho
Genital	*Orienta-se para fatos e processos objetivos; *Distingue o essencial do menos essencial; *Pensamento corresponde às ações; * Não é mecanicista, nem místico.	*Capacidade de se adaptar; *Seus objetivos e motivos são racionais, ou socialmente orientados.	*Determinada essencialmente pelas leis naturais fundamentais da energia biológica; *Sente prazer com a felicidade sexual dos outros. *É indiferente a perversões e tem aversão à pornografia.	*Tem um interesse ativo no processo de trabalho; *O resultado no trabalho é alcançado sem esforço especial, por acontecer espontaneamente; *Influencia o desempenho no trabalho através do exemplo.

É nítido como a sexualidade conduz a vida do indivíduo como um todo, sendo um aspecto fundamental de adaptação e alienação dos sujeitos. Reich (1948/1998, p. 470) cita o exemplo da atitude de uma pessoa de caráter neurótico e de um pestilento, relacionando sexualidade e trabalho:

Uma solteirona de caráter neurótico tem uma vida resignada e não interfere na vida amorosa das mulheres jovens; uma solteirona acometida de peste, por sua vez, não pode tolerar a felicidade sexual das outras mulheres. Se for professora, com certeza *irá tornar* suas alunas *incapazes* de experimentar a felicidade sexual. Isto é válido para todas as situações da vida.

Exemplifica o comportamento de um educador autoritário e severo, contaminado pela peste emocional, que diz serem as crianças difíceis de ensinar e justifica a utilização de seus métodos com diversos argumentos superficiais para sustentar sua convicção de que atua dessa forma pelo bem das crianças (REICH, 1948/1998).

Ele faz uma crítica aos métodos de educação infantil autoritários, que limitam a criatividade da criança, evidenciando neles a origem da angústia de prazer dos adultos.

A predeterminação de como o brinquedo deve funcionar e as instruções rígidas sobre a maneira de montá-lo sufocam a imaginação e a *produtividade* da criança. O moralismo compulsivo só tolera o êxtase místico; não tem paciência para o entusiasmo autêntico, e é por essa razão que sempre falta entusiasmo no que diz respeito ao trabalho. Uma criança que precisa montar uma casa *pré-planejada*, com blocos *pré-planejados*, de maneira *pré-planejada*, não pode usar a imaginação nem desenvolver nenhum entusiasmo (REICH, 1948/1998, p. 472).

Reich (1948/1998, p. 485) afirma: “a sexualidade não é tudo na vida. [...] em pessoas saudáveis, a sexualidade não é um tópico de conversa ou o centro de seu pensamento”. Mas

devido ao seu processo repressivo, a sexualidade tem ocupado grande parte do pensamento do homem. Desse modo, apenas o indivíduo saudável, definido por Reich como caráter genital, pode compreender a sexualidade com essa naturalidade.

As teorizações reichianas sobre a sexualidade em determinados momentos ressaltaram a questão da genitalidade para fim de suas investigações. Mas em nenhum momento Reich exclui uma concepção de sexualidade ampliada.

[...] Reich não teria reduzido o conceito psicanalítico de sexualidade ao de genitalidade, e sim utilizado o mesmo conceito de sexualidade da psicanálise, embora tenha ampliado esse conceito que, para Freud, parecia estar, segundo Reich, atrelado à função da “reprodução”. Ao contrário de Freud, Reich apostou na evidência da energia sexual, fato que o impulsionou, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1940, à pesquisa de laboratório para descobrir a “energia palpável física”, ou melhor a “libido *in vitro*” [...] (MATTHIESEN, 2005, p. 62-63).

Os estudos de Reich acerca da quantificação, ou, ainda, materialização da energia sexual, levaram a interpretações equivocadas da teoria reichiana, como se ele houvesse restringido o conceito de sexualidade ao de genitalidade. Mas consideramos a visão reichiana de sexualidade de forma ampliada, refletindo em todos os aspectos da vida do indivíduo.

As investigações reichianas, de um modo geral, buscaram a prevenção das neuroses e uma das conclusões a que Reich chegou é de que a solução das neuroses humanas está na prevenção da couraça na criança.

[...] Reich certificou-se dos limites da terapia do adulto e, não por outro motivo, registrou que somente pela prevenção da couraça, que se inicia na infância, é que se poderia eliminar o “sofrimento das massas”. Assim, ao se assegurar que a terapia do adulto estaria aquém de seu intuito profilático, proclamou, em nome do princípio de auto-regulação – espécie de potencial natural inerente à criança –, a necessidade de preservação desde o “protoplasma não afetado” (MATTHIESEN, 2005, p. 203).

Desde o nascimento, através do mecanismo do prazer, a criança possui uma atitude positiva em relação à sexualidade. O meio social é quem determina a sobrevivência desta atitude ou a substitui por sentimentos de culpa e pela ansiedade genital, sendo esta última inserida de várias maneiras na vida sexual pela sociedade (REICH, 1931/1971). “A formação das massas no sentido de serem cegamente obedientes à autoridade se deve não ao amor parental mas à autoridade da família. A supressão da sexualidade nas crianças pequenas e nos adolescentes é a principal maneira de conseguir essa obediência” (REICH, 1942/1987, p. 17).

Reich critica medidas disciplinares rígidas que impedem qualquer manifestação da criança ou mesmo o outro extremo, que seria medidas negligentes que geram crianças mimadas, mal-educadas e sem limites (MATTHIESEN, 2005).

Nem a total inibição dos instintos nem a frustração tardia, e portanto necessariamente brutal, demonstram por parte dos educadores a menor compreensão do conflito Criança-Mundo. A solução ideal – pelo menos em teoria – é uma educação que permita aos instintos alcançar primeiro certo grau de desenvolvimento, para depois – sempre num ambiente de boas relações com a criança – introduzir paulatinamente as frustrações. Se nos dois primeiros anos de vida da criança foram cometidos erros graves, depois dificilmente será possível corrigi-los. As tarefas da educação começam já com o nascimento (REICH, 1926/1980, p. 12).

Ao centrar suas pesquisas na prevenção do encorajamento da criança, de forma preventiva, Reich defende que, enquanto a educação for orientada por políticos, não será possível formar crianças com caráter independente. Mas nós, educadores, podemos auxiliá-las no sentido de contribuir na construção de suas estruturas de caráter, com “vigor biológico que lhes possibilitem tomar decisões próprias, encontrar seus próprios caminhos, construir seu próprio futuro e o de seus filhos, de maneira racional.” (REICH, 1984, p. 6-7) (tradução nossa)

E pensar na saúde da criança nos leva a pensar também na saúde do educador e, conseqüentemente, em sua sexualidade. Reich indica ser a sexualidade sem bloqueios característica essencial para o equilíbrio do corpo e, portanto, para sua saúde. É possível pensar tal aspecto em termos de prática docente? Por que, apesar das adversidades, algumas professoras conseguem desenvolver um trabalho gratificante? Uma vivência satisfatória da sexualidade influencia na maneira de ser da professora? A saúde do educador passa pela sua sexualidade?²¹

Diante dessas indagações, retomamos as preocupações de Reich relativas à genitalidade e do que vem a ser um comportamento genital. “[...] *todos os meus pacientes, sem exceção, estavam seriamente perturbados na sua função genital*” (REICH, 1942/1987, p. 93). Ele considerava que os mais perturbados eram os que gostavam de exibir sua masculinidade e se vangloriavam de terem relação várias vezes numa mesma noite. “Para o homem ostensivamente potente a relação sexual significa penetrar, dominar ou conquistar

²¹ Esta perspectiva será analisada no Capítulo 3 a partir de uma pesquisa de campo que realizamos.

uma mulher. Quer apenas provar a sua potência, ou ser admirado pela sua resistência eretiva” (REICH, 1942/1987, p. 93).

Essas características são ausentes no indivíduo saudável, que possui uma necessidade sexual natural e é capaz de entregar-se à relação amorosa e sentir prazer nesse ato. “Um homem essencialmente livre da peste emocional e orgasticamente potente não se deixa dominar pelo medo quando um médico discute a dinâmica dos processos naturais da vida. Pelo contrário, mostra um interesse vivo” (REICH, 1948/1998, p. 473). O indivíduo saudável é facilmente reconhecido pelo bom contato que estabelece com crianças saudáveis, considerando natural que elas sejam orientadas sexualmente.

[...] lutar pela – ou lutar contra a – sexualidade é fútil e inútil. Por causa dessas distorções o moralista pode sair, deve sair, e sairá vencedor. A distorção não pode ser tolerada. A mulher moderna tem aversão à sexualidade de homens que obtêm a sua experiência em bordéis, e adquirem das prostitutas a sua irritação contra o sexo. O ato sexual animal puro e simples é um aviltamento. Nenhuma mulher sensível quer “deixar-se usar”. Isso é o que causa um impasse nas discussões, e torna tão difícil a luta por uma vida sã. [...] Quando falo de sexo, não me refiro ao ato sexual animal, mas à posse inspirada pelo amor genuíno: não – urinar na mulher – mas “fazê-la feliz”. Nenhum progresso pode ser feito a menos que se estabeleça a distinção entre as práticas inaturais da vida sexual, práticas que se desenvolveram em um nível secundário, e as necessidades profundamente arraigadas de amor, que se encontram em todo o mundo (REICH, 1942/1987, p. 165).

Como vimos anteriormente, os indivíduos neuróticos e os acometidos pela peste emocional sofrem inúmeras perturbações em seu modo de viver.

Assim, considerando que a supressão da sexualidade desde a infância é fator determinante de biopatias, perversões e neuroses, tal aspecto é certamente fundamental para se trabalhar no campo educacional. E nesse sentido destaca-se o papel das professoras como essencial para garantir um processo educativo saudável e prazeroso para as crianças.

O destino da raça humana será formado pelas estruturas de caráter das crianças do futuro. Em suas mãos e em seus corações estarão as grandes decisões. Elas terão de limpar a bagunça deste século XX. Isto diz respeito a nós que estamos morando hoje no meio desta grande confusão. (REICH, 1984, p. 5). (tradução nossa)

2. As Interfaces sexuais e seus múltiplos contextos

Historicamente a sexualidade humana tem sido, em determinadas culturas, submetida a um processo repressivo que tem acarretado diversos problemas para a humanidade. “O fato de, hoje em dia, tudo girar em torno do sexo é a indicação mais segura de que há uma perturbação grave, não só no fluxo de energia sexual do animal humano, mas, em consequência dessa perturbação, em seu funcionamento biossocial” (REICH, 1948/1998, p. 486). A superação dessa problemática exige o entendimento dessa perturbação no cotidiano da vida individual e coletiva, pois assim como Reich (1948/1998, p. 491, grifos do autor) acreditava, *“só o restabelecimento da vida amorosa natural das crianças, adolescentes e adultos pode livrar o mundo das neuroses de caráter e da peste emocional em suas diversas formas”*. Tal fato justifica a necessidade dos estudos e discursos acerca da sexualidade.

É válido ressaltar que pensar dialeticamente a perspectiva de superação desse contexto repressivo envolve a idéia de lutar por mudanças tendo em vista não apenas os aspectos subjetivos da história, já que “as necessidades biológicas, a alimentação, e o desejo sexual determinam fundamentalmente a necessidade da organização social dos homens” (REICH 1936/1966, p. 26). Engels (1884/1979, p. 2), em seus estudos acerca das origens da família, da propriedade privada e do Estado, anteriormente a Reich, faz essa constatação.

De acordo com a concepção materialista, o fator decisivo na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida imediata. Mas essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado, a produção de meios de existência, de produtos alimentícios, habitação, e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie. A ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por essas duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família de outro.

O destaque a ser feito aqui é o fato de que a dinâmica sexual está na centralidade das diversas formas de organização social. Sendo assim, podemos dizer que os problemas mais íntimos, mais individuais, estão no centro dos problemas mais graves ao nível macro da sociedade (MURARO, 1983).

Tal fato é observável durante o período histórico do matriarcado e do patriarcado. No matriarcado, por exemplo, vigorava um caráter coletivo, dirigido por mulheres. A propriedade era coletiva e baseada na caça, na pesca e no clã primitivo; era estruturada sob a divisão sexual do trabalho com vistas a uma estrutura funcional e organizada para a sobrevivência

coletiva, ou seja, as mulheres trabalhavam nos limites territoriais da tribo, e os homens saíam à caça. Por milhares de anos a humanidade viveu sob orientação das mulheres, que detinham possibilidades de observar, experimentar e pesquisar novas tecnologias e maneiras de subsistência, sendo a agricultura uma importante descoberta feminina. Com relação à sexualidade no período tido como ‘matriarcado primitivo’, temos alguns aspectos que podem ser destacados, como o fato de que

as divindades são concebidas como elementos primeros femininos e variam em características e formas envolvendo a fertilidade. Como consequência a sexualidade, ao se ver envolvida de uma significação mítica, é concebida como sagrada e divina, com o predomínio da função da mulher, como apanágio feminino (NUNES, 1987, p. 35).

Nessa forma de organização ressaltava-se a vida coletiva e o trabalho e as mulheres engendraram as primeiras profissões a fim de transmitir a herança cultural e social. Elas foram as primeiras trabalhadoras, lavradoras, cientistas, doutoras, arquitetas, engenheiras, professoras, educadoras e artistas (NUNES, 1987). O poder e o prestígio das mulheres, que surgiam das funções procriadoras, alcançaram seu ponto máximo com a primazia de suas atividades socialmente úteis. A sexualidade feminina garantia poderes à mulher, pois dela, “em última instância, depende o controle da reprodução da espécie” (MURARO, 1983, p. 20). A partir desses acontecimentos ocorreram mudanças nas formas organizativas da sociedade matriarcal, que passou a se fixar territorialmente, levando, portanto, à sedentarização. As transformações sociais provocadas pela sedentarização levaram, entre outras consequências, a que o homem perdesse sua identidade de caçador, à conquista da agricultura, da fiação e da tecelagem como funções e privilégios das mulheres e também à produção de excedentes. Há ainda deixar outros aspectos, como os citados por Freud, que influenciaram no processo de civilização.

[...] os primeiros atos de civilização foram a utilização de instrumentos, a obtenção do controle sobre o fogo e a construção de habitações. Entre esses, o controle sobre o fogo sobressai como uma realização extraordinária e sem precedentes, ao passo que os outros desbravaram caminhos que o homem desde então passou a seguir, e cujo estímulo pode ser facilmente percebido. Através de cada instrumento, o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento (FREUD, 1930/1978, p. 151).

As primeiras formas de sociedade patriarcal começaram a surgir quando o homem se apropriou dos meios de produção, ficando a mulher destinada à função de mãe. A organização desse tipo de sociedade é controlada pelos homens, ressaltando-se as funções de pai e chefe.

Daí se tem as principais características presentes no patriarcalismo, como o surgimento de representações como a religião, a submissão da mulher, o casamento, a prostituição.

A família matriarcal é natural e biológica, enquanto a família patriarcal é social, econômica e política. Essa última caracteriza-se ainda por ser uma sociedade autoritária, em que a repressão sexual se torna a base das inibições psíquicas. No processo de constituição da família se reflete o movimento de organização social. Na verdade, a família é o elemento ativo desse processo, nunca permanece estacionária, passando “[...] de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado” (ENGELS, 1884/1979, p. 30). Engels, citado a seguir, torna mais clara a questão.

Os sistemas de parentescos e formas de família, a que nos referimos, se difere dos de hoje no seguinte: cada filho tinha vários pais e mães. [...] Encontramos-nos frente a uma série de formas de família que estão em contradição direta com as até hoje admitidas como únicas válidas. A concepção tradicional conhece apenas a monogamia, ao lado da poligamia do homem e talvez da poliandria de uma mulher, silenciando como convém ao filisteu moralizante – sobre o fato de que na prática aquelas barreiras impostas pela sociedade oficial são tácita e inescrupulosamente transgredidas. [...] Essas modificações são de tal ordem que o círculo compreendido na união conjugal comum, e que era muito amplo em sua origem, se estreita pouco a pouco até que, por fim, abrange exclusivamente o casal isolado, que predomina hoje (ENGELS, 1884/1979, p. 31).

O surgimento da família, com a estipulação de papéis a cada um de seus componentes, traz uma importante modificação nas relações humanas. “As designações ‘pai’, ‘filho’, ‘irmão’, ‘irmã’ não são simples títulos honoríficos, mas, ao contrário, implicam sérios deveres recíprocos, perfeitamente definidos, e cujo conjunto forma uma parte essencial do regime social desses povos” (ENGELS, 1884/1979, p. 29).

Para bem entender esse processo histórico, Reich, utilizando-se as pesquisas de Malinowski, analisa a vida sexual dos trobriandeses²², que vivem numa sociedade matriarcal, e a compara com outra sociedade²³ primitiva das proximidades, que difere daquela em sua organização social, tendo características do patriarcalismo primitivo. Suas investigações fazem uma relação entre a organização social, a economia sexual e as neuroses.

²² As Ilhas Trobriand formam um arquipélago, com uma área de aproximadamente 440 km², ao longo da costa oriental da Nova Guiné. A grande maioria de seus habitantes (± 12.000) vivem na ilha principal: Kiriwina. Esta é, também, o local da sede governamental, Losuia. Outras grandes ilhas do arquipélago são: Kaileuna, Vakuna e Kitava. (Wikipédia. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilhas_Trobriand. Consulta em 16-08-07)

²³ A sociedade do povo primitivo das ilhas de Amphlett, localizadas ao sul das ilhas de Trobriand.

Os trobriandeses dispunham de uma extensa margem de liberdade e de muitas oportunidades para a experiência sexual, a mulher não era considerada inferior ao homem no que se refere à iniciativa, ou à auto-affirmação e a vida em comunidade não era perturbada, apesar da ausência de moral sexual. “Os primitivos têm uma capacidade total para a relação sexual; o homem civilizado não pode alcançar a satisfação genital, porque a sua estrutura sexual foi desgastada neuroticamente pelas inibições morais adquiridas pela educação” (REICH, 1931/1971, p. 44). Daí advém a confirmação da proposição já feita de que as neuroses têm origem numa vida genital inibida e, numa visão sociológica, concebe-se que a moral que provoca a repressão sexual está na base da estase sexual e transforma os conflitos psíquicos diários em conflitos neuróticos. Devido à inibição da genitalidade, todas as exigências pré-genitais são sobrecarregadas com energia, o que em determinadas condições emerge em perversões.

[...] a educação sexual moralista faz a sua aparição na história da humanidade associada ao interesse pelo lucro econômico e se desenvolve paralelamente a este, as neuroses são uma característica da sociedade que apresenta uma organização patriarcal. As observações e as investigações comparativas de Malinowski fornecem a prova irrefutável destas conexões, convencendo-nos ao mesmo tempo da possibilidade de auto-regulação da vida sexual pela satisfação genital (REICH, 1931/1971, p. 48).

A vida sexual dos trobriandeses é regida pela economia sexual, em que os indivíduos possuem uma economia energética naturalmente regulada, ou seja, obedecendo à satisfação do instinto sexual e não a normas morais. As primeiras experiências sexuais dos nativos se iniciam cedo, possuindo as crianças uma liberdade e independência envolvendo também o domínio sexual, sendo capazes de ensinar e explicar os complexos aspectos das atividades que praticavam. Contrariamente a isso, em regimes ditatoriais

[...] a repressão autoritária da criança serve para produzir uma estrutura conveniente submissa em conformidade com a organização da sociedade em geral e que se reproduz constantemente na criança. Da mesma maneira que neste caso os pais são os instrumentos executivos da ordem dominante, e a família a sua fábrica ideológica, a sociedade matriarcal, na medida em que seja ainda diferente, reproduz-se ideologicamente permitindo que a estrutura psíquica da criança se desenvolva livremente (REICH, 1931/1971, p. 34).

Entre os trobriandeses os jogos sexuais infantis são praticados sem restrições ou proibições. “A atitude dos adultos e mesmo dos pais face a esses prazeres infantis é de completa indiferença ou de complacência – acham-nos naturais e não vêem motivo para repreender ou interferir” (REICH, 1931/1971, p. 31). Este aspecto contribui para que a criança

pratique os jogos sexuais acompanhada de uma atitude interna tranqüila. Nesse sentido se destaca também a importância da atitude dos educadores com as crianças. A partir do estudo da economia da função genital, considera-se o ato sexual como menos importante que as atitudes psíquicas conscientes ou inconscientes que o acompanham (REICH, 1931/1971).

Ainda em relação à atitude dos pais entre os trobriandeses, esta é benévola e amigável, não existindo uma moral negadora da sexualidade, e sim o desenvolvimento de um ego afirmativo e ideal. Pela regulação natural da sexualidade dos indivíduos, o incesto não é tido entre eles como um tabu ou restrição. O interesse demasiado por um objeto incestuoso somente ocorre pela restrição geral da vida instintiva, o que acontece também com todos os outros impulsos instintivos excessivos. Como há ausência de restrições, os indivíduos são conscientes de que o incesto é proibido, mas não precisam reprimi-lo.

Os povos primitivos das ilhas de Amphlett, se assemelham aos trobriandeses no que se refere à raça, aos costumes e à linguagem, mas diferenciam-se quanto organização social. “Têm uma moral sexual estrita no que diz respeito às relações sexuais pré-maritais, que condenam, e não têm instituições como as dos trobriandeses, que favoreçam a vida amorosa genital” (REICH, 1931/1971, p. 48). Apesar de sua organização estar baseada em linhas matriarcais, demonstram uma autoridade patriarcal intensa, juntamente com a repressão sexual, possibilitando um contexto de infância semelhante ao nosso. Ainda nesse sentido, temos os povos Mailu²⁴, que possuem uma organização totalmente patriarcal, da qual se destaca a autoridade paterna e um código inteiramente estrito de uma moral sexual repressiva.

Uma diferença básica identificada entre os povos citados que possuem uma organização patriarcal e os trobriandeses, é de que nos primeiros são identificadas biopatias como a histeria e a neurastenia, ausentes entre os trobriandeses. Isso se deve a repressão sexual presente no sistema patriarcal e a ausência da mesma no matriarcalismo.

A história da formação da ideologia ensina que todo sistema social, consciente ou inconscientemente, se serve da influência das crianças de cada geração no seu próprio sentido para se enraizar na estrutura dos homens. Se acompanharmos a espécie desse enraizamento da ordem social na estrutura psíquica das crianças na mudança da sociedade matriarcal para a patriarcal, poderemos constatar que no centro da influência se encontra a educação *sexual* da criança. Na sociedade matriarcal, que se baseia na ordem social do comunismo primitivo, as crianças não estão sujeitas a nenhuma limitação de sua liberdade sexual. No mesmo ritmo do

²⁴ Comunidade que habita a costa sul da Nova Guiné.

desenvolvimento das células germinativas patriarcais na economia e na estrutura social, também se desenvolve a ideologia ascética para a vida infantil. Essa reversão na atitude com respeito à vida sexual das crianças se encontra a serviço da geração de estruturas orientadas autoritariamente em lugar das presentemente não-autoritárias. Na sociedade matriarcal, a sexualidade *coletiva* das crianças corresponde de modo geral à vida *coletiva*; isto é, a criança não é forçada por quaisquer normas a adotar formas determinadas de vida sexual. A sexualidade livre da existência infantil fornece uma base estrutural firme para o enquadramento voluntário na vida coletiva e para a disciplina de trabalho voluntária (REICH 1936/1966, p. 311).

Do explicitado acima é válido destacar o papel do pai, que passa a ser fundamental, como arquétipo da dominação, dando início a uma reação em cadeia de escravização, rebelião e dominação reforçada, que caracteriza a história da civilização (MARCUSE, 1955/1975). Essa é uma das marcas que estruturam a lógica capitalista.

Tal processo tem suas origens num modo de viver fragmentado, herança de Descartes, que nos presenteia com a modernidade. A modernidade é um tipo de mentalidade que, ao longo dos últimos séculos, foi se instalando e desenvolvendo entre os homens. A Idade Moderna foi marcada por importantes descobertas: as grandes navegações, que colaboraram para a fixação de outro ponto em volta do qual o mundo iria girar; o método de dúvida sistemática com René Descartes, que levou a questionamentos de verdades há muito estabelecidas, separando a relação do homem com o mundo em dois pólos diferentes; a revolução epistemológica no século XVII promovida por Galileu, que, através do estudo do movimento dos corpos, criou equações e desenvolveu uma radical alteração no entendimento sobre o conhecimento; os estudos de Kepler, com uma preocupação estética, nos quais os planetas eram correspondentes a notas musicais (DUARTE JR., 2002). Este período teve por característica uma grande expectativa com o futuro. Os indivíduos empenharam-se em lutar dia após dia motivados por sonhos e esperanças diversas, mas todos eles de uma mesma matriz utópica, que levava a um futuro pleno de alegrias e possibilidades para o ser humano.

O século XVIII trouxe um acontecimento de grande importância para a história da humanidade – a Revolução Industrial. Com ela se realizaram mudanças em todos os setores da vida humana, no que diz respeito aos hábitos diários, à configuração das cidades, indo desde as relações pessoais até as transações comerciais. Na verdade, esta Revolução significou um processo de reeducação do corpo. A lógica de trabalho do operário passou a lhe ser externa e indiferente às suas próprias necessidades corporais. A vida passou a ser controlada por ordens externas e indiferentes à vontade do ser humano, sendo que, a partir

desse momento, o princípio condutor da vida passava a ser o quantitativo e não mais o qualitativo. O relógio mecânico se tornou um instrumento central de controle e vigilância dos hábitos cotidianos (DUARTE JR., 2002).

Desde o fim do século XVIII, a história é concebida como um processo mundial que gera problemas. Nele, o tempo é entendido como um recurso escasso para a superação prospectiva dos problemas que o passado nos legou. Passados exemplares nos quais o presente pudesse confiantemente orientar-se esvaneceram-se. A modernidade já não pode emprestar-se seus padrões de orientação de modelos de outras épocas (HABERMAS, 1987, p. 103).

No início do século XVII, os valores referentes à sexualidade eram menos rígidos que no século XIX. Não se procuravam os segredos para as práticas; falava-se sobre elas sem demasiado disfarce; eram permitidos discursos sem vergonha, mostrar a anatomia. Na época vitoriana a sexualidade passou a ser reconhecida apenas no quarto dos pais. Assim, “a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (FOUCAULT, 1976/1997, p. 10). Este autor classificou a sexualidade como legítima – aquela vivenciada dentro do matrimônio, com fins à procriação, e a ilegítima – a dos que se aventuraram a praticá-la fora do casamento. Acrescenta-se a isso o fato de somente a sexualidade adulta ser reconhecida neste período, ficando a sexualidade infantil abafada pela cegueira, surdez e mutismo originários da falta de conhecimento quanto à sua existência (SILVA, 2001).

De um modo geral, a cultura vitoriana caracterizava-se por uma rígida estrutura de classe. A moralidade sexual e o excessivo recato sexual eram os padrões reconhecidos, sendo a austeridade, a compostura e a submissão as atitudes aceitas. As maneiras de falar e de vestir eram cuidadosamente controladas e vigiadas, sobretudo na sociedade burguesa: as mulheres usavam espartilhos bem apertados e os homens, colarinhos duros. O respeito pela autoridade era a ordem estabelecida (LOWEN, 1983, p. 20).

O hábito de vestir roupas apertadas era uma forma de controle, visto que não permitia que as pessoas respirassem naturalmente e, com isso, não percebessem as sensações do seu próprio corpo. Nessa época uma das neuroses mais comuns na sociedade era a histeria, sendo esta conseqüência do recalque da excitação sexual. Nesse sentido, por vezes os indivíduos tinham paralisias, sem que nenhuma base física pudesse explicá-las. Havia também casos em que as forças repressivas sufocavam qualquer expressão de sentimento, ou sensações,

ocorrendo constantes desmaios, comuns entre mulheres vitorianas, quando constrangidas publicamente com alguma manifestação de sexualidade (LOWEN, 1983).

Entre os séculos XVII e XVIII existiam apenas teorias pouco sistematizadas sobre sexo e procriação, determinadas pela natureza biológica desses estudos. O século XIX teve como herança essas bases teóricas, e a sexualidade só merecia atenção da medicina, e apenas quando a saúde ou algum tipo de disfunção orgânica era afetada, estando o comportamento sexual distante de representar para ela um tema de preocupação. No entanto, foi fundamental a interferência produzida pelas Ciências Biológicas para que, posteriormente, estas contribuições fossem trabalhadas e ampliadas no campo das Ciências Humanas. O século XX teve como marco grandes conquistas no que diz respeito ao conhecimento do homem, com avanços nos estudos em Psicologia, Psicanálise, Antropologia e Pedagogia. Ainda nesse período são encontradas as primeiras e simples experiências de educação sexual, mas sem uma sistematização institucional. Mas é no século XXI que o entendimento da sexualidade se torna mais significativo para a possibilidade de um trabalho de Educação Sexual (SILVA, 2001). Pelo visto, começamos a chegar numa compreensão de totalidade da sexualidade, em que arte e ciência erótica são concomitantemente consideradas, pois, como expressa Foucault (1976/1997), por vários séculos cada uma dessas dimensões era abordada como verdade única.

A *ars erotica* e a *scientia sexualis* existiram como procedimentos para produzir a verdade sobre o sexo. “Por *ars erotica* entende um conjunto de técnicas, um saber prático, ao mesmo tempo espiritual e físico, que freqüentemente teve forma literária ou poética, dirigido ao prazer sexual associado ao reconhecimento de suas diversas intensidades, durações, qualidades e reflexos no corpo e no espírito” (SOUZA, 1997, p. 13). Algumas sociedades, em detrimento da *scientia sexualis*, se dotaram de uma *ars erotica*, como o Japão, a China, a Índia, dentre outros²⁵.

[...] Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e, portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverbações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática

²⁵ Hoje alguns desses países passaram por um processo de capitalização, como é o caso da China e do Japão, o que provavelmente influenciou a maneira de os indivíduos conceberem a sexualidade, devido às mudanças provocadas no meio social como um todo.

sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos (FOUCAULT, 1976/1997, p. 57).

Em muitas culturas a *ars erotica* se confunde com o sagrado, enquanto que em outras está relacionada com a busca de maior prazer, ligada à experiência de transfiguração mística. Referindo-se ao aspecto sagrado da *ars erotica* em algumas culturas, Gregersen (1983, p. 159) evidenciou uma relação entre o sagrado e a prostituição. “A prostituição sagrada (ou de templo) refere-se a diferentes costumes, nos quais o ato sexual é realizado como parte de um ritual religioso, ou por pessoas que de algum modo possam ser sacramentadas, ou em locais sagrados”.

Um importante exemplo de manifestação da *ars erotica* foi desenvolvido pela Índia, que corresponde às exóticas técnicas sexuais registradas no livro do Kaama suutra (preceitos do prazer) de Vaatsyaayana, tidas pelos devotos indianos²⁶ como uma revelação dos deuses (GREGERSEN, 1983).

Quanto à *scientia sexualis*, esta é praticada unicamente pela civilização ocidental a partir do século XVIII, quando a ciência revela a fisiologia da reprodução e cria-se o saber médico. Ela é resultado de uma apropriação cada vez maior da sexualidade e de sua normatização pelo discurso científico. Este momento histórico é crucial para uma compreensão da história científica relativa ao sexo. Sendo assim, só a nossa civilização não possui a *ars erotica*.

Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão (FOUCAULT, 1976/1997, p. 57-58).

As mudanças efetuadas ao longo dos últimos quatro séculos são resultantes de dois processos: a laicização da vida e a separação entre a Igreja e o Estado, que provocaram a desregulamentação da conduta sexual como exclusividade dos cânones jurídicos e da religião. O sexo passa a ser assunto de Estado, preocupando-se com o controle demográfico e seus reflexos econômicos, como também um assunto pedagógico, na época quando se iniciam os primeiros liceus. Através da repressão e silenciamento da sexualidade, a escola, passou a falar de maneira incessante do sexo, através do controle constante, do confinamento, da separação

²⁶ Há evidências de que tais técnicas eram conhecidas apenas pela elite social da Índia (GREGERSEN, 1983, p. 9).

entre os sexos, em sua arquitetura, na guerra contra a masturbação. E quando tratamos de economia em relação ao sexo, percebemos que os interesses de nosso modo de produção funcionam em torno dessa lógica.

[...] A crônica menor do sexo e de suas vexações se transpõe, imediatamente, na cerimoniosa história dos modos de produção: sua futilidade se dissipa. Um princípio de explicação se esboça por isso mesmo: se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se? (FOUCAULT, 1976/1997, p. 11).

No discurso médico do século XVIII a sexualidade humana é comparada à sexualidade animal voltada para a propagação da espécie – à reprodução. Com isso se distancia a sexualidade da subjetividade. “[...] o discurso ético, estético e o plano de relacionamento humano que a sexualidade envolve não têm aí mais lugar” (SOUZA, 1997, p. 14). Uma longa tradição na história ocidental iniciou-se com um discurso científico e médico que prescrevia sobre a sexualidade humana, ditando a normalidade, apontando seus desvios e acusando sinais de anormalidade. É o reinado da *scientia sexualis*.

Ao investigar o enfoque negativo em torno da sexualidade, observamos que este é predominante na cultura ocidental, o que não é observado na maneira como a cultura oriental concebe a sexualidade, vista como *ars erotica* (FOUCAULT, 1976/1997). A doutrina cristã herdada pelos ocidentais reforça a dualidade entre corpo e alma, acentuando a visão negativa do corpo, como também dos prazeres provenientes dele. Furlani (2007, p. 30) comenta que na concepção de Santo Agostinho no corpo “reside o princípio do mal, da luxúria, do prazer como malícia; é templo do pecado, lugar de perdição”.

Para o Cristianismo o corpo foi e é associado ao componente mortal (e mundano). Em contrapartida, a alma seria seu aspecto imortal (sagrado). [...] A Igreja Católica continua a reforçar o dualismo entre corpo e alma, numa tácita associação de oposições: de um lado, valorativamente positiva, está a alma relacionada com o bem, o espírito, a virtude. Do outro lado, valorativamente negativo, está o corpo, associado à matéria, ao carnal, ao mal, ao pecado (FURLANI, 2007, p. 29-30).

Por nossa sociedade ter o catolicismo como religião predominante, essas idéias possuem grande importância na incorporação de formas de pensar. Tais pontos se evidenciam também nas Igrejas Protestantes, que têm com a sexualidade uma relação de controle constante. E se os conflitos dos indivíduos no surgimento da modernidade eram muitos, esses

se multiplicam nos tempos atuais, em que ao mesmo tempo que se estimula a vivência cada vez mais constante e precoce da sexualidade através dos meios de comunicação, a religião permanece com o discurso condenatório da vivência sexual, gerando sentimento de culpa naqueles que infringem as regras²⁷.

Essa dicotomia entre *ars erotica* e da *scientia sexualis* veio do processo de civilização. Os primeiros atos do homem civilizado foram a utilização de instrumentos, o controle sobre o fogo e a construção de habitações. Pela descoberta dos instrumentos e de sua manipulação, o homem estimula a modificação de seus órgãos tanto motores quanto sensoriais, ou mesmo amplia seu funcionamento (FREUD, 1930/1978).

E alguns sinais de surgimento da civilização são a preocupação com a beleza e a limpeza. A beleza pode estar relacionada às formas ou aos gestos humanos, ou ainda se voltar para um objeto sexual. Associada à beleza, está a exigência da limpeza, e a conseqüente utilização do sabão como um dos padrões da civilização (FREUD, 1930/1978).

E tais fatores vêm acompanhados do fato de que, com a civilização, o indivíduo compreende de maneira traumática que não é possível satisfazer suas necessidades plenamente. Assim, considera-se que a história do homem é a história de sua repressão. A repressão é um fenômeno histórico, sendo ainda uma subjugação dos instintos imposta pelo homem. A repressão externa teve sempre um reforço da repressão interna, em que o indivíduo escravizado incorpora as imposições no próprio aparelho mental. A livre gratificação das necessidades instintivas do homem é incompatível com a sociedade civilizada em que renúncia e dilação na satisfação constituem pré-requisitos do progresso (MARCUSE, 1955/1975).

A felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e ordem. O sacrifício metódico da libido, a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, é cultura (MARCUSE, 1955/1975, p. 27).

Antes da civilização o indivíduo satisfazia suas necessidades instintivas, sendo a vida regida pelo princípio do prazer. Mas a civilização foi aos poucos estabelecendo regras, normas e padrões a serem seguidos. Inseridos nesse processo, sentimos internamente o desejo

²⁷ A visita do Papa ao Brasil em maio de 2007 mostra como ainda hoje a Igreja Católica tem uma postura rígida frente à sexualidade, opondo-se ao uso de contraceptivos.

de satisfazer nossos instintos, mas nos deparamos socialmente com um cruel princípio de realidade. Vivemos numa busca incessante de obtenção de prazer e de evitar o desprazer. E a civilização nos trouxe esse conflito de constante busca da felicidade relacionada ao prazer, tida como um problema da economia da libido do indivíduo. “[...] o que chamamos de civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e [...] seríamos muito mais felizes se abandonássemos e retornássemos às condições primitivas” (FREUD, 1930/1978, p. 148).

Esses conflitos continuam a se evidenciar quando Freud, em suas teorizações, defende um estado em que a liberdade e a necessidade sejam coincidentes. “[...] na medida em que a plena satisfação de necessidades é felicidade, a liberdade na civilização é essencialmente antagônica da felicidade, pois envolve a modificação repressiva (sublimação) da felicidade” (MARCUSE, 1955/1975, p. 38).

Pela lógica de organização capitalista instalada no século XVIII, Marcuse (1955/1975) destaca a exploração da energia humana como elemento essencial nesse processo de sua consolidação. No processo de industrialização, de mecanização do corpo e do modo de vida dos indivíduos, aparece um conflito entre sexualidade e civilização. Contidos pelo princípio de desempenho, o corpo e a mente se tornam instrumentos do trabalho alienado e funcionam apenas mecanicamente, renunciando à liberdade do sujeito-objeto libidinal que o organismo humano é em essência. A organização da sexualidade espelha as características do princípio de desempenho e sua estruturação social. Marcuse (1955/1975) acredita que a concepção freudiana da relação entre civilização e a dinâmica dos instintos necessitava uma correção decisiva. Isto é, enquanto Freud via a necessidade crescente da repressão social e dos instintos, Marcuse argumenta que qualquer compreensão da repressão social deveria ser situada dentro de um contexto histórico específico e julgada quanto a se tais sistemas de dominação excediam seus limites.

Ao argumentar que a pobreza não era um aspecto universal da condição humana, Marcuse [...] argumentava que havia chegado o momento, na sociedade ocidental, em que não era mais necessário submeter homens e mulheres às exigências de um trabalho alienante. O princípio de realidade que Marcuse [...] chamou de princípio do desempenho, tinha superado sua função histórica, isto é, a sublimação de Eros no interesse do trabalho socialmente necessário. O princípio do desempenho, com sua ênfase na razão tecnocrática e racionalidade de troca, era, nos termos de Marcuse [...], ao mesmo tempo historicamente contingente e socialmente repressiva. Como um modo relativamente novo de dominação, ligava as pessoas aos valores, idéias e práticas sociais que bloqueavam suas possibilidades de

gratificação e felicidade como fins em si mesmos (GIROUX, 1986, p. 52-53).

Tais questões permanecem como um desafio na busca da significação e alcance da subjetividade humana. “Sem dúvida, na caracterização das amplas expressões desta subjetividade encontra-se a questão da Sexualidade e da identidade humana” (SILVA, 2001, p. 26). E tais aspectos se refletem na sociedade atual de diferentes formas: pessoas com dificuldades de se relacionarem; preocupação constante com o desempenho sexual em seu caráter quantitativo e individual; falta de reciprocidade nas relações. Contrapondo a era vitoriana²⁸ aos tempos contemporâneos, identificam-se tipos de neuroses predominantes em cada época. No primeiro período predominam os neuróticos histéricos e atualmente se destacam os neuróticos narcisistas. Esse último grupo se caracteriza por um investimento em sua imagem, na forma como se apresenta; na perda de valores humanos; negação dos sentimentos.

Existem hoje padrões corporais e estéticos estipulados pela nossa cultura, que ajudam a conformar as subjetividades, criando uma incessante busca de se enquadrar nos padrões estéticos; uma indústria de consumo alimentícia com uma imensa variedade de produtos pouco saudáveis e que se contrapõem aos padrões de corpo; e o ciclo do consumo se fecha com a explosão das academias e clínicas estéticas, que irão ‘consertar’ os estragos provocados pelo consumo excessivo de alimentos. Como diz Lowen (1983, p. 9-10), “modelamos nossa cultura de acordo com nossa imagem e, por sua vez, somos modelados por essa cultura”. Ou seja, somos constantemente influenciados pela cultura, em nosso modo de agir, vestir, com o modelo de corpo que possuímos, ou desejamos possuir, mas também influenciemos a cultura, pois esta se modifica ao longo da história. Nesse sentido Marcuse (1955/1975, p. 36) considera que

[...] tanto os seus desejos como a sua alteração da realidade deixam de pertencer, daí em diante, ao próprio sujeito; passaram a ser “organizados” pela sua sociedade. E essa “organização” reprime e transubstancia as suas necessidades instintivas originais. Se a ausência de repressão é o arquétipo de liberdade, então a civilização é a luta contra essa liberdade.

Este processo de subjugação dos desejos próprios de cada ser humano pode ser facilmente observado em nosso modo de vida atual. Hoje “a mesma sociedade que vende o

²⁸ “[...] período de 64 anos, compreendido entre 1837 a 1901, em que governou o Reino Unido a Rainha Vitória. [...] Durante essa época, inúmeras normas de conduta de comportamento social e sexual, principalmente da mulher, foram definidos e incorporados em todas as nações ocidentais, em função da forte influência de colonização cultural e de costumes que a Inglaterra exercia na época” (FURLANI, 2007, p. 184).

“mito do corpo perfeito” é a que lida com as angústias da insatisfação permanente nos seus indivíduos” (FURLANI, 2007, p. 25). Se antes os problemas mais evidentes na personalidade dos indivíduos eram representadas por culpas, ansiedades, fobias, hoje as pessoas sofrem cada vez mais de depressão, tomadas por uma ausência de sentimento, uma sensação profunda de frustração e de insatisfação com o que lograram realizar na vida (LOWEN, 1983).

A sociedade de consumo e da informação, frente ao processo de globalização que vivemos hoje, modificou rapidamente as relações de tempo e espaço que os homens vinham construindo, expressando, ainda mais, conflitos, doenças, frustrações, angústias e desentendimentos nas relações entre as pessoas e, também, no interior das instituições de que participam (LELIS, 2006, p. 17).

A partir desta discussão que percorreu um longo período histórico, desde sociedades primitivas até os dias de hoje, podemos ressaltar o quanto, realmente, a sexualidade está na centralidade das organizações sociais como um todo.

3. Diversidade de práticas sexuais humanas

Como exposto anteriormente, a sexualidade se manifesta de diferentes maneiras de acordo com o momento histórico e cultural. E, no intuito de melhor compreender esse fato, investigamos as diferentes manifestações das práticas sexuais humanas.

Vários padrões unindo o ato de comer e o comportamento sexual são encontrados pelo mundo e não podem ser acidentais. É útil ter isso em mente, porque as regras, comportamentos e expectativas sexuais são na maior parte menos fáceis de lidar do que comida e alimentação. Mas não há razão pela qual não devemos pelo menos tentar lidar com sexo objetivamente, e nenhuma razão pela qual os costumes sexuais não possam ser examinados como os outros costumes, para descobrir quando e onde eles se originaram, como se disseminaram e por que são mantidos (GREGERSEN, 1983, p. 10).

A existência de um grande número de crenças e mitos que existem em torno da sexualidade se deve em parte à ignorância sobre aspectos básicos do sexo e do ciclo reprodutivo atribuída à falta de equipamentos como o microscópio, mas se destaca ainda mais o fator ideológico. De um lado existe uma tendência de grupos religiosos a renunciar ao estudo do sexo. De outro, existe uma moralidade folclórica intensamente perseverante, que se baseia em noções fisiologicamente cruas do que é natural. “Cada cultura desenvolveu tais idéias com relação ao sexo. Faz-se referência à ‘ordem das coisas’ ou ‘natureza’, quando

essas idéias são desafiadas. [...] o que é interessante é que as culturas nem sempre concordam sobre o que é natural” (GREGERSEN, 1983, p. 6).

Um exemplo dessa variedade são as teorias de como surgem os bebês. Algumas sociedades²⁹, como Áranda da Austrália, os habitantes da Ilha Trobriand da costa da Nova Guiné e os Yapese numa ilha da Micronésia, negam a necessidade do homem para a procriação. Já os Buka das Ilhas Solomon no Pacífico crêem que uma criança se forma apenas pelo sangue materno, não desempenhando o pênis nenhum papel. Mas, curiosamente, se considera a introdução do pênis necessária, pois de algum modo desencadeia o processo de concepção. Diversas sociedades acreditam que, para que a concepção aconteça, é preciso mais do que uma relação sexual. Os Yãnomamo da Venezuela e do Brasil, para uma criança crescer forte, consideram que muitos homens devem copular com a mãe com frequência durante a gravidez. Há entre os Kubeo do Brasil a crença de que uma mulher grávida não pode ter relações sexuais, pois poderá com isso acumular tantos fetos a ponto de explodir. Muitas crenças ainda são preservadas entre os ocidentais. Como exemplo, na Inglaterra urbana contemporânea, como também em várias partes da América rural, Jamaica e Porto Rico, acredita-se que uma mulher, para efetuar a concepção, deve atingir o orgasmo.

O continente africano foi o primeiro lugar em que se registrou o sexo em suas formas caracteristicamente humanas. A descoberta de Mary Leakey, em 1979, de pegadas humanas que datam de 3.600.000 a 3.800.000 anos, na Tanzânia, em Laetolil, levaram a pesquisadora a acreditar serem elas os primeiros indícios de uma família nuclear, podendo ser as pegadas de um homem e uma mulher adultos e uma criança. Elas ainda sugerem o hálux, caracteristicamente humano, revelam que as relações sexuais eram realizadas em pé e preferencialmente pela frente. Durante quase toda a existência humana, a caça e a coleta foram as maneiras predominantes para obter alimentos. Nos tempos atuais, poucos povos da África vivem como caçadores e colhedores. Esses povos, de um modo geral, parecem iniciar a vida sexual ativa de modo precoce, ainda na infância. A falta de preocupação relacionada ao início das relações sexuais na infância também foi evidenciada entre os Hóttentotes. Os grupos de caçadores e colhedores em sua totalidade permitem ao homem ter mais de uma esposa, não sendo isso, entretanto, comum, e o maior número delas não é superior a três ou

²⁹ Nesse momento do trabalho serão citadas denominações de diversos povos a fim de exemplificar a diversidade de suas práticas sexuais. Os termos que não forem familiares ao leitor podem ser melhor compreendidos em GREGERSEN, Edgar. **Práticas Sexuais: A História da Sexualidade Humana**. São Paulo: Roca, 1983.

quatro. No caso da mulher, existem situações esporádicas em que ela tem mais de um marido (GREGERSEN, 1983).

Os registros documentados mais remotos sobre a vida sexual de qualquer grupo do continente africano são sobre o Egito Antigo. Os egípcios gozavam da reputação de serem dotados de sensualidade. “Sua liberdade e habilidades eróticas parecem ter sido tão proverbiais para os seus contemporâneos, como as dos franceses nos tempos modernos” (GREGERSEN, 1983, p. 185). As dançarinas egípcias eram famosas em Roma, por suas danças e canções eróticas. Como não há uma lei codificada que fale sobre sexo e casamento no Egito Antigo, não estão claras suas concepções sobre o incesto. “O incesto era permitido na família real: os faraós casavam regularmente com suas irmãs ou meio-irmãs, possivelmente porque a sucessão do trono seguia a linhagem feminina” (GREGERSEN, 1983, p. 185). A questão se torna mais complexa, porque o uso dos termos ‘irmã’ e ‘irmão’ se estendia a namoradas e namorados, sem, portanto, implicar obrigatoriamente relações incestuosas. O rei tinha várias esposas, assim como outros homens ricos tinham haréns, mas a monogamia era predominante. Existem evidências de que o casamento era arranjado ainda na infância. O adultério era condenado, podendo a mulher adúltera ser morta. Os esposos não eram punidos do mesmo modo, mas os homens eram recriminados pelo adultério e a prática sexual com prostitutas. Mais recentemente, houve mudanças na posição da mulher, sendo a morte da mulher substituída pelo divórcio. A castidade pré-conjugal não era ressaltada, referindo-se a palavra virgem a uma mulher sexualmente madura. A masturbação e o fellatio³⁰ são pouco mostrados, embora tivessem importância religiosa. “Acreditava-se que o mundo havia sido criado de um ato de divina masturbação do deus Atum, cuja mãe era sua esposa celestial” (GREGERSEN, 1983, p. 187).

Com relação à homossexualidade entre os povos africanos, os relatos, apesar de confusos, demonstram que existe uma tolerância considerável em algumas áreas.

Um dado interessante sobre os costumes ou crenças sexuais africanos é que os Cewa acreditam que, se uma menina não copular antes da primeira menstruação, ela irá morrer. Por isso os pais incentivam a cópula na infância durante as brincadeiras. A noção de morte como

³⁰ **Felação** (*Fellatio*) é o sexo oral feito no genital masculino. Diz-se ativo quem pratica a felação e passivo quem a recebe. É tida como uma preliminar embora possa ser em algumas situações o objecto final do acto sexual. Disponível <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fela%C3%A7%C3%A3o> Consulta em 05-01-08

consequência da virgindade é exclusiva da África. Já os Ngoni valorizam a castidade das meninas. Entre eles, se uma menina não tiver um amante após a puberdade, sua avó chamará um rapaz a sua casa para ter relação com a menina, e verificar se ela é eficiente, após o que o recompensará.

Há muitos outros costumes relacionados ao sexo no continente africano e também símbolos sexuais elaborados que permeiam o pensamento de várias sociedades, como a identificação dos Bemba da sexualidade com o fogo. Ocorre também uma rica variação de pontos de vista sobre a sexualidade, desde a noção de que a atividade sexual é debilitante (como encontramos entre os Bosquímanos e os Kikuyu) até o ideal de que o sexo deve ser realizado com a maior frequência possível (Ila) e que seu principal objetivo é o prazer (Ngoni e Kgatla-Tswana) (GREGERSEN, 1983, p. 198).

No Oriente Médio, um dos temas gerais da moralidade é o pudor. Cobrir o corpo é um aspecto desse pudor. No cotidiano, as mulheres muçulmanas devem cobrir todo o corpo, incluindo a face. Em todos os grupos a nudez é suspeita e a nudez pública, na maior parte, proibida. Também todos os grupos (compreendendo cristãos Cópticos e Etiópios) praticam a circuncisão masculina e alguns muçulmanos, como os falashas, que são os judeus negros da Etiópia, praticam formas de circuncisão feminina, prática também existente entre os cristãos etiópios. Em todos eles se consideram as secreções sexuais como impuras. Existe um controle da sexualidade feminina pela exigência da virgindade antes do matrimônio, como também da fidelidade das noivas. O adultério feminino é considerado uma ofensa grave. Apesar de estar prescrita no Alcorão uma penalidade para homens e mulheres adúlteros, na prática a mulher é quem sofre mais. A prostituição no Oriente Médio é natural, mas considerada vergonhosa. Estudiosos relacionam o tratamento dado às mulheres nessa região à preocupação em assegurar a paternidade física. Praticamente todas as sociedades no Oriente Médio, sejam muçulmanas ou não, determinam a descendência pela linha paterna (GREGERSEN, 1983).

A sexualidade nas altas culturas da Índia e no sudeste da Ásia tem sido considerada sagrada, mas, contraditoriamente, a castidade é glorificada na Índia até os tempos atuais.

Na tradição hindu, a sexualidade começou quando o deus Shiva apaixonou-se pelo seu próprio aspecto feminino. Para celebrar esta descoberta, ele compôs 10.000 livros sobre este tema. Seu servo, Nandim, reduziu este número para 1.000. Os sábios antigos continuaram a condensá-lo até recebermos o *Kaama suutra*, o extrato feito por Vaatsyaayana (GREGERSEN, 1983, p. 213).

Na área de origem desse manual, em parte sancionado pela religião, surgiram seitas que consideram o intercuro sexual um ato de extrema piedade conduzindo para uma

experiência mística. Também nessa região pela primeira vez o celibato foi considerado uma virtude. “Além disso, o hinduísmo atribui grande valor à castidade – masculina – por duas razões básicas: o medo da contaminação ritual e a certeza de que o sêmen é a base da força, da saúde e longevidade” (GREGERSEN, 1983, p. 213).

Entre os budistas há uma tolerância razoável de costumes sexuais, havendo várias formas de casamento. O incesto real era permitido, sendo encontrado entre burmeses, cambojanos e tailandeses. Exemplo disso se dá entre os burmeses, em que o rei pode desposar sua meia-irmã, não sendo isso permitido para os demais, inclusive para os príncipes reais.

Um fato curioso é descrito por Gregersen (1983, p. 221-222) referindo-se a lugares onde a sexualidade é vivenciada sem que esteja relacionada a sentimentos:

[...] existem outros que apresentam o tipo de sexualidade descrita nos cenários do futuro, como por exemplo, o Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, onde a fidelidade sexual é pecado, ciúmes é alvo de ridículo e as crianças são consideradas portadoras de perturbação, caso não façam parte das brincadeiras sexuais da escola. Nenhuma sociedade da Terra possui todas as características da visão de Huxley, mas duas sociedades dessa parte do mundo, a Múria de Madhya Pradesh, na Índia, e Lepcha de Sikkim, têm praticado sexo sem ligação emocional e fidelidade.

A partir dos exemplos citados a respeito das diversas práticas sexuais desenvolvidas em diferentes sociedades, podemos observar que a sexualidade e sua construção está envolta por questões culturais, religiosas, econômicas e políticas, que variam conforme o contexto. Enfatizamos ainda a necessidade de esta ser melhor investigada e compreendida, tendo em vista que os aspectos que a influenciam, nos impedem de percebê-la em sua essência.

4. No atual contexto: como vai a sexualidade?

Na atual conjuntura, a sexualidade foi incorporada pela lógica de consumo capitalista, sendo insistentemente explorada em propagandas sobre sexo, estimulando o anseio sexual contemporâneo. Esse momento histórico, apesar das contradições evidentes, alcançou também avanços em relação aos séculos anteriores, como a conquista de maior liberdade sexual, e de mais espaço pelas mulheres e pelos homossexuais entre outros grupos. Mas, ainda assim, o que tem prevalecido é o modelo consumista. Esta visão de sexualidade “[...] é uma distorção doentia do amor natural; encobriu por completo a totalidade daquilo que é profundamente desejado como felicidade no amor. As pessoas perderam o seu sentimento de vida sexual natural” (REICH, 1942/1987, p. 165).

Em nossa estrutura social, hoje, nos são permitidas manifestações superficiais e quantitativas da sexualidade, mas não sua humanização efetiva e o sentimento de afeto, abrangendo aspectos qualitativos. São essas formas diferentes de repressão, que ocorrem de forma camuflada, dando a falsa impressão de que estamos vivendo uma liberdade sexual. E para que isso seja superado será preciso uma transformação em toda a estrutura social que vislumbre interesses mais humanos.

Quando vivemos novas relações humanas, solidárias e prazerosas, sem a matriz da dominação e exploração, é que podemos estruturar novas formas de relações sexuais. Enquanto for mantida a matriz em que uns produzem e outros gozam, ao nível da sexualidade também se reproduz este esquema em todo o alcance destas expressões (NUNES, 1987, p. 74).

A lógica da exploração, base do sistema capitalista, se manifesta em todos os setores da vida, incentivando o consumo, a acumulação de bens, entre outros valores externos ao indivíduo. Os interesses do modo de produção capitalista, aliados à cultura patriarcal e autoritária, conformam para que os indivíduos sejam alheios às suas necessidades, ao seu corpo, à vida. Tal processo é uma forma de se conseguir obediência e alienação dos indivíduos, refletindo a estrutura social na estrutura de caráter de homens e mulheres. “A sociedade molda o caráter humano. Por sua vez, o caráter humano reproduz, em massa, a ideologia social. Assim, reproduzindo a negação da vida inerente à ideologia social, as pessoas causam a sua própria supressão. Esse é o mecanismo básico da chamada tradição” (REICH, 1942/1987, p. 164).

Isso se ressalta nas contradições do modo de vida moderno, nos mais diversos setores da sociedade. Tantas descobertas, avanços científicos se comemoram nos últimos tempos e a grande maioria dos seres humanos não tem acesso a tais inovações. Apesar de todos esses acontecimentos, uma parte considerável do mundo vive em situações subumanas, sem as mínimas condições de sobrevivência: moradia, alimentação, saneamento. Por que será que a indústria de alimentos investe tanto no aumento da produção e diversidade desses e, mesmo assim, pessoas ainda morrem de fome? Por que, em vez de investir em armas e bombas de destruição em massa, não se investe na vida e na busca de melhores condições de sobrevivência para os homens, mulheres e crianças?

A produção de novos conhecimentos e tecnologias tornou-se compulsiva e mecânica, não se aplicando mais a beneficiar a vida humana e social. As novas conquistas internalizaram necessidade de produzir em larga escala, promovendo também conhecimentos destrutivos. De

que adiantam tantas inovações se a maioria dos indivíduos não pode usufruir delas? Apesar da produção exacerbada de conhecimento nos últimos anos, de forma mais intensa do que em toda a história da humanidade, temos um quadro aterrorizante:

[...] Hoje as energias utópicas aparentam ter se esgotado, como se elas tivessem se retirado do pensamento histórico. O horizonte do futuro estreitou-se, e o espírito da época como a política, transformou-se profundamente. O futuro afigura-se negativamente; no limiar do século XXI desenha-se o panorama aterrorizante da ameaça mundial aos interesses da vida em geral: a espiral armamentista, a difusão incontrolada de armas nucleares, o empobrecimento estrutural dos países em desenvolvimento, o desemprego e os desequilíbrios sociais crescentes nos países desenvolvidos, problemas com o meio ambiente sobrecarregado, altas tecnologias operadas às raias da catástrofe (HABERMAS, 1987, p. 103-104).

Essas questões passam a fazer parte de nosso modo de vida moderno, e pouco ou nada se faz para que elas sejam modificadas. Apesar do ‘absurdo’ que representam, acabam se tornando normais, corriqueiras no mundo regido pelo modo de produção capitalista, que se mantém pela exploração de uns sobre os outros. Será uma utopia querer que tais contradições não existam mais?

Diante desse contexto consumista de coisas, saberes, corpos, sexo, é criticável a ausência da temática sexualidade em grande parte da composição curricular dos cursos de formação de professoras, como também a falta de uma discussão sistemática do tema no campo educacional.

O espaço escolar é um campo de crítica e reflexão sobre as noções de sexualidade estabelecidas historicamente, possibilitando novas vivências e significações.

Ao longo da História da Educação, a profissão docente se submeteu a diversas regras, devendo-se viver segundo padrões de conduta, comportamento, não apenas no interior da escola, mas também no meio social no qual pertencia. “Deveriam ser, eles e elas, [professores e professoras] pessoas de moral inatacável; suas casas ambientes decentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhe confiavam seus filhos e filhas” (LOURO, 2004b, p. 444). Nesse sentido a mulher é considerada um ser frágil, sensível, emotivo. Sabemos que tais características são históricas e culturais, e as normatizações instituídas ao longo da história se apresentam de forma mais rígida para elas, a ponto de, sob diversas concepções, às mulheres ser dirigida a educação moral, mais que a profissional.

No final do século XIX às mulheres são destinados novos ofícios com marcas do modelo religioso e da metáfora materna de dedicação e disponibilidade, humildade e submissão, abnegação e sacrifício.

A fragilidade feminina, constituída pelo discurso religioso, médico, jurídico e educacional é também constituinte de sua proteção e tutela. A professora terá de ser produzida, então em meio a aparentes paradoxos, já que ela deve ser, ao mesmo, tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora (LOURO, 2004b, p. 454).

Nesse contexto de idéias se inicia o processo de desvalorização da profissão docente, que, com a feminização do magistério, tem em sua composição uma maioria de mulheres. “Para muitos, a educação feminina, não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo” (LOURO, 2004b, p. 447). Tal formação seria proveniente do catolicismo, que se dissipava sob formas de controle diversas. A campanha em favor do aprimoramento da instrução feminina no Brasil não tinha como objetivo elevar a mulher à culminância científica e literária. Não se pretendia prepará-la para funções profissionais, ainda consideradas incompatíveis com a sua capacidade intelectual e desnecessárias à missão que lhe fora reservada pela natureza: a maternidade. O ideal feminino inspirado na imagem pura da Virgem Maria inclui o recato e o pudor; a busca incessante de uma perfeição moral; a aceitação aos sacrifícios. “Foi também dentro desse quadro que se construiu, para a mulher, uma concepção do trabalho fora de casa como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe” (LOURO, 2004b, p. 453).

No momento em que os homens abandonavam as escolas normais, indo ocupar outras profissões mais rentáveis, e as mulheres se tornavam maioria nesses espaços, utilizou-se como forma de justificar a ausência dos homens nas salas de aula a representação de que o magistério seria uma extensão da maternidade; atividade de amor, entrega e doação e, portanto, deveria realmente ser exercida por mulheres. O magistério é, a partir daí, associado às características femininas e tido como sacerdócio e não como profissão (LOURO, 2004b). A isso se acrescenta o fato de que é interessante constituir a imagem das professoras como trabalhadoras dóceis e que pouco reivindicam, o que futuramente lhes dificultaria discutir sobre salários e melhorias nas condições de trabalho. Os regulamentos escolares mais antigos procuravam com mais evidência o controle das relações entre os alunos e professoras, como também entre elas e os dirigentes.

Construía-se uma estética e uma ética. Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-os praticamente assexuados, e combinavam-se com a exigência de uma postura *discreta e digna*. O mesmo valia para as professoras: como modelos das estudantes, as mestras deveriam também se trajar de modo discreto e severo, manter maneiras recatadas e silenciar sobre sua vida pessoal. Ensinava-se um modo adequado de se portar e comportar, de falar, de escrever, de formas apropriadas de caminhar e sentar. Todo um investimento político era realizado sobre os corpos das estudantes e mestras. Através de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando *um jeito de professora* (LOURO, 2004b, p. 461).

Eram mantidas na profissão, muitas maneiras de origem religiosa, apesar da desvinculação entre Igreja e Estado. Devido ao processo de laicização do magistério tornou-se contraditório professores e professoras serem controlados em suas vidas e ações. Esperava-se deles um comportamento mais elevado do que o comum. Assim, temos, ao longo da História da Educação, representações de como deveria ser a professora. Tais representações tiveram um importante papel na construção da professora, elas a produziram e deram sentido ao que era e é ser professora.

Buscava-se assim cercar de salvaguardas a sexualidade dos meninos e das professoras. E para isso se lançaria mão de múltiplos recursos e dispositivos. De muitos e variados modos – através de proibições, de arranjos arquitetônicos, da distribuição dos sujeitos, dos símbolos, das normas – tratava-se do sexo no espaço da escola. Os responsáveis e autoridades mantinham-se ‘num estado de alerta perpétuo’ (LOURO, 2004b, p. 453).

Um aspecto que se sobressai nesse contexto é a forma como o conhecimento humano foi se estabelecendo, por meio de normas e parâmetros disciplinadores do saber, estabelecendo um tipo de razão e de raciocínio privilegiados para a construção da realidade. A prática pedagógica das professoras em exercício hoje é resultado, entre outros fatores, das experiências vividas, perpassadas pela experiência escolar enquanto discentes. As marcas dessas experiências ficam registradas em suas memória ou inconsciente, influenciando seu modo de ensinar. Não queremos com isso justificar as posturas de determinadas professoras, mas, ao levar em consideração a história de vida das mesmas, temos a possibilidade de entender melhor sua maneira de ser na prática educativa. Cada professora forma, ao longo da vida, um modo próprio de organização: da sala de aula; dos conteúdos; de utilização dos recursos pedagógicos; de postura, podendo ser algumas mais rígidas, outras mais flexíveis. Cada indivíduo possui uma forma singular de ser professor, pois possui uma história particular e única.

Através de experiências, das interações, das trocas de signos, captamos o mundo externo, interagimos com ele, nos transformamos, nos modificamos e evoluímos, ou melhor, co-evoluímos. Tudo isso pela simples razão de estarmos vivendo. Não estamos separados do mundo em que vivemos e conhecemos, já que o conhecimento está naturalmente ligado à experiência de vida. [...] A ação de conhecer está presente, simultaneamente em todas as ações que desenvolvemos, sejam biológicas, espirituais, cerebrais, lingüísticas, políticas e culturais (MORAES, 2003, p. 49).

Com as mudanças constantes que têm ocorrido no mundo atual, o professor precisa conhecer e investigar as relações entre o seu papel enquanto educador e os interesses ideológicos impregnados durante sua formação e presentes em sua prática. Apenas o conhecimento pode lhe dar clareza destas relações. A formação do professor passa por caminhos diversos: sua história de vida, sua subjetividade, pela educação que vivenciou com seus educadores e, ainda, por aquela recebida nos cursos de formação. Torna-se evidente, pois, que a formação docente, assim como a sexualidade, estão inseridas em múltiplos contextos, com suas múltiplas práticas e múltiplas possibilidades. Não podemos esquecer, dentro dessa multiplicidade de contextos, o universo acadêmico, onde, a partir de suas produções, também se constrói uma visão de sexualidade.

CAPÍTULO II

A SEXUALIDADE HUMANA EM EVIDÊNCIA NO MEIO ACADÊMICO

"Quando existe avanço tecnológico sem avanço social, surge quase automaticamente, um aumento da miséria humana."

Michael Harrington

Pelo exposto no capítulo anterior, a sexualidade é expressão de um movimento dialético que envolve o interno e o externo, o indivíduo e o coletivo, o particular e o público. Tendo o estudo da sexualidade, a partir do século XXI, um teor mais sistematizado, convém, no entanto, apontar que a sua produção no Brasil, em termos acadêmicos, esse estudo só teve um avanço considerável a partir da segunda metade da década de 1990. Com o intuito de investigar esse fato, realizamos um levantamento na internet, através do site da Universidade Federal de Uberlândia³¹, sendo acessados, a partir dele, links de bibliotecas digitais de diversas outras universidades. Localizamos 44 dissertações e 16 teses defendidas no período de 1988 a 2006³², o que corresponde a um período de 18 anos de produção.

Como esta dissertação tem em vista a sexualidade de professoras, o objetivo deste capítulo é destacar, entre os trabalhos encontrados, aqueles que estão mais relacionados às professoras e sua formação, como também pensar sobre os fatores que influenciaram essas produções e as contribuições das pesquisas para se pensar a sexualidade no âmbito escolar.

Os trabalhos foram organizados em 10 eixos temáticos, como pode ser observado no Quadro 1, em que os temas com maior número de trabalhos são: “Sexualidade e Gênero”, com 13 pesquisas, desenvolvidas no período de 1988 a 2006; “Sexualidade, Saúde e Doenças”, com 10 trabalhos, todos realizados no período de 2003 a 2005; e “Sexualidade de Jovens e Adolescentes”, com 9 estudos, de 1999 a 2006.

³¹ A pesquisa foi realizada especificamente através do site da biblioteca da UFU, através do endereço eletrônico <http://www.bibliotecas.ufu.br>.

³² Podem existir outras pesquisas neste período que não tenhamos localizado.

QUADRO 1: QUANTIDADE DE TRABALHOS POR TEMA

EIXO	TEMA	NÚMERO DE TRABALHOS		TOTAL
		Dissertações	Teses	
1	Sexualidade e Gênero	9	4	13
7	Sexualidade saúde e doença	8	2	10
5	Sexualidade de Jovens e Adolescentes	6	3	09
2	Sexualidade e professoras	5	2	07
3	Educação Sexual	4	2	06
6	Sexualidade e Instituições Escolares	4	1	05
4	Sexualidade e Violência	2	1	03
8	Sexualidade e Deficiências	2	1	03
9	Sexualidade e Religião	2	—	02
10	Sexualidade e Mídia	2	—	02
TOTAL		44	16	60

Fonte: internet

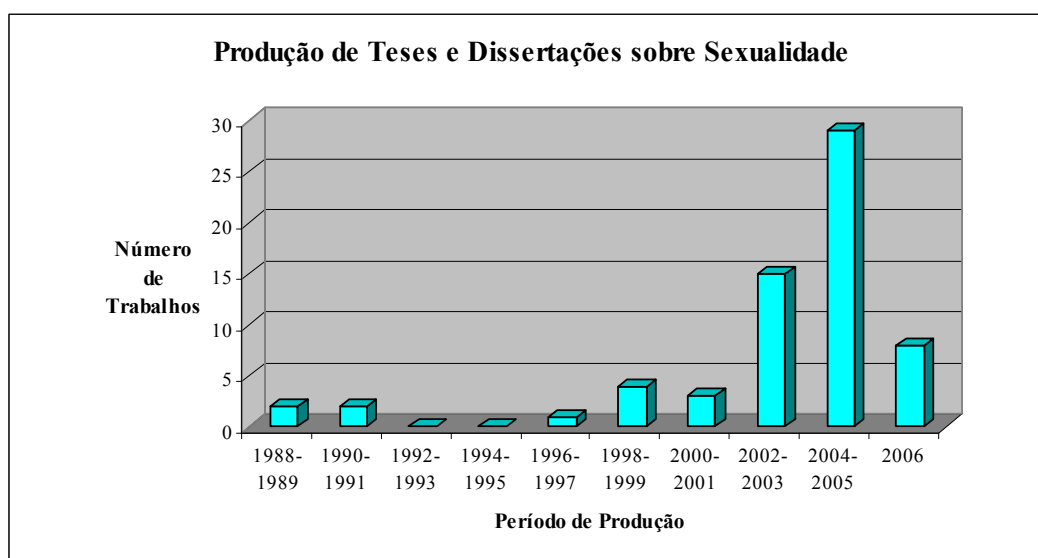
No Quadro 2 vê-se que, de 1988 a 1997, foram concluídos apenas 5 trabalhos acadêmicos – dissertações de mestrado – sobre a sexualidade. Esses trabalhos foram desenvolvidos no Rio Grande do Sul (1), São Paulo (2), Ceará (1) e Rio de Janeiro (1). Esses dados podem ser confrontados com os do período de 1998 a 2006, quando foram realizadas 39 pesquisas de mestrado e 16 de doutorado. Observa-se uma concentração dos estudos na região Sudeste, seguida da região Sul do Brasil, bem como um acentuado aumento no número de defesas a partir de 2002.

QUADRO 2: PRODUÇÃO DE TRABALHOS POR PERÍODO

Período	Nº Dissertações	Nº Teses	Instituição
1988 – 1989	02	—	UFRGS / UNICAMP
1990 – 1991	02	—	PUCCAMP / UFCE
1992 – 1993	—	—	—
1994 – 1995	—	—	—
1996 – 1997	01	—	UERJ
1998 – 1999	04	—	USP / PUC-RIO / UFJF / UNICAMP
2000 – 2001	01	02	UFSC / UNICAMP / PUC-RS
2002 – 2003	9	05	UFRJ / UFF / UNICAMP / PUC-RIO / UFRGS / UFSCar / UNESP / FAMERP / USP UFSC
2004 – 2005	20	06	UNICAMP / USP / UFG / UNIMEP / URB / PUC-SP / UFSM / UFS / UESC / PUC-RIO / UFRGS / UFSCar
2006	05	03	UnB / UFBA / PUCCAM / PUC-SP / PUC-RIO / USP / UFF / UFBA
TOTAL	44	16	21

Fonte: internet

Destaca-se nos dados encontrados que o tema Sexualidade tem sido uma preocupação em diferentes áreas do conhecimento³³: medicina, enfermagem, psicologia, filosofia, sociologia, antropologia e educação. Chama atenção o gradativo crescimento dos trabalhos nos últimos anos, o que pode ser melhor visualizado no Gráfico 1.



Fonte: Internet

Gráfico 1

³³ Essa informação pode ser verificada no Anexo 1 que apresenta os quadros com informações mais detalhadas sobre os trabalhos.

Diante desses dados nos questionamos: O que pode ter impulsionado esses trabalhos? Em que contexto eles surgiram? A década de 1960 é um importante período para compreender essas questões. Esse momento foi marcado, em nosso país, por mudanças políticas radicais e principalmente pela repressão. Com o golpe militar de 1964, a liberdade de pensar e de agir ficou castrada e policiada, e as tentativas de implantação oficial nas escolas de uma educação sexual foram também mantidas sob controle.

[...] independentemente da concepção que se tinha sobre a educação sexual, alguns legisladores insistiram em implantá-la nas escolas oficiais. Em 1968, a deputada Júlia Steimbruck apresentou um projeto de lei propondo a introdução da educação sexual em todas as escolas de nível primário e secundário do país. Neste mesmo ano, editou-se o Ato Institucional nº 5 marcando, entre outras coisas, um forte poder à censura, afetando, entre outras instituições, as educativas. Tanto as universidades quanto as escolas chamadas renovadoras tiveram seu trabalho interrompido e o projeto da referida deputada foi arquivado. Até então, dentro das escolas, os trabalhos de educação sexual, quando existentes, eram coordenados pelo orientador educacional e/ou ficavam sob a responsabilidade dos professores de Ciências ou de Programas de Saúde (BONATO, 1996, p. 94).

Em 1971 a orientação sexual apareceu como obrigatória na legislação oficial, devendo o orientador educacional exercer esta função. Desse modo, falar sobre sexualidade, ou desenvolver um trabalho de orientação sexual era tarefa, principalmente, dos "especialistas" da educação e da saúde.

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de primeiro e segundo graus tem se intensificado a partir da década de 70, por ser considerada importante na formação global do indivíduo. Com diferentes enfoques e ênfases há registros de discussões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim não foram muitas as iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino (BRASIL, 1997, p. 77).

As tentativas de tratar do tema sexualidade nas escolas em nenhum momento foi bem sucedida. Foi necessário o trágico vírus da AIDS para alertar a sociedade e as academias de que a sexualidade precisava ser “levada a sério pela ciência”, como Reich tinha previsto em 1942 ao escrever *A Função do Orgasmo*:

Será necessário, sem dúvida, o trabalho de muitas gerações antes que a sexualidade seja levada a sério pela ciência oficial e pelos leigos; não o será provavelmente antes que as questões sociais de vida e morte atirem sobre nós a absoluta necessidade de compreender e de dominar o processo sexual, livre de repressões (REICH, 1942/1987, p. 14).

Assim, a descoberta do vírus da AIDS, no início dos anos 1980, foi um dos fatores que contribuiu para uma maior preocupação com a sexualidade, tendo em vista o controle da doença. Muitos foram os preconceitos acionados diante desse fato, o que foi produzindo uma mentalidade confusa e de controle da sexualidade através do medo que se evidenciava, segundo Costa (1993), através de três epidemias relacionadas ao HIV. “A primeira relaciona-se com o próprio vírus. A segunda evidenciada pelas infecções oportunistas que acometem organismos imunologicamente deficientes. A terceira epidemia é causada pelo vírus ideológico da desinformação, da discriminação e dos preconceitos” (COSTA, 1993, p. 377).

Tal vírus ideológico, esse sim, é aliado ideológico de movimentos conservadores que se alimentam de preconceitos. O oportunismo dirigido que tenta relacionar a moral sexual à questão da AIDS traduz-se na associação da liberação dos costumes à propagação de tal síndrome. Este pensamento é que associa à AIDS práticas sexuais condenadas pela moral vigente e atribui aos homossexuais a propagação da AIDS no mundo (COSTA, 1993, p. 378).

Nesse momento histórico, já no final da década de 1980, é que surgem as primeiras produções que de um modo geral buscam evidenciar as múltiplas dimensões da sexualidade. Concomitante, por volta de 1989, podem ser encontradas algumas iniciativas no sentido de se pensar a Orientação Sexual. A partir dessas produções e experiências, a construção de uma compreensão da dinâmica sexual foi-se revelando. Um marco nesse sentido é a elaboração do volume 10 dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que trata da Orientação Sexual, material distribuído em escolas de todas as regiões do país, possibilitando fácil acesso às professoras³⁴. Esse é outro fator responsável pelo aumento da produção acadêmica sobre a sexualidade: o desenvolvimento do PCN de Orientação Sexual. No entanto, é explícito no próprio documento que os fatores propulsores de sua elaboração são problemas, ou seja, as doenças sexualmente transmissíveis, em destaque a AIDS e a gravidez precoce.

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens (BRASIL, 1997, p. 77).

³⁴ Apesar do fácil acesso ao material, destacamos que houve uma falha na distribuição do mesmo, tendo em vista que não houve uma preparação das professoras para utilizá-lo, ficando este muitas vezes guardado e não utilizado por elas.

Contudo, o volume PCN em referência deu um primeiro e importante passo para se tratar da sexualidade na escola, instigando os profissionais da educação a pensá-la e discuti-la no cotidiano escolar.

Grande parte da efervescência na discussão em torno dessa questão na academia se deve também à formação de Grupos de Estudo e Pesquisa que investigam a sexualidade³⁵, além de entidades³⁶ preocupadas com os rumos dessas discussões sobre o tema. Nesses grupos a sexualidade perpassa e se articula com diversos outros temas como: família, gênero e sexualidade; educação sexual; direito e sexualidade; reprodução biológica e social, sexualidade e bioética; sexologia da mulher; filosofia, gênero e educação. Um desses grupos, o FAGES - Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade - da Universidade Federal de Pernambuco, tem uma atuação multidisciplinar, envolvendo diversos pesquisadores, professores e estudantes que promovem discussões, ações, cursos e capacitações relacionados a Família, Gênero e Sexualidade. Dentre outros, o GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero, do Programa de Pós-graduação da UFRGS, desde 1990 vem debatendo temas como gênero, sexualidade, etnia, classe, religião e nacionalidade articulados com a educação. Esse grupo tem como referencial teórico o pós-estruturalismo, especialmente as produções no campo dos estudos feministas, dos estudos culturais, dos estudos gays e lésbicos e da Teoria Queer.

Esses fatores têm proporcionado uma flexibilização dos estudos acerca da temática em referência, bem como ampliado significativamente a percepção da sexualidade, ao desafiar “o monopólio masculino, heterossexual e branco da Ciência, das Artes, ou da Lei” (LOURO, 2004a, p. 2). Nesse movimento as chamadas “minorias” da nossa sociedade ocidental se afirmam e se autorizam a falar sobre sexualidade, gênero e cultura.

Novas questões são colocadas a partir de suas experiências e de suas histórias; noções consagradas de ética e de estética são perturbadas. Áreas e

³⁵ Há diversos grupos em todo o Brasil, vinculados à instituições públicas. Para mais informações sobre os grupos de pesquisa e estudos sobre sexualidade, pesquisar na base de dados do CNPq. Disponível em www.cnpq.br. Consulta em 13-08-06.

³⁶ Dessas entidades gostaríamos de destacar: a SBRASH – Sociedade Brasileira para o Estudo em Sexualidade Humana, que iniciou suas atividades em 1986, tendo a participação de profissionais que atuam e estudam a sexualidade humana em diversas áreas do conhecimento; o InPaSex – Instituto Paulista de Sexualidade –, clínica de psicologia e sexualidade, que foi fundado em 1996, composto por profissionais de sólida formação acadêmica e larga experiência no atendimento de adultos, adolescentes e casais com reclamações relacionadas à sexualidade; e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos que foi criado em 2002, e é um projeto do Programa de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Saúde do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição que há muitos anos desenvolve pesquisas em sexualidade, gênero e saúde.

temáticas consideradas, até então, pouco “dignas” de ocupar espaço e o tempo dos sérios acadêmicos passam a ser objeto de centros universitários e núcleos de pesquisa. Sobre o mundo do privado e do doméstico; sobre as muitas formas de viver o feminino e o masculino, a família, as relações amorosas, a maternidade e a paternidade; sobre o erotismo e o prazer, sobre a pornografia e as “perversões” fazem-se teses, escrevem-se livros, realizam-se seminários e cursos. Para tanto, mobilizam-se, freqüentemente, outras estratégias e métodos de estudo e análise, reinventam-se técnicas de investigação, valorizam-se “fontes” até então desprezadas (LOURO, 2004a, p. 2).

No levantamento de produção acadêmica que realizamos, é perceptível essa diversidade de questões estudadas em cujo alicerce teórico predomina uma concepção de sexualidade contextualizada na história e na cultura. A dissertação de Bonato (1996), por exemplo, numa perspectiva histórica investiga a origem da concepção sobre sexualidade do homem ocidental que vem permeando a política pedagógica dos trabalhos desenvolvidos na área de educação sexual. Nesse percurso se evidencia a forma como as concepções médico-higienistas, influenciadas pela medicina social do século XVIII surgida na Europa, atuaram no Brasil do século XIX como um verdadeiro dispositivo de sexualidade. Bonato (1996) é enfático em dizer que a gênese da educação sexual escolar encontra-se nessas concepções. A educação sexual nasce com o objetivo, primeiramente, de combater a masturbação, as doenças venéreas e voltada ao preparo da mulher para a função de esposa e mãe. Em torno da educação sexual havia sempre como objetivos a "saúde pública" e a "moral sadia", procurando-se preservar a saudável reprodução da espécie. A partir do trabalho de Bonato (1996) podemos perceber e entender como herdamos, de séculos anteriores, concepções de sexualidade que muito influenciaram o surgimento da educação sexual.

É válido ressaltar que, das pesquisas encontradas, praticamente 50% envolvem a escola, ou seja, das 60 pesquisas (44 dissertações e 16 teses) 29 referem-se à dinâmica escolar. Destas, oito tratam da sexualidade e envolvem professoras. Também merece destaque o fato de a discussão da sexualidade no espaço educacional ter estado atrelada a diversos outros temas, como questões de gênero, currículo, cotidiano escolar, infância, política e subjetividade.

1. Pesquisas sobre Sexualidade e Professoras

Os trabalhos descritos a seguir, relacionados com a sexualidade de professoras e sua formação, inauguram, de modo geral, um novo modo de se pensar a sexualidade. Eles permitem que as professoras falem de suas próprias experiências e perspectivas em relação à

sexualidade; valorizam as percepções das professoras em relação a si mesmas, permitindo assim, através do relato, da entrevista e de outros instrumentos, que reflitam sobre ou até mesmo rompam com seus próprios preconceitos. Esses estudos, 6 dissertações e 2 teses, estão distribuídos entre 1998 e 2004, e se concentram nos últimos anos desse período, o que pode ser visualizado no quadro abaixo.

QUADRO 3: TRABALHOS SOBRE SEXUALIDADE E PROFESSORAS

Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição
Dissertação de Mestrado	1998	BANZATO, Denise Salete Gomes	[POR] Sexualidade na escola: um estudo sobre as representações da sexualidade de professores de pré-escolas nas práticas educativas	USP
Tese de Doutorado	2001	MELO, Sônia Maria Martins de	Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professores.	PUC/RS
Dissertação de Mestrado	2002	SILVA, Kátia Krepsky Valladares	Sexualidade: Professor que cala nem sempre consente.	UFF
Dissertação de Mestrado	2002	NUNES, Maria Dolores de Figueiredo	Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental	UFSCar
Tese de Doutorado	2002	RIBEIRO, Paula Regina Costa	Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental	UFRGS
Dissertação de Mestrado	2002	BRAGA, Eliane Rose Maio	Sexualidade Infantil: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual	UNESP
Dissertação de Mestrado	2004	FLORES, Aida Mair Prado	Sexualidade: representações de professores do ensino médio	UFMS
Dissertação de Mestrado	2004	Silva, Regina Célia Pinheiro da	Pesquisas sobre formação de professores / educadores para abordagem da educação sexual na escola	UNICAMP

Fonte: internet

A dissertação de Denise Salete Gomes Banzato (1998) analisa as representações da sexualidade de professoras de pré-escolas, tais como se mostram presentes nos seus discursos sobre as práticas educativas quando tratam de temas relativos à sexualidade. No intuito de entender tais aspectos, a autora procurou observar o tratamento que as professoras dispensavam às manifestações da sexualidade dos seus alunos, as representações da sexualidade presentes na situação escolar e nas histórias de vida dos professores. Foram realizadas entrevistas individuais com seis professoras de pré-escolas. A análise das

entrevistas permitiu perceber que a maneira como as professoras davam significado à sexualidade e conduziam as manifestações dos seus alunos no contexto escolar estava relacionada com a forma como vivenciaram a própria sexualidade. Nos relatos das professoras, foi possível perceber atuações, repetições de aspectos da própria história de vida na relação que estabeleceram com os alunos e na forma como lidaram com a curiosidade deles sobre o tema sexualidade. A partir disto, podemos pensar que o posicionamento da professora no que se refere a temas como sexualidade e ética não seria de ministrar um conhecimento desvinculado das vivências dos alunos, mas propiciar às crianças situações em que pudessem gerar reflexão e algum conhecimento sobre si. Partindo das constatações desse estudo, ressaltamos a importância que a sexualidade possui na formação de professores. É necessário que professoras e professores sejam conscientes de sua postura e de suas atitudes diante de questões que remetem à sexualidade, para que assim tenham condição de modificá-las.

A tese intitulada *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professores* (2001), de Sônia Maria Martins de Melo, busca compreender a percepção de professoras e alunas do Curso de Pedagogia de uma universidade pública sobre o significado da corporeidade em sua trajetória de vida. Os sujeitos que participaram dessa pesquisa são quatro professoras e seis alunas do curso citado. A autora priorizou o sexo feminino devido a seu predomínio no Curso de Pedagogia. As questões norteadoras da pesquisa procuram os reflexos da percepção de corporeidade da professora como ser-corpo-sexuado no mundo junto a outros seres encarnados, bem como suas expressões na prática pedagógica. A base teórica e metodológica da pesquisa é a fenomenologia, destacando-se a referência de Merleau-Ponty. A autora utilizou-se da entrevista fenomenológica para aprofundar sobre aspectos das histórias de vida das professoras e alunas. Os resultados da pesquisa apontam a necessidade urgente do resgate da corporeidade como eixo principal de decisões políticas educacionais e de correspondentes critérios e decisões pedagógicos que permeiam os vários currículos escolares brasileiros em todos os seus níveis de ensino. A partir da pesquisa são eleitos alguns princípios de ação com a intenção de subsidiar uma proposta de educação facilitadora do desenvolvimento pessoal de professoras e professores, alunas e alunos no resgate de sua corporeidade e sexualidade como uma expressão básica de cidadania e de direitos humanos.

Em 2002, foram desenvolvidas três pesquisas cujo enfoque central é a sexualidade de professoras. O trabalho de Kátia Krepsky Valladares Silva (2002) parte de uma análise crítica da realidade escolar e se inscreve numa observação da Orientação Sexual na escola, sem

perder de vista seu contexto cultural, social e político. Tem a proposta de investigar o cumprimento (ou não) do que prescrevem os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto à orientação sexual nas escolas e seu tratamento de forma transversal. A construção do trabalho se justifica pela necessidade de dar subsídio a ações concretas de implantação de políticas públicas no campo da Educação Sexual a partir da inclusão da Orientação Sexual nas escolas como tema transversal, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. No intuito de alcançar os objetivos propostos, a pesquisadora selecionou como sujeitos, primeiramente, adolescentes, na condição de estudantes, de ambos os sexos, freqüentes à aula, e alunos da sétima série das escolas escolhidas e a seguir, professoras do ensino fundamental e que lecionassem nas mesmas escolas. Foi realizada uma pesquisa de campo, utilizando, como instrumentos de coleta de dados, um questionário direcionado aos estudantes e entrevistas com as professoras. O estudo teve como desafio principal atingir o sentido do fenômeno da Orientação Sexual na escola a partir das concepções dos sujeitos participantes. A autora considera a sexualidade como um aspecto extremamente importante na formação global das pessoas e que não pode ser negada ou ignorada. Daí a necessidade de se conhecer mais os mecanismos criados pela escola para lidar com a sexualidade dos adolescentes.

A pesquisa intitulada *Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental* (2002), de Maria Dolores de Figueiredo Nunes, discute como professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental percebem a construção de suas concepções e práticas no que se refere ao seu trabalho com a sexualidade e com as relações de gênero que se apresentam na sala de aula e nos outros espaços da escola. Caracteriza-se como um estudo de caso, em que se utilizou como instrumento de coleta de dados o depoimento, relato ou entrevista semi-estruturada, realizados com duas professoras da rede municipal e organizados em um roteiro aberto. Na análise dos dados surgiram três focos temáticos: a formação e a prática pedagógica; os alunos, as alunas e a professora: percepção das relações de gênero presentes na escola; e a sexualidade que se apresenta na escola. Os resultados da pesquisa confirmam que a escola proporciona aos alunos uma Educação Sexual baseada em estereótipos sexistas e trata a sexualidade infantil de forma oculta. Em suas falas, as professoras revelam perceber que suas concepções frente à sexualidade estão relacionadas, entre outros fatores, com a educação familiar que receberam, sob forte influência do cristianismo, destacando-se o catolicismo. Outro fator destacado foi a mídia, principalmente as revistas para adolescentes, que trazem informações nem sempre disponibilizadas pela família ou amigos. Revela-se ainda que os cursos de formação de

professores tratam da sexualidade de maneira superficial e que as professoras acreditam na importância e necessidade de uma Educação Sexual inserida nos currículos escolares e com professores preparados para tal.

Outro trabalho, *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental* (2002), de Paula Regina Costa Ribeiro, investiga como a sexualidade vem sendo tratada nas salas de aula das séries iniciais do Ensino Fundamental, utilizando para tanto as narrativas de professoras, que participam de um curso denominado “Discutindo e refletindo sexualidade-AIDS com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental”. Esse curso serviu como um espaço narrativo pensado como uma estratégia para que as professoras pudessem contar, ouvir e contrapor histórias referentes a práticas escolares relacionadas à sexualidade. O entendimento de algumas questões centrais por parte da autora levou a fazer ligações entre os Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, como também com algumas questões teóricas de Foucault. A sexualidade é tomada como uma construção histórica e cultural, que inscreve comportamentos, linguagens, desejos, crenças, identidades, posturas no corpo, através de estratégias de poder/saber sobre os sexos. Com esse estudo foi possível perceber que, nos espaços e nas práticas escolares, se fala rotineiramente na sexualidade. Observou-se ainda que no espaço escolar articulam-se distintos discursos e práticas direcionados à sexualidade das crianças através de estratégias de inscrição das identidades de gênero e sexuais nos seus corpos, como também o controle dos fenômenos biológicos, como a gravidez, e de doenças sexualmente transmissíveis.

Sexualidade Infantil: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual (2002), dissertação de Eliane Rose Maio Braga, é resultado das preocupações da pesquisadora relacionadas à educação sexual que as crianças recebem atualmente, especialmente em creche universitária. Objetiva investigar a compreensão de educadoras de creche sobre as manifestações da sexualidade de crianças de zero a três anos, tendo em vista a formação dos profissionais que se relacionam cotidianamente com as crianças e que percebem as manifestações da sexualidade das mesmas. Aprofunda-se no estudo da educação sexual na infância, fazendo referências a autores como Sigmund Freud, René Spitz, Jean Piaget e Lev Semenovich Vygotsky, que deram importantes contribuições para se entender a evolução psíquica, afetiva e cognitiva da criança. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com oito educadoras de uma creche universitária de Maringá-PR. Através das entrevistas foi possível perceber que, embora as educadoras tenham

informações sobre a sexualidade infantil, elas têm dificuldade de lidar de forma efetiva com a de seus alunos, por não terem tido uma educação sexual satisfatória em sua infância.

Na seqüência cronológica, dois trabalhos foram desenvolvidos em 2004. A dissertação de Aida Mair Prado Flores, intitulada *Sexualidade: representações de professores do ensino médio* (2004), investiga, a partir do olhar dos professores de escolas públicas e particulares de ensino médio as representações sobre sexualidade nas instituições educativas, procurando identificar, categorizar e discutir as concepções, ações na prática docente e aspirações dos alunos envolvidos nesse ambiente social. Os elementos obtidos a partir das realidades investigadas foram discutidos na perspectiva da teoria das Representações Sociais e como instrumentos de pesquisa utilizaram-se a entrevista semi-estruturada e a observação. Essas representações passaram a constituir o foco das discussões, que foram fundamentadas nas teorias de Foucault, Freud, Saviani, Nunes, Gomes, Veiga, Guimarães, Stoll, Kupfer, Minayo, entre outros. Esse estudo evidenciou que o tema sexualidade exerce influência sobre cada um dos integrantes de relações sociais, através de suas culturas, histórias de vida e políticas de um meio, sendo assim, um tema de bastante complexidade. Desse modo, a sexualidade, como uma dimensão da condição humana, exige dos profissionais da área da educação um empenho para suscitar momentos que possam esclarecer dúvidas ou mesmo nortear a formação integral do educando. Nas entrevistas, os docentes explicitam preocupação com a temática e solicitam subsídios que lhes forneçam esclarecimentos no trabalho com a sexualidade humana a fim de melhor lidar com ela na prática docente. Segundo a autora, a maior parte dos entrevistados relatam as dificuldades encontradas ao tratar o assunto, a falta de conhecimentos recebidos na formação inicial e a inexistência de projetos que permitam aos professores realizar de forma competente o seu papel profissional e social.

Também neste período foi concluída a dissertação de Regina Célia Pinheiro da Silva com o título *Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola* (2004), que investiga as produções de pós-graduação que tratam da formação dos professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual nas escolas, com o objetivo de conhecer essa produção e apontar suas principais tendências. Dentre as 165 produções acadêmicas encontradas na área, a autora selecionou 65 para serem descritas e analisadas quanto ao grau de titulação acadêmica, graduação do autor, orientador, ano de defesa, instituição de produção, nível escolar, modelos de formação inicial e continuada, características e concepções/representações dos professores e educadores, e elementos

teóricos, históricos e curriculares tratados nas pesquisas. A intenção da autora era conhecer as produções acadêmicas de determinado tempo e espaço e que são assim condicionadas histórico-social e culturalmente, e as contribuições que elas oferecem. Os dados apresentados pela pesquisadora confirmam as indicações que fizemos a partir de nosso levantamento sobre a produção acadêmica em torno da sexualidade. Conclui que as produções se concentram nas regiões Sudeste e Sul. O período que a pesquisa abrangeu foi entre 1977 e 2001, constatando-se maior concentração de estudos nos últimos anos, sendo o maior número de pesquisas registrado em institutos, faculdades e centros de Educação. Um aspecto interessante que a autora ressalta é que professoras de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental são as que afirmam se sentirem menos preparadas para abordagem da Educação Sexual com seus alunos, evidenciando a necessidade de ampliação de pesquisas voltadas para esses níveis de ensino com o intuito de viabilizar um efetivo trabalho de Educação Sexual.

Pelos dados apresentados, ressaltamos que nos últimos anos, principalmente a partir de 2002, começou-se a se investigar sobre a sexualidade com diversos enfoques. E diante disso nos questionamos: Quais serão as contribuições que os trabalhos acadêmicos têm dado às instituições escolares? Houve mudanças significativas na forma de se pensar e lidar com as questões que envolvem a sexualidade? A pretensão deste trabalho não é responder, mas refletir sobre essas e outras questões.

Na verdade, essas mudanças ainda não ocorreram de forma significativa. Iniciativas importantes já existem, mas modificações concretas no tratamento com a sexualidade ainda são pouco perceptíveis. A escola ainda tem uma preocupação maior com o controle da sexualidade, com a questão da AIDS, com a ocorrência de gravidez precoce. Tais questões têm sua importância e devem ser trabalhadas na escola, mas a sexualidade abrange muitos outros aspectos que também devem ser explorados com as crianças, adolescentes e jovens de nossa sociedade. A escola não pode limitar os conhecimentos relacionados à sexualidade apenas àqueles que explicam o funcionamento do aparelho reprodutor. “O adolescente pode, em algum momento, querer saber sobre o corpo, sobre o funcionamento do pênis ou sobre a gravidez, mas o interesse dele não é esse. O jovem precisa ter informações, mas elas devem vir no meio dos assuntos que para ele são mais importantes” (SUPLICY, 1993, p. 24).

É de suma importância tratar de questões como prevenção de doenças, gravidez precoce, entre outros, tendo em vista os dados alarmantes dos últimos tempos³⁷. Mas o trabalho da escola relacionado à sexualidade não pode estar limitado a tais aspectos. Valladares (2005, p. 133) afirma

[...] não é só para tratar dos “desastres sexuais” que serve a Orientação Sexual. A sexualidade é um dos aspectos mais bonitos do ser humano. Sua descoberta significa a entrada num mundo de fantasia e de prazer. Por isso a sexualidade é tão fascinante! É importante que a escola se dê conta desses aspectos e abra definitivamente espaço dentro de seus muros para tratar a sexualidade de forma inclusiva, completa e integrada à própria vida das professoras, alunos e professores.

Ainda hoje a sexualidade está impregnada de uma imagem negativa, relacionada à idéia de pecado e a diversos preconceitos. Isso se deve em parte à tentativa da religião de estabelecer valores sexuais, com a preocupação de ditar o comportamento humano. Mas tal visão tem se modificado em direção a um liberalismo que se expressa de diversas maneiras: aumentam estudos sobre a sexualidade pela ciência; inaugura-se a sexologia como uma nova disciplina, que tem como finalidade produzir a liberação sexual; surge uma consciência mais clara e aceitável da busca do prazer, principalmente para a mulher; o sexo vem se tornando mais igualitário, com maior participação das mulheres e significativa preocupação dos homens com a satisfação de suas parceiras (SANTOS, 2003).

Apesar de algumas mudanças estarem ocorrendo, a escola ainda apresenta conflitos relacionados à sexualidade e por isso assume uma postura de que ela não está presente no interior da escola. Ainda nos nossos dias a sexualidade é vista de maneira preconceituosa e muitas gerações terão que se empenhar para que ela seja entendida em sua essência, dando-lhe assim a importância devida. Este é um caminho que já começou a ser trilhado e, para se refletir sobre essa questão, tem sido grande a contribuição dos trabalhos produzidos no âmbito acadêmico.

No que se refere aos trabalhos que enfocam a sexualidade relacionados a professoras, esses demonstram que aos poucos tem se dado maior importância à temática no que concerne à formação de professores. Apesar de ser um processo lento, os trabalhos começam a anunciar tal preocupação. Outro aspecto a ser destacado é o fato de que se começou a focar a história de vida das professoras, ressaltando-se a sexualidade. A educação recebida pelas professoras,

³⁷ Valladares (2005, p. 133) diz que, “segundo o IBGE, no Brasil, a cada ano, duas de cada dez mulheres que dão à luz têm entre 14 a 18 anos. Isso significa que um milhão de parturientes brasileiras são adolescentes”.

as marcas deixadas por suas experiências vividas são associadas a sua atuação como docente. Destaca-se ainda a necessidade de as professoras reconhecerem sua postura frente à sexualidade e de repensá-la.

Será provavelmente longa a trajetória em busca de mudanças concretas em relação ao tratamento dado à sexualidade. E essa pesquisa tem o intuito de contribuir com mais um passo na maneira de pensar a sexualidade, considerando-a em toda a sua amplitude, tendo em vista que, as mudanças em relação à forma de lidar com a sexualidade interagem com mudanças no campo social, econômico, cultural e político.

CAPÍTULO III

RUMOS METODOLÓGICOS: DOS CAMINHOS ACADÊMICOS AOS DA ESCOLA

"É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar; é melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver ..."

Martin Luther King

No campo acadêmico se destacam diversas opções metodológicas, sendo, no entanto, a abordagem qualitativa considerada como a mais desafiadora para a pesquisa em educação³⁸. Dentre as diversas características peculiares da Pesquisa Qualitativa, destacam-se a importância dada à realidade investigada, em que a investigação parte dela, do seu interior, e não do meio externo.

Durante minha trajetória como pesquisadora, desde a graduação, observei o quanto o processo de pesquisa é mutável e, mais ainda, o quanto o pesquisador deve estar atento e aberto para perceber e aceitar as diversas mudanças que podem ocorrer no seu transcurso. Tal idéia se fortaleceu no diálogo com alguns autores que a consideram como um processo flexível, e não algo previamente definido e estático. Para González Rey (2002), a pesquisa representa um processo contínuo de produção de pensamentos que organiza o pesquisador no campo complexo de seu diálogo com o momento experimental. É evidente que os objetivos da pesquisa devem estar claros e que as delimitações precisam existir, mas é preciso estar aberto a mudanças durante o processo de investigação. É de grande importância o papel do pesquisador e dos sujeitos pesquisados como personagens ativos no processo de pesquisa.

Este trabalho não tem a pretensão de um grande alcance populacional de sujeitos como o de alguns estudos já realizados sobre a sexualidade humana. Alfred Charles Kinsey (1884-

³⁸ O percurso metodológico desta pesquisa começou a ser estruturado no desenvolvimento das disciplinas no primeiro semestre do ano de 2006. Destacamos as contribuições da disciplina de Pesquisa em Educação ministrada pela Profª. Dra. Myrtes Dias Cunha, que ampliou as noções sobre pesquisa, de maneira que, ao apresentar diversas abordagens metodológicas, nos permitiu vislumbrar melhor o caminho de pesquisa a ser percorrido durante o mestrado.

1956) realizou entrevistas com 18.000 pessoas, com a finalidade de investigar o comportamento sexual desses sujeitos. Algumas conclusões referentes a esse estudo são que “a moralidade sexual e as leis sexuais da sociedade não necessariamente correspondem ao comportamento das pessoas, e que o comportamento dos indivíduos varia enormemente dentro de uma sociedade” (GREGERSEN, 1983, p. 32). As pesquisas de Kinsey resultaram na publicação de seus livros “O Comportamento Sexual Masculino” (1948) e “O Comportamento Sexual Feminino” (1953). Os estudos de William H. Masters & Virgínia E. Johnson se deram através de observações diretas, em laboratório, da atividade sexual de 694 indivíduos (382 mulheres e 312 homens), o que foi realizado num período de 12 anos e teve como resultado a obra “A Resposta Sexual Humana” (1966). “O objetivo da pesquisa foi principalmente terapêutico: encontrar as mais simples curas para impotência, frigidez e outras disfunções sexuais que aparentemente importunam um enorme número de homens e mulheres no mundo ocidental” (GREGERSEN, 1983, p. 34). Os estudos de Shere Hite resultaram nas publicações de “O Relatório Hite de Sexualidade Feminina” (1976) e “O Relatório Hite de Sexualidade Masculina” (1981). Em relação ao trabalho que culminou na primeira obra, Hite distribuiu questionários com cerca de 60 perguntas, em todo o território norte-americano, entre 3.000 mulheres de 14 a 78 anos de idade, de diferentes classes sociais e que participavam de diversas atividades, o que foi realizado num período de quatro anos. (HITE, 1981).

Esses estudos³⁹ foram marcos importantes para a investigação da sexualidade humana e, apesar das críticas às limitações que cada um desses trabalhos possa apresentar, suas contribuições são indiscutíveis. Com essa dissertação, nosso intuito, ao investigar a sexualidade de professoras, é conhecer suas concepções e construções em torno dela, e não quantificar comportamentos.

Quando pensamos nos instrumentos a serem utilizados na pesquisa, fizemos uma opção primeira pelo questionário, sendo que, seus dados serão analisados com enfoque qualitativo.

Alguns estudos sobre sexualidade contribuíram para nossa pesquisa, no que se refere à utilização do questionário, como “*O Relatório de Hite: um profundo estudo sobre a Sexualidade Feminina*” (1976), e “*O Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina*” (1981).

³⁹ Outros estudos sobre a sexualidade humana ao longo da história são descritos por GREGERSEN (1983).

Nos dois estudos a autora se utiliza de questionários do tipo ensaio, justificando que, “embora a múltipla escolha torne muito mais fácil o trabalho do pesquisador, não é possível ter profundidade de compreensão” (HITE, 1981, p. 8). A autora ainda traz mais algumas contribuições metodológicas quando explica que preferiu o questionário escrito à entrevista pessoal, pelo fato de o primeiro respeitar o total anonimato dos indivíduos que respondem a ele e assim preservar integralmente a honestidade das respostas. Este aspecto foi de grande reflexão para nós, visto que um tema como a sexualidade possui algumas especificidades: restrições para se falar sobre o assunto, timidez, tabus, mitos, preconceitos. E como a pesquisa tem uma preocupação com os sujeitos pesquisados, consideramos importante cuidar, na elaboração dos instrumentos, que esses se sintam aptos a responderem. Contudo sabemos que algumas perguntas podem causar incômodos para alguns sujeitos, tendo em vista a forma como aprenderam a lidar com a questão.

Na presente pesquisa, pretendemos investigar a sexualidade de professores do ensino fundamental, procurando observar a influência que esta possui em sua formação docente. Ao pensar no questionário como primeiro instrumento a ser utilizado na construção dos dados, surgiram outros receios: Seria o instrumento limitado para alcançar o objetivo proposto? Seria o mais adequado? E, sendo a pesquisa, na perspectiva em que trabalhamos, algo em permanente processo de mudanças, ponderamos que o questionário como instrumento único, não seria suficiente para o que pretendíamos investigar. Assim decidimos estruturar nossa investigação em dois momentos.

No primeiro momento foram aplicamos questionários com o intuito de conhecer de um modo geral as concepções das professoras frente à sexualidade. Foram distribuídos 32 questionários e 12 retornaram, sendo que do número de questionários recebidos, 9 foram respondidos e 3 entregues em branco.

No entanto, sentimos a necessidade de buscar o recurso da entrevista para conhecer de modo mais aprofundado aspectos das histórias de vida das professoras⁴⁰ que influenciaram a construção de sua sexualidade, e assim analisar a influência que esta possui em sua formação. Estruturamos algumas questões norteadoras para o momento da entrevista, mas não houve

⁴⁰ Apesar de haver, no universo possível de sujeitos, um professor do sexo masculino, optamos por não realizar a entrevista com este, pois a condição primeira da entrevista é resguardar a identidade dos sujeitos e, sendo ele o único homem, sua identidade seria revelada.

rigidez em relação a elas. No desenrolar da entrevista surgiram outros aspectos que foram explorados, ampliando assim as questões abordadas.

Em termos metodológicos, nos inspiramos em alguns instrumentos da História Oral de vida. Fundamentamos-nos em Fonseca (1997, p. 15) que destaca a importância dessa metodologia

[...] por entender que, sendo o professor uma pessoa, a maneira como cada um de nós ensina está diretamente ligada à nossa maneira de ser, aos nossos gostos, vontades, gestos, rotinas, acasos, necessidades, práticas religiosas e políticas [...] a análise do modo de ensinar deve ser feita considerando fundamentalmente a pessoa-professor, o seu desenvolvimento pessoal e profissional ao longo do tempo. Assim, reconstruir trajetórias de vida significa recuperar os diferentes sentidos e significados que os sujeitos dão às suas experiências, e o modo como constroem e reconstróem suas identidades.

Não é tarefa simples conceituar o que seria a história oral, mas nos aventuramos em um dos conceitos utilizados por Meihy (2002, p. 13): “História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”.

Thompson (1992) afirma que, através da história, as pessoas buscam compreender as revoluções e mudanças que acontecem em suas vidas. A história da família, especialmente, pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal. A história local pode dar significância à natureza das mudanças de uma aldeia. E a história política e social ensinada nas escolas leva as crianças a compreender e aceitar o modo pelo qual o sistema político e social em que vivem se estruturou. “E o desafio da história oral relaciona-se, em parte, com essa finalidade social essencial da história” (idem, p. 21):

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 22).

Especificamente no campo educacional, Kramer & Souza (2003, p. 21) apontam alguns desafios ao tratarem sobre a utilização da história de vida:

Um primeiro desafio que encontramos ao utilizar as histórias de vida em pesquisa educacional é o de produzir um conhecimento que se situe na encruzilhada de vários saberes, quer dizer, um conhecimento compartilhado dialogicamente que requer, sobretudo, uma compreensão da narrativa como espaço de produção de linguagem entre entrevistador e entrevistado; um segundo desafio diz respeito à articulação de história e memória redefinindo esses conceitos.

Assim, de acordo com as discussões feitas por essas autoras em torno do uso da história de vida em pesquisas educacionais, coloca-se a necessidade imediata de romper com a concepção de história linear, e que obedece automaticamente aos acontecimentos históricos, proveniente da metodologia historiográfica.

Nos tempos atuais a história oral se integra ao debate sobre a função do conhecimento social e atua numa linha que discute a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Meihy (2002, p. 20) defende que: “A necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social, e nesse sentido está ligada ao direito de cidadania”. Concordamos com este autor, tendo em vista que o uso da História Oral de Vida permite que indivíduos que nem sempre possuem voz na sociedade tenham uma participação efetiva na produção do conhecimento.

Muitos são os cuidados que se deve ter na utilização da História Oral, e um deles está relacionado à sua integração no conjunto de outras expressões, como a oralidade e as denominadas fontes orais. Sendo assim, nem tudo que é oral e gravado se situa no campo da história oral. (MEIHY, 2002, p. 20)

Um problema⁴¹ que pode surgir na utilização da História Oral de Vida é apontado por Thompson (1992, p. 142):

Nos casos em que é possível cotejar uma entrevista confidencial com uma história de vida escrita para ser publicada, parece uniforme a tendência a omitir alguns dos detalhes mais íntimos, a esquecer o aborrecimento que causavam aquelas crianças malcriadas da rua, por exemplo, o que seria muito mais esclarecedor do que a generalização “cor-de-rosa” de que “naquele tempo, as crianças tinham mais respeito pelos mais velhos”.

⁴¹ Consideramos este ponto de grande importância na utilização da História Oral de Vida, e ele será melhor explorado no capítulo de análise, em que utilizaremos as falas dos sujeitos entrevistados.

Algumas preocupações para o momento da entrevista são destacadas por Fonseca (1997, p. 48): “[...] privacidade, as condições de iluminação, o silêncio e o conforto do espaço são muito importantes para a fluência do diálogo. Além disso, a disponibilidade de tempo de ambos é fundamental para manter o interesse e a tranquilidade no encontro”. Tentamos, dentro do possível, observar esses aspectos. As entrevistas tiveram uma duração média de uma hora, tendo sido a primeira realizada na casa da professora e a outra, no espaço da escola. Recorremos à entrevista semi-estruturada tendo em vista a validade dos pressupostos que esta traz: ser norteada por algumas questões pré-estruturadas e possibilitar abertura e flexibilidade. Como sugere Szymanski (2002, p. 18-19),

Não há um roteiro fechado – ele pode ser aberto no sentido de basear-se na fala do entrevistado [...]; mas os objetivos da entrevista devem estar claros, assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e direcioná-lo melhor.

A instituição em que a pesquisa foi realizada está situada em um bairro de classe média baixa, e atende 300 crianças de diversas classes sociais, e não apenas as que residem nas proximidades. A escola tem 10 salas de 1ª a 4ª séries, sendo 30 o número médio de crianças por sala. O quadro de professoras em cada turno é constituído de 10 professoras regentes, 2 de Ciências, 1 de religião, 3 de Educação Física e 2 de Artes.

Primeiramente, foi feito contato com a vice-diretora da escola para apresentarmos as intenções da pesquisa. Apesar do receio aparente frente ao tema, houve receptividade por parte da direção da escola, que exigiu o conhecimento prévio do instrumento a ser aplicado. Após a aplicação do pré-teste, algumas questões foram modificadas e, junto com a supervisora se deu o primeiro contato com as professoras, as quais receberam o questionário em um envelope.

Os contatos ocorreram nos períodos de recreio, na sala das professoras. Muitos comentários, por parte delas, foram surgindo ao longo da semana sobre a pesquisa: alguns em forma de brincadeira; outros falando da importância que viam de se tratar do tema; e outros mostrando resistência em falar sobre ele. Uma das professoras disse: *“Ontem estávamos comentando sobre seu questionário e rindo. Quem você acha que vai responder essas coisas que você pergunta?”*.

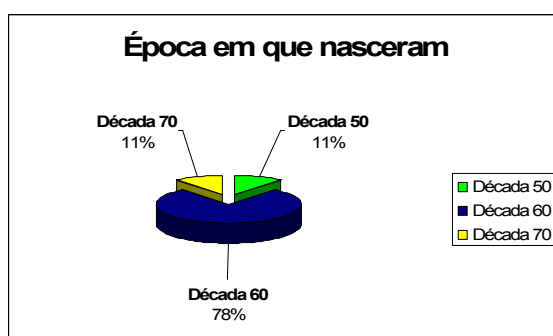
1. Caracterização dos sujeitos

O trabalho de campo teve a contribuição de 8 sujeitos do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Deles, 7 nasceram durante a década de 60, um na década 50 e um na década de 70. Como característica desse grupo destacamos que todos possuem curso superior e são orientados por princípios religiosos católicos, protestantes e espiritualistas. Esses dados podem ser visualizados no quadro e nos gráficos abaixo:

QUADRO 4: CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

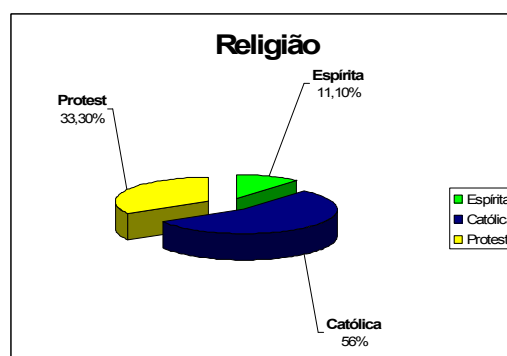
Número do questionário	Idade	Sexo	Religião	Formação
1	43	F	Espiritualista	Bacharel Teologia
2	40	M	Protestante	Ciências Sociais
3	38	F	Católica	Letras e Pedagogia
4	29	F	Católica	Teatro
5	54	F	Protestante	Pedagogia
6	42	F	Católica	Pedagogia
7	47	F	Protestante	Pedagogia
8	46	F	Católica	Pedagogia
9	42	F	Católica	Letras

Fonte: questionários



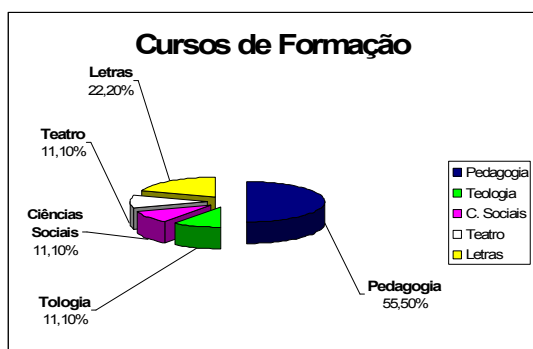
Fonte: questionários

Gráfico 2



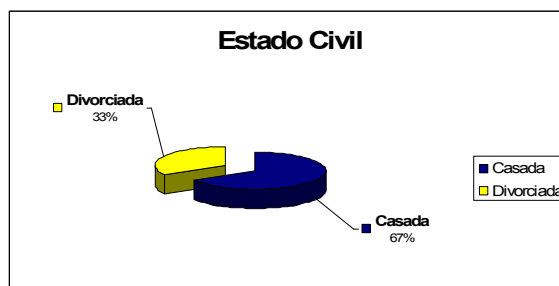
Fonte: questionários

Gráfico 3



Fonte: questionários

Gráfico 4



Fonte: questionários

Gráfico 5

É um dado importante, na caracterização dos sujeitos, seu estado civil. Seis professoras são casadas, representando 66,7% dos sujeitos, e 3 divorciadas. Complementando esse dado, do total 9 sujeitos, seis dessas professoras permanecem casadas, com mais de quinze anos de união conjugal, o que implica dizer que se casaram quando tinham entre dezenove e vinte e dois anos, não tendo ainda, nessa época, concluído o curso de graduação. Um dado interessante refere-se à proximidade entre o tempo de vida conjugal e o tempo de atuação como docente, em 4 sujeitos dentre o total. Analisamos esse dado como coincidente, mas também levamos em consideração as mudanças em relação ao papel da mulher na sociedade nos últimos anos, em que ela não fica apenas restrita aos cuidados da casa, conquistando cada vez mais o mercado de trabalho.

QUADRO 5: OUTROS DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Número do questionário	Estado Civil	Tempo de atuação docente	Tempo de Casada	Número de Filhos
1	Divorciada	10 anos	—	3
2	Casado	9 anos	20 anos	3
3	Divorciada	14 anos	—	1
4	Casada	9 anos	9 anos	2
5	Casada	15 anos	16 anos	1
6	Casada	10 anos	24 anos	2
7	Casada	16 anos	18 anos	2
8	Casada	25 anos	25 anos	3
9	Divorciada	16 anos	7 anos	2

Fonte: questionários

Desses sujeitos aqui caracterizados, dois foram selecionados para a realização da entrevista, com o objetivo de confrontar suas histórias, vivências, maneiras como foram educadas e as posturas atuais frente à sexualidade em sua prática. A escolha dos sujeitos para

a entrevista se deu pela receptividade que alguns já haviam apresentado, no período em que os questionários foram aplicados, à necessidade de alguns sujeitos para serem entrevistados. Três sujeitos se dispuseram a colaborar com a pesquisa, sendo a proximidade de idades outro critério de escolha para as duas professoras entrevistadas. Tal critério foi empregado, por considerarmos interessante analisar a vivência e a concepção da sexualidade de sujeitos que viveram numa mesma época e contexto.

O conteúdo das entrevistas será a base estrutural do capítulo 4. Esses dados estão organizados em três sub-temas, e os dados dos questionários serão utilizados no sentido de confirmar a análise dos elementos das entrevistas.

CAPÍTULO IV

A SEXUALIDADE DE PROFESSORAS E SEUS REFLEXOS NA PRÁTICA EDUCATIVA

Partindo do pressuposto reichiano de que no corpo estão os registros da história vivida ao longo das experiências, este trabalho está centrado na prática docente de professoras, tendo em vista que elas, conscientemente ou não, transmitem aos seus alunos, os valores que lhes foram repassados ao longo de sua vida. Por esse fato, o papel das professoras é de grande importância para se redimensionar o modo de pensar a sexualidade. Professoras que vivenciaram sua trajetória educativa de modo repressivo ou não, refletirão de algum modo esses registros no processo de ensino-aprendizagem.

Se ele for emocionalmente bloqueado, ele estará propenso a desenvolver todos os tipos de idéias errôneas a respeito de como uma criança poderia ser ou fazer na ocorrência de bloqueio emocional. Ele tenderá inevitavelmente a fugir do problema em mãos. Quanto maiores suas ansiedades pessoais mais distantes das exigências da situação estarão seus julgamentos e práticas. Dever-se-ia ressaltar novamente que o problema não está na criança, mas no bloqueio emocional e ansiedades no educador as quais constituem a real dificuldade (REICH, 1984, p. 65). (tradução nossa).

Sabemos que a perspectiva de se repensar e lidar com a sexualidade abrange mudanças complexas na sociedade e que estas não ocorrerão de imediato. No entanto, problematizar a sexualidade nos cursos de formação de professores é um passo significativo, ao possibilitar que licenciandos em formação revejam suas experiências ao longo de sua vida. “Para lograr la actitud idonea frente a las tendencias instintivas infantiles, el educador debe primero, mediante una labor analítica, liberarse a sí mismo de los prejuicios que su propia educación ha dejado en él” (SCHMIDT, 1924/1980, p. 52).

Como já mencionado na introdução deste trabalho, as discussões contemporâneas sobre formação de professores reavaliam a prática docente considerando as dimensões pessoal e profissional. Nóvoa (2000), analisando as mudanças ocorridas nas últimas décadas, acerca da imagem do professor na sociedade, destaca alguns marcos, entre eles o fato de, na década de 1960, os professores serem ignorados, como se não tivessem existência própria enquanto sujeitos do processo educativo; nos anos 70, os professores serem acusados de contribuir para

a reprodução das desigualdades sociais; nos anos 80 a disseminação de instâncias de controle dos professores e práticas de avaliação. Um dado desse momento histórico é a publicação da obra “O professor é uma pessoa” de Ada Abraham, em 1984.

Desde então, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores; trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação. (NÓVOA, 2000, p. 15)

Tais discussões se fazem importantes, à medida que consideram a prática de professoras como resultado de experiências pessoais e sociais diversas, não se restringindo aos conhecimentos adquiridos nos cursos de formação. Encontramos no discurso educacional coerências com enunciados de Reich ainda na primeira metade do século XX, para quem a saúde do educador é essencial para um contato sintonizado com a criança. “Isto pode soar como um trabalho fácil. Não é. Não será fácil manter nossas crianças capazes de livrarem-se das situações biopáticas. A dificuldade não está com as crianças, mas com os adultos – pais, professores, pessoas no ambiente”. (REICH, 1984, p. 63)

No entanto, o discurso educacional dos anos 1990, apesar da preocupação com a pessoa da professora, apenas menciona a questão da sexualidade de alunos e professoras, não tratando esta temática de modo satisfatório.

Consideramos que a entrevista que realizamos com as professoras que participaram desta pesquisa foi uma forma de elas retomarem sua história e poderem repensar a construção de suas concepções. Destacamos a satisfação das professoras Sheila e Graça⁴² em participar da entrevista, o que foi considerado por elas como um momento prazeroso. A professora Sheila disse que aceitou participar porque via a entrevista como um momento de se conhecer melhor. As duas histórias têm a semelhança de terem sido vividas em uma mesma época, iniciando-se nos anos de 1960. A professora Graça tem 43 anos e a professora Sheila, 42. Graça viveu a infância no campo até os 14 anos, em uma fazenda no município de Canápolis, onde o pai era o caseiro. Perdeu a mãe quando tinha apenas sete anos. A presença do pai na história de Graça é marcante e relatada de forma muito positiva. Sheila cresceu na cidade de Uberlândia, em um bairro de classe média baixa. Seu pai, embora tenha iniciado sua vida

⁴² Graça e Sheila são nomes fictícios.

escolar tardiamente, tendo feito a primeira série com 18 anos, fez um curso superior e hoje é advogado. A mãe continuou os estudos depois que se casou e é professora.

A análise das entrevistas está organizada em três sub-temas, selecionados a partir da forma em que se evidenciam na trajetória das entrevistadas e que nos permitiram analisar como a sexualidade permeia a história de vida das professoras: **Histórias e marcas: Registros nas histórias das professoras; O pensar e o viver a sexualidade; A sexualidade no cotidiano escolar.** A análise se centrará nas falas das professoras Graça e Sheila, mas serão complementadas com dados dos sujeitos que responderam os questionários. É válido esclarecer que o objetivo dos questionários foi de conhecer, de uma forma mais ampla, as concepções das professoras em torno da sexualidade. Da aplicação dos questionários foram selecionados dois sujeitos para as entrevistas, sendo esse o principal instrumento para alcançar o objetivo da pesquisa, que é conhecer a influência da sexualidade na formação das professoras.

1. Histórias e marcas: registros nas histórias das professoras

Dos contextos em que as professoras Graça e Sheila viveram a infância destacamos o fato de a primeira ter crescido em um meio rural e a segunda no meio urbano. A professora Graça relata sobre como foi sua infância na fazenda:

A minha infância foi muito rica, de brincadeiras [...] tinha muitas aventuras legais. [...] eu caminho nos caminhos que eu fazia na fazenda até hoje. Tanto que na minha pós-graduação eu questionei por que eu sempre caminho. Porque foi prazeroso, não foi dolorido fazer esse caminho. Tinha um pasto de frente da nossa casa que dava pra fazenda. A nossa casa era separada. A casa do caseiro era bem próxima da fazenda, uns cem metros, e tinha um caminho, cheio de árvores floridas, uns flamboyants vermelhos, e aquilo eu fico vendo direitinho, eu passava, e tinha umas coisas que eu acho que não era bem de criança fazer. Era montar. Adorava montar cavalo! Eu monto cavalo desde os cinco anos, monto, monto bem, e aquilo a gente fazia às cinco da tarde. A gente arreava os cavalos do patrão do meu pai e íamos de frente a esse pasto com esses flamboyants, e a gente apostava as corridas. Imagina! Com doze anos fazendo isso. E se cai? (Graça)

Em sua história, a professora Sheila nos fala sobre uma infância prazerosa, vivida num espaço diferente daquele relatado pela professora Graça – na cidade, que na época não possuía as configurações de hoje, quando as crianças têm poucos espaços para brincar.

São lembranças boas. Quando eu era pequena eu brincava muito. Assim eu era tipo moleque. Eu subia em cima de telha, em cima de árvore, brincava com os meninos na rua, brincava de carimbada, brincava de biloca, brincava de muita coisa. (Sheila)

Pelo relato as duas professoras quando crianças viviam felizes nos seus mundos, enquanto o país vivia uma das piores fases, promovida pelo regime militar. Ao mesmo tempo, um movimento de resistência se posicionava contrário, inclusive com a participação de jovens que, ao lutarem contra essa repressão, lutavam também pela ruptura de tabus relacionados à sexualidade, questionando padrões socialmente impostos. Combatiam as diversas formas de repressão: do regime militar, da sociedade e da família. Infelizmente a vitória foi dos militares e a repressão se fez presente em todos os sentidos.

Dessa repressão uma prática de orientação sexual se fez por meio do silêncio. A forma oculta de se tratar a sexualidade fica evidenciada na história da professora Sheila e também nas respostas aos questionários dos outros sujeitos. Estes, em sua maioria, não tiveram uma educação⁴³ que lhes permitisse conhecer a sexualidade como uma dimensão positiva e prazerosa da vida, trazendo tais registros em suas histórias. Dos sujeitos pesquisados, todos tiveram sua educação permeada por este processo histórico, em que se ressalta o não poder falar sobre assuntos relativos à sexualidade.

Na minha infância o tema sexualidade era totalmente ignorado no ambiente familiar. O assunto era ignorado pelo fato de que meus pais sentiam-se constrangidos de conversar sobre o corpo e as funções dos órgãos genitais e sexualidade. Sem muitas palavras. Aliás, não tinha esclarecimentos ou falas sobre este tema. (Sujeito 2)

Com pudor. Não tinha liberdade de falar sobre nada com meus pais e nem com minhas irmãs mais velhas. (Sujeito 4)

[...] Eles não falavam nada, nadinha. Eu não perguntava nada. Eles também não me falavam nada. Toda informação que eu tive foi através de livros, porque eu lia muito, eu sempre li muito. (Sheila)

No caso da professora Sheila, em seus relatos foi descrito um ambiente familiar fechado ao diálogo acerca da sexualidade. A professora conta ter tentado ela mesma estabelecer um diálogo com sua mãe, mas essa tentativa, pelo contrário, bloqueou e castrou a possibilidade de uma conversa sobre sexo.

⁴³ O termo educação abrange os ambientes familiar, religioso e escolar.

Uma vez eu achei uma calcinha suja da minha mãe. Eu já sabia do assunto, e eu perguntei o que era aquilo. Ela danou comigo, falou que não era para eu mexer nas coisas. Depois, logo eu fiquei menstruada. Aí não precisava explicar nada não, porque eu já sabia. Foi assim. (Sheila)

A partir desse fato, quando Sheila tinha nove anos, idade de sua menarca, ela desistiu de “querer saber”. Tal postura se tornou mais acirrada por influência da religião, a partir de sua adolescência. Com esse cerceamento, segundo Sheila, restava-lhe ler para buscar informações acerca da sexualidade, livros “muito técnicos e científicos”.

[...] quando eu tinha treze anos, eu fui pra casa da minha tia, e lá tinha uma enciclopédia, eram três livros (...) eu nem sei como se chamam, se era como falar de sexo, alguma coisa de sexo. Assim, eu li. Tudo o que tinha nos livros que me interessou eu li. (Sheila)

Assim se fez a educação sexual de Sheila, que, ao casar, pensando que sabia de tudo, sofre por decepção:

Eu acho que nessa hora fez falta a instrução, porque eu sabia de tudo, tudo, tudo, só que eu não sabia algumas coisas simples, como, por exemplo, eu não sabia que doía, eu não sabia que tinha que fazer carinho antes. Eu não sabia, eu já tinha lido sobre orgasmo mas eu não sabia direito o que era. Eu acho que nem minha mãe sabia pra explicar. Então é o que eu acho que falta. Porque a gente aprende assim, na escola, aprende tudo didaticamente, de um jeito técnico. Mas o que a gente precisa é de uma estrutura psicológica, emocional. Isso aí a gente não aprende. (Sheila)

A influência da religião na formação da professora Sheila se deu de forma mais efetiva na adolescência, influenciando um modo de ser rígido. Ela conta suas experiências com as religiões que freqüentou:

[...] minha mãe era católica, mas não ia muito à igreja. Eu lembro da minha mãe, das duas vezes que ela levou a gente pra igreja ela passou mal, o sol era muito quente. Uma vez eu lembro dela passar mal. [...] Ela sempre passava mal quando ela ia. E ela trabalhava muito, e quando chegava sábado e domingo eu acho que ela já estava cansada, eu sei que pode ser isso. A última lembrança que eu tenho dela, era com ela passando mal, a pressão abaixava. E, assim, ia eu mais meu irmão, de vez em quando na missa. Depois eu mudei de religião. Quando eu fiz doze para treze anos eu mudei de religião. Eu fui freqüentar outra religião. [...] Eu freqüentei a Testemunhas de Jeová. Comecei a estudar, estudei muito, sempre estudei muito. Estudava aquela literatura que eles têm e divulgava para as pessoas. (Sheila)

O fato de a professora Sheila começar a freqüentar tal religião na adolescência, período da puberdade em que há intensas transformações e manifestações hormonais no corpo, pode ter sido, uma forma por ela encontrada, talvez inconsciente, de conter todas essas sensações. Essas experiências castradoras causaram um represamento de sua energia sexual, pela forma como a igreja da qual ela começou a participar concebe a sexualidade. Essa experiência na vida da professora teve como resultado uma perspectiva pessimista sobre ela mesma, nas relações que estabelecia, o que pode ser percebido a seguir.

[...] era assim, quando eu falava Nossa, eu me apaixonei, aqueles namoricos, eu nunca namorei com os meninos que eu gostava. Aí eu apaixonava, e tinha aquele amor platônico, que só eu que gostava. Às vezes eu pensava que eles gostavam, mas não gostavam nada. E isso foi até os dezesseis anos. Mas aí eu namorava, depois dos dezesseis anos, eu namorava meus primos, eu beijava. [...] Mas sexo não, só beijo. (Sheila)

Por essa fala podemos perceber os conflitos internos da professora Sheila, que a partir dos valores religiosos impostos e normatizados pela igreja, que freqüentava iam determinando seu comportamento.

Não pode fazer sexo antes do casamento, de jeito nenhum. Não pode. Aí também eu aprendi mais coisas, que não podia fazer sexo antes do casamento, que tinha que preservar o corpo, a pessoa que fazia era fornicada, que Deus também não abençoava a pessoa, que às vezes a pessoa poderia fazer e não casar com aquela, às vezes o outro não queria. Então tinha aquela coisa, se a gente fizesse alguma coisa, vai que a gente não casava com aquela pessoa e aí às vezes outra pessoa não aceitaria. (Sheila)

Os aspectos religiosos mostrados acima revelam uma preocupação por parte das igrejas com o controle do corpo, da sexualidade dos indivíduos, pregando a imagem de um Deus castigador, que se voltará contra os que não obedecerem tais preceitos.

Atualmente a professora Sheila é católica, mas consideramos que essa experiência religiosa que teve na adolescência possa ter influenciado seu modo de ser, agir e pensar questões relacionadas com a sexualidade, pela rigidez dos preceitos da igreja em que participava.

Destaca-se ainda o fato de ela dizer que não perguntava nada sobre sexualidade, fato que por si só revela o ambiente repressor em que vivia. Ainda criança, apreendeu que não deveria nem ao menos perguntar sobre o assunto, tido como proibido. Nesse sentido,

retomamos as palavras de Reich (1942/1987) quando diz que a repressão da sexualidade na infância é usada como forma de educar as massas populares para que sejam cegamente obedientes. Como consequência da repressão sexual infantil, a criança perde sua espontaneidade, vivacidade e curiosidade de conhecer o mundo ao seu redor, características que são inerentes às crianças saudáveis. Relaciona-se com esses aspectos da história da professora Sheila algo que já foi discutido no início do trabalho, através das constatações de Annie Reich (1980), quando esta relaciona a repressão sexual infantil com problemas no desenvolvimento do indivíduo até a vida adulta. Pelos relatos da professora, o pai tinha uma postura autoritária, colocando o “Não” como prerrogativa em sua forma de educar, evidenciado em sua história que a curiosidade não era permitida. O desenrolar da história de vida da professora Sheila foi percorrido por diversos “Não”.

Ao observar os relatos da professora Graça, notamos que suas experiências com relação à sexualidade se deram de modo mais claro, sem tantas ocultações e silêncio. Além da vida no campo onde tinha ampla liberdade, seu pai, que assumiu sozinho a educação dos filhos, tornou-se um pai muito próximo e amigo.

Eu lembro da minha infância muito rica. Meu pai, ele apoiou a gente demais em tudo, ele orientou a gente em tudo, em tudo que você possa pensar, em tudo. (Graça)

Essa orientação à qual se refere Graça remete a questão da sexualidade. Com isso a professora revela um aspecto importante de sua construção. O pai, uma forte referência para ela, conversava sobre as manifestações da sexualidade de forma clara, não colocando a como algo proibido.

[...] o meu pai, ele tinha uma cabeça aberta. E as questões, ele não colocava isso como proibido, um tabu, uma coisa, não. Ele falava as coisas muito claras, ele educava a gente, ele passava um esclarecimento, sem falar tanto se era proibido. A gente ouvia isso mais da minha avó, minha avó, meus tios: não pode, é proibido, é pecado. Tudo era pecado, falava que era pecado. E eu não entendia o que era pecado. E eu lembro da minha avó falar uma história de Eva que comeu uma maçã. Pra que tinha que comer a maçã? Que não podia comer a maçã, aquilo virava uma confusão. (Graça)

Diante da forte presença do pai, a professora não se deixa influenciar por tios e avós que tratam a sexualidade como um tabu, ou ainda como pecado, reforçados por aspectos religiosos. A professora diz se confundir com a forma como eles tratavam da sexualidade

fazendo referência à história de Adão e Eva, e que a avó indagava por que Eva tinha que comer a maçã. Destaca-se aí a questão do pecado original, que, numa reflexão mais ampla, remete o sentido proibitivo ou ainda punitivo dos preceitos deixados pela tradição cristã: proibindo-nos conhecer o novo, e incentivando a aceitar as coisas como são – o paraíso. E tal herança é ainda maior sobre a mulher, culpada na história do pecado original de comer do fruto proibido. Fernández (1994, p. 51) analisa este fato:

Por que é a mulher quem primeiro come da árvore da sabedoria? A proibição está presente para os dois gêneros sexuais: “Da árvore da ciência do bem e do mal não comerás, porque o dia que dela comeres morrerás”. Ambos, como seres humanos, estão atravessados pela carência de conhecimento inscrita em seus gens. Mas esta carência é sua grande vantagem, já que sua força como espécie reside na necessidade de construir-se como humanos, através da criatividade, da aprendizagem, da busca de conhecimento.

Esta autora analisa a figura da professora como um instrumento de transmissão de conhecimento para o aluno e, na visão do pecado original, esta seria ‘pecadora’ por exercer essa tarefa. A professora é quem permite ver além das aparências. Fernández (1994, p. 51) ressalta o conhecimento como algo essencial à vida, e diz que

O animal não humano, de alguma maneira, vive no paraíso. Por não conhecer a futura morte “tem” a vida eterna. A proibição de conhecer (como em outra ordem a proibição do incesto), para os humanos, provoca seu desejo de conhecer. Além disso, é impossível não conhecer: quem não conhece, por não aprender, morre para a vida humana. Proíbe-se aquilo que é necessário para a vida. Ou o conhecimento e a vida (conhecer e simbolizar a morte), ou a proibição de conhecer e o imaginário do paraíso, onde – ao não existir o conhecimento – não há lugar para a sexualidade humana, para o trabalho, para a procriação de filhos, de novos seres humanos que, reproduzindo os velhos, ressignificam a história.

O acesso ao conhecimento torna possível aos indivíduos modificarem seu modo de vida; transformarem-no. E para que o indivíduo se aproprie do conhecimento, deve experimentá-lo, senti-lo em seu próprio corpo. Carlos Drumond de Andrade nos permite entender esse fato quando diz que “Nada está separado de nada, e o que não compreenderes em teu próprio corpo, não compreenderás em nenhuma parte”. Assim, é fundamental ao professor conhecer a si mesmo, seu corpo, sua sexualidade.

A forma de vivenciar a experiência religiosa por parte da professora Graça foi bem diferente da professora Sheila. Aquela questionava, não aceitava crenças impostas como a ação de Adão e Eva ao comer a maçã. Essa percepção do conhecimento que ela tem a faz

estar num constante estado de vivacidade. Conhecer é um processo vivo, permeado de surpresas, do novo, do desejo e Graça expressa isso em sua relação com os filhos, marido e alunos⁴⁴. Na sua relação com filhos mantém sempre um tranqüilo diálogo que se comprova na liberdade que eles têm de contar-lhe sobre os namoros. Exemplo disso é o fato de seu filho mais velho querer lhe contar sobre sua primeira relação sexual. A professora mantém uma relação equilibrada no casamento, tendo o marido a apoiado durante sua formação, e até hoje colabora nas tarefas de casa, continuando a apoiá-la em sua profissão. Esse seu jeito espontâneo se reflete em situações com seus alunos, quando, de modo extrovertido, consegue resolver questões diversas como relata a seguir. Ela comenta rindo sobre um momento depois do recreio em que os alunos chegam excitados e ela brinca com eles:

Eles estão num faixa etária de sete, oito anos, tem muitos assuntos de ficar, de beijar, e a gente percebe as rodinhas ao retornar do recreio. Um aluno falou assim esses dias [...] Eu uso uns bordão pra falar, e falei assim:

– Que michorti é essa aí, que furdunço é esse aí no final, o que foi aí no fundo?

E o aluno falou:

– Pronto, vai contar e já vai pra secretaria, vai contar que estava beijando e vai pra secretaria.

– Quem que estava beijando?

Então a gente percebe que ao retomar do recreio algumas coisas acontecem.

Em algumas falas das professoras Graça e Sheila, observamos como a religião influenciou seus comportamentos. Para a primeira, o aspecto proibitivo em torno da sexualidade não tinha importância, apenas lhe causava estranheza, mostrando assim que o modo negativo como a religião prega sobre a sexualidade pouco influenciou em sua construção. Quando criança, ir à missa na cidade era um passeio prazeroso, era algo desejado pelo movimento de sair de um lugar para outro e encontrar outras pessoas.

E era divertido aquilo, ir à missa era divertido, parecia um passeio, um passeio que a gente esperava o mês inteiro para ir para a cidade. Ia à missa, depois tinha que chupar picolé, depois ia para uma pracinha lá onde a gente comprava os pirulitos, e uns sequilhos, e umas coisas pra levar. Aquilo para nós era prazeroso. O dia de ir pra Canápolis, pra cidade, era muito bom. (Graça)

⁴⁴ A espontaneidade da professora Graça pode ser percebida em um momento informal, ao nos encontrarmos numa feira, em que ela chegou para cumprimentar-me de maneira íntima e carinhosa.

Percebe-se na fala da professora Graça, de um modo geral, uma tendência a falar muito das experiências boas que vivenciou e só ligeiramente das lembranças tristes. Conta sobre a morte da mãe, quando tinha apenas sete anos de idade. Fala sobre este fato de forma rápida no início de sua narrativa e no decorrer volta a falar mais uma vez, mas ligeiramente. Com a morte da mãe, será o pai quem irá cuidar e educar ela, as três irmãs e o irmão. O pai é uma forte e positiva referência para a professora, e ela relata lembranças dele em vários momentos da entrevista. Até mesmo quando fala da perda do pai, na ocasião tinha vinte e quatro anos, é breve e não fala das dores da perda sofrida. Nesse ponto ressaltamos as palavras de Thompson (1992) sobre haver uma tendência, em entrevistas que serão publicadas, a omitir detalhes mais íntimos e possíveis aborrecimentos.

A forte presença do pai terá sido divisor de águas na vida dela e da professora Sheila? São posturas paternas bem diferentes. O primeiro era flexível e afetuoso e o segundo, autoritário e por vezes castrador.

O meu pai só falava assim quando eu ia sair: Cuidado! Aí, aquele cuidado, quando ele falava cuidado, eu já sabia que eu tinha que ter cuidado com o meu corpo, cuidado com tudo. Só que eu não tenho lembrança da minha mãe falar que eu tinha que proteger, que ninguém podia pôr a mão no meu corpo. Então essas lembranças eu não tive, ele só falava cuidado. Mas aquele cuidado eu interpretava isso aí. Eu tinha que ter cuidado. (Sheila)

A postura de ficar quieta, adquirida na infância, perdurou durante a adolescência da professora Sheila, que permaneceu com a mesma atitude de obediência aos pais. Mas é questionável o que foi feito daquela menina que gostava de brincar, subir em árvores, brincar com meninos na rua. Voltamos a ressaltar as ligações feitas por Annie Reich (1980) entre as castrações da curiosidade infantil e os reflexos disso no desenvolvimento. Será que a repressão pelo silenciamento a afetara a ponto de, como diz Reich, ao alienar-se do corpo, o indivíduo se torna presa fácil dos ditames autoritários?

Enxergamos esse aspecto na vida da professora Sheila, que, até mesmo com relação aos namorados, mantinha obediência aos pais. Não podia namorar rapazes com pouco estudo, sendo essa uma exigência do pai. Assim foi deixando de fazer suas escolhas por obediência.

O primeiro namorado que eu tive meu pai e minha mãe não gostaram porque eles, a primeira coisa que eles perguntaram é se ele estudava. Porque meu pai é advogado, meu pai sempre estudou muito. Ele entrou na primeira série ele tinha dezoito anos, fez curso de Direito.

Minha mãe também estudou antes e depois que ela casou. Então, assim, pra eles, uma pessoa sem estudo... Então, eu comecei a namorar, e como eu era uma pessoa muito obediente eu namorei só uma semana, porque ele não estudava. Ele tinha quarta série, eu acho que eu já estava na oitava série, então não teve jeito. (Sheila)

A experiência vivida pela professora Graça em relação às primeiras noções sobre a sexualidade se contrapõe à experiência da professora Sheila. Ao contar sua história, a professora Graça fala mais sobre aspectos positivos no modo de lidar com a sexualidade, não revelando fatos negativos. Consideramos que isto se deve em grande parte à educação que o pai lhe propiciou. Um exemplo disso foi sua menarca:

Eu fiquei menstruada aos onze anos, e quem sentou comigo para falar o que era, foi ele (o pai). Eu lembro isso direitinho. E uma das filhas do nosso patrão, ela era minha professora, na época tinha onze anos, na fazenda, eu devia estar fazendo a terceira série. Ele (o pai) falou assim: você vai na casa da dona Ilma, e ela agora vai terminar de te explicar o que é, e como você tem que cuidar do seu corpo agora, ao tomar banho, porque todo mês nesse dia, vai acontecer tudo de novo, você vai sangrar. (Graça)

Observamos a forma como o pai da professora Graça, apesar de suas limitações instrutivas, teve o cuidado de explicar aquilo que sabia, e a orientou transmitindo-lhe tranquilidade e segurança. As orientações do pai se faziam cotidianamente conforme as situações as propiciassem.

(...) a gente tinha uma televisão preto e branco, novela Anjo Mau, e não mostrava cenas de sexo como hoje, mas mostrava algumas coisas, beijando, e ele falava assim: - Eles estão namorando – eu lembro disso direitinho –, só pode quando ficar grande, só quando ficar adulto que pode fazer isso, não pode fazer antes. Namorar também, ele falava: Só vai namorar quando ficar moça. É tanto que o meu primeiro namorado eu levei aos treze anos, em casa, conversei com ele antes, ele aceitou eu namorar em casa. (Graça)

Podemos perceber com isso a segurança que a professora Graça tinha para tomar suas decisões na escolha do namorado e para conversar com o pai, mesmo tendo apenas treze anos. E, ainda, como essa tranquilidade se refletia na sua relação com o pai, que aceitava suas decisões. Na fala a seguir este mesmo aspecto se revela, demonstrando autonomia e segurança da professora de saber o que queria independente da opinião do pai.

Eu chegava na minha adolescência com três namorados e falava: Pai, eu estou namorando com o fulano. O fulano sábado vem e eu

tenho que dar a resposta se eu quero namorar ou não, e eu estou namorando na escola com fulano. Aí ele explicava que não podia, que não poderia estar acontecendo. Ele falava: então vamos ver. Vamos pela família. Quem que você acha, assim, que você namorar, vai te valorizar, que não quer aproveitar de você, que não vai arrumar outra namorada, vai namorar só com você. Quem dos três? Aí eu pensava, e sempre ele indicava aquele que eu não queria. O que meu pai indicava, falava: Oh, a família dele é muito boa, esse é um rapaz que já está trabalhando, trabalha junto com o pai, ele é uma pessoa séria, vai querer namorar sério com você. Não, não queria aquele não, aquele já estava descartado, eu já ia descartando, esse que meu pai quer, eu não quero. (...) E tanto que meu esposo passou por esse processo seletivo, e meu pai, no início, não achava que ele era lá essas coisas não. (...) Nossa senhora, meu pai o via e falava assim: Não, minha filha, veja bem, um rapaz como ele, ele quer levar você a sério? Mas era esse que eu queria namorar. (Graça)

Na escola, Graça também teve a chance de vivenciar aprendizagens acerca da sexualidade, apesar de, nos primeiros anos escolares, o tema ter sido praticamente ocultado.

Outro aspecto que as diferencia é a formação escolar concomitante com a formação familiar. Nos primeiros anos escolares a professora Graça conta como o tema sexualidade era tratado na escola, falando da abordagem dada nos primeiros anos e as mudanças depois da sétima série.

Era passado muito por cima, não era claro. Depois de sétima e oitava série é que as coisas foram clareando, os conteúdos. [...] aí nós viemos para a cidade, e vão mudando também as séries, você vai tendo mais idade, e o professor vai citando mais algumas coisinhas, assim, esclarecendo. Mas até então não tinha uma clareza dos conteúdos não, nem em Ciências. (Graça)

Com a mudança para a cidade, a professora Graça sente muitas diferenças no modo de ensinar, na diversidade de professoras e com relação à forma como os professores explicavam sobre o corpo.

[...] Tinha professor de Ciências, Geografia, Matemática. Professora Lana de Ciências, ela era muito séria, mas tudo ela explicava do corpo. Aí já veio nos livros de quinta série falando de menstruação, espermatozóide, fecundação do óvulo. Isso nada até a quarta série eu não ouvi falar. Falou muito assim mesclado, que você nem percebia que estava falando do seu corpo [...] Eu não lembro assim, uma coisa que o professor esclarecia pra gente, até quinta série. Na quinta série eu fiquei até a oitava série com essa professora, ela que explicava tudo, depois passou para Biologia. Aí Biologia foi assim,

um outro universo, primeiro colegial. Luzia Ferro, professora de Canápolis [...] ela era uma professora tão à frente do seu tempo, que ela chegava na sala e aquilo era natural, primeiro ela explicava tudo pra você. Ela chegava e falava assim: Quem que pode hoje, por favor, ir um no banheiro e colocar, e pôr um pouquinho de espermatozóide aqui pra gente levar na lâmina? Isso eu vi no primeiro colegial⁴⁵. Aquilo pirou minha cabeça. Porque na oitava série era mais assim, falava-se mas não via a experiência em laboratório. Põe o esperma aqui pra gente ir para o laboratório, põe na lâmina. [...] ela era muito, muito tranqüila pra falar de relação. (Graça)

Ela continua contando sobre a sua experiência com a professora de Biologia do colegial, colocando-a como uma forte referência para sua construção, e diz que não tem problema em falar sobre o assunto.

Aí veio questão de gravidez, gravidez precoce, fecundação, explicava tudo. Não tinha tantas dúvidas assim, porque, também, a gente vai aprendendo com a vida, você não tem tantas dúvidas. O primeiro colegial abriu! Tanto que eu acho que no meu questionário eu falei, não tive nenhum tabu, uma coisa assim, um problema de falar. Que eu não tenho problema hoje de falar com os meus alunos, não. (Graça)

As experiências escolares relatadas pela professora Graça se revelam surpreendentes pela época em que viveu, como também pelo contexto de uma cidade do interior. Consideramos que tais experiências, juntamente a educação recebida no ambiente familiar, contribuíram para o modo tranqüilo como essa professora lida com a sexualidade de seus alunos e para seu modo de ser espontâneo e alegre. As experiências escolares da professora Sheila se apresentam de maneira diferente.

Não, não era falado, não era comentado nada disso. Ninguém falava nada. Às vezes a gente reunia assim um grupinho de meninas, só meninas. (Sheila)

É, não podia namorar na escola, igual hoje que os meninos beija, namora, as vezes abraça. Isso aí era proibido, não podia não. (Sheila)

A professora Sheila conta que nem mesmo nos conteúdos de Ciências se falava sobre sexualidade, sendo as proibições percebidas claramente no modo de ser das professoras. No

⁴⁵ Equivalente ao que hoje denominamos Ensino Médio.

pouco que ela relata sobre suas experiências escolares, podemos perceber que elas reforçam o aspecto repressivo de sua educação familiar e religiosa.

Tomamos por referência um outro aspecto que revela outras características das professoras – o processo de escolha da profissão. Algumas lembranças de infância da professora Graça a remeteram à sua escolha.

Olha, eu lembro de uma conversa que eu tive com o meu pai bem cedo, muito criança ainda, e eu falava que eu queria ser professora. Eu não sei se é isso que os pais colocavam que o filho tinha que ser médico, ou professora, ou isso ou aquilo... Mas desde pequena, quando eu ia brincar de casinha, não era de comidinha não, eu queria ser era professora. Eu pegava carvão, vamos pra parede escrever, eu era professora, sentava todo mundo pra eu ensinar. (Graça)

Carregando consigo esse sonho, Graça enfrentou muitas dificuldades para realizar-se, pois, ainda sem ter concluído a 8ª série, se casou e teve o primeiro filho, logo seguido pelo segundo. A fala da professora, a seguir, esclarece o dilema vivido para concluir seus estudos de 1º e 2º graus e de graduação.

Primeiro eu fiz Contabilidade porque eu fiquei grávida. [...] eu estava fazendo oitava, demorei muito vir da fazenda [...] com dezoito anos eu estava fazendo a oitava. Aí comecei a namorar meu marido, nós namoramos um ano e seis meses. O dia que fez um ano nós ficamos noivos, no dia que fez seis meses, nós casamos. E aí voltei pra escola, continuei estudando. Eu demorei um ano e seis meses pra engravidar, queria formar primeiro. Aí todos os anticoncepcionais começaram a dar problema, foram dando problema, problema, e então agora vamos colocar o DIU. [...] Nesse intervalo eu parei o anticoncepcional. Foi parar e engravidar. Eu lembro que fiz tabela uns dois meses, mas aí também não deu. Amamentando o Cláudio, que é meu filho mais velho, eu engravidei do outro com quatro meses. Juntinho, assim. O tempo todo, a infância deles, teve época que os outros perguntavam se eles eram gêmeos, o Cláudio estava com um ano e um mês esse aqui nasceu. E foi uma gravidez que trouxe alguns transtornos, de varizes. Eu não podia ter engravidado, mas eu estava amamentando, e o médico me assegurou que eu não ficaria grávida amamentando. Fiquei. E foi uma gravidez difícil. O outro neném ainda não sentava, estava muito novinho, fiquei grávida do outro. [...] Eu tive que fazer Técnico de Contabilidade, porque era noturno. Magistério era de manhã. Como que eu fazia com esses bebês? Eu queria o Magistério. Fiz Contabilidade porque não tinha opção. Depois fiz o

Magistério. Aí quando fui prestar vestibular prestei dois, um pra Ciências Contábeis e outro pra Pedagogia. (...) concluí em Ituiutaba o ensino médio, estudei, fiz o outro, fiz o Normal. Fui fazer Pedagogia em Ituiutaba morando em Capinópolis. Nesses doze anos foi assim. Fiz faculdade, comecei trabalhar, os filhos já estavam maiores. Meu esposo era gerente do Bemge, a gente já tinha rodado um monte de cidade e foi transferido para Capinópolis. Capinópolis era a cidade mais próxima de uma faculdade que eu ia ter acesso, aí fiz Pedagogia. Prestei pra Pedagogia e pra Ciências Contábeis. Passei nos dois e fiz opção [...] vou fazer Pedagogia. Aí fiz, bem depois, fui fazendo por etapas. Mas no início, estudando, menino pequeno, foi difícil, não queria parar, e também tinha que concluir, tinha que concluir, pensava em trabalhar, os meninos pequenos, não deixava com ninguém, era muito difícil. Parecia galinha choca com eles, os dois muito novinho. É tanto que eu fui arrumar o trabalho depois. Eu fui trabalhar o caçula estava com nove anos. (Graça)

A professora considera que a experiência com os filhos também contribuiu para a escolha de sua profissão, e diz:

E acho até mesmo história com os filhos... eu acho que ser professora é o mesmo que ser mãe. (Graça)

Mesmo diante das dificuldades, a professora Graça demonstra clareza em fazer suas opções. Resolve primeiro criar os filhos para depois fazer o curso de que realmente gosta, o de Pedagogia, para não sacrificá-los. Destacamos que a professora Graça tem confiança na vida. Parece crer como se perguntava Reich (1926/1980, p. 93) “¿Será excessivamente aventurado declarar que la vida sabe crear mejor que nadie sus necesarias formas de existência?”.

De modo distinto de Graça, Sheila não tem muito a dizer sobre sua formação. Com respostas abreviadas, vai revelando alguns dados que, ao serem analisados, expressam uma ausência de auto-determinação histórica de sua vida.

Eu fiz o colegial, fiz o Magistério, depois eu fiz o curso de Letras, em faculdade particular. E agora, eu estou fazendo Pedagogia. (Sheila)

Quando lhe indagamos o que a levou a esta escolha, responde:

Ah, porque a minha mãe era professora. [...] mas eu não sei se foi isso. Mas eu gosto de ser professora. (Sheila)

As características de Sheila até aqui destacadas, principalmente no que se refere à obediência para com a família, se confirmam também na escolha de sua profissão, justificada pelo fato de sua mãe ser professora.

Parece claro para nós que há diferenças marcantes entre as duas professoras. A professora Sheila foi privada de valores afetivos na construção de sua sexualidade, ou seja, ler instruções em livros, principalmente de caráter enciclopédico, não é o mesmo que ser orientada por seus pais. A figura do pai se destaca nas duas histórias. No caso da professora Graça, de forma cooperativa, e da professora Sheila, de maneira autoritária. Sabemos que se educa sexualmente uma criança com pequenos gestos: ao dar banho, ao cuidar de sua higienização, ao falar e na forma como se fala, ou ainda do que deixa de responder à criança quando esta demonstra curiosidade, entre outros fatores presentes no cotidiano. Mesmo sem saber os pais estão educando sexualmente seus filhos. Consideramos que tanto a professora Graça como a professora Sheila tiveram uma educação sexual nos respectivos ambientes em que viveram, mas que a forma oculta e proibitiva como a sexualidade foi colocada pelo ambiente que a professora Sheila vivenciou deu uma contribuição diferente à construção de sua sexualidade.

2. O pensar e o viver a sexualidade

Ao discutir a sexualidade, comumente se evoca a questão do natural. Tanto a professora Graça como a professora Sheila dizem tratar do tema com tranquilidade. Esse discurso está presente também nas respostas dos questionários.

[...] ele perguntou (o aluno), questionou, eu vou, explico aquilo ali pra ele. Não tem esse problema de falar: Nossa, tem que vir alguém, chamar alguém pra palestrar, pra explicar. (Graça)

Até a gente que é professora trata esses assuntos com mais naturalidade. (Sheila)

Trato o assunto com naturalidade. O ser humano é corpo alma e espírito. É necessário uma visão holística sobre o ser humano. (Sujeito 2)

Hoje em dia é uma questão natural de esclarecer dúvidas, curiosidades, mas já foi muito constrangedor por eu ser uma pessoa mais tímida. (Sujeito 3)

Hoje em dia, trato com bastante naturalidade. (Sujeito 4)

Um assunto natural, sem restrições. Falar de sexualidade é normal, tanto com os filhos, alunos e outros. (Sujeito 6)

Consideramos tais discursos vazios, tendo em vista que, quando confrontadas essas afirmativas com respostas que se referem às concepções dos sujeitos, evidencia-se mais preconceitos que naturalidade.

Ao referir-se à masturbação, tanto Graça quanto Sheila e os demais sujeitos a consideram natural, mas na prática cotidiana outras interpretações somos obrigadas a fazer.

A professora Graça, ao contar a situação descrita abaixo, afirma ter tratado o problema com tranquilidade, mas mostra não ter o esclarecimento necessário, quando diz à criança que, ao se masturbar, ela vai se machucar.

[...] meu aluno da segunda série, estava com um aluno da quarta série semana passada. [...] e eu também não falo: Depois eu falo com você no final.

- Professora, eu demorei no banheiro, porque o Ricardo lá da quarta série estava me ensinando masturbar, bater punheta, foi bater punheta que ele falou. Como a sala não sabia o que era, também não questionou, não perguntou, ele falou assim: - E a senhora sabe o que é? Não deu pra desviar. Eu falei: Sei, e outra coisa, como ele te explicou, ele já está maior, quantos anos você acha que o João tem? Tantos. Aí parei a aula. Ele já tem uma sementinha dentro dele, que fica aqui. Desenhei o saquinho tudo. Quando ele faz o ato de masturbação... Vamos mudar o nome. Bater punheta não, vamos chamar de masturbação, que no livro vai ter masturbação. Ele tem um líquido que vai sair pelo pênis dele, então ele já tem uma idade, porque ele já tem esse líquido. Vocês, sete anos, ainda não têm. Você tem que amadurecer. Conversei tudo, certo? Então o que ele te ensina? Mas se você fizer agora vai machucar seu pênis.

Também nas falas dos sujeitos dos questionários, evidenciamos contradições, quando perguntamos sobre as experiências com a masturbação.

Eu não me lembro, mas acho que não me masturbei, porque um dia comentei com uma amiga que estava sentindo vontade de passar a mão na vagina e ela disse que era para eu tomar água que passava. (Sujeito 5)

Acho que uns 10 anos. Minha tia percebeu e conversou comigo. Não disse que era errado. Mas disse que não deveria fazer do jeito que ela percebeu, quase em público. (Sujeito 6)

Contrariamente ao que se evidenciou nas falas dos sujeitos, a masturbação é uma ação instintiva, que colabora com o auto-conhecimento do corpo e de suas sensações. Ela tem ainda a função de satisfazer algumas necessidades dos adolescentes, aliviando a tensão sexual, fornecendo meios seguros de experimentação sexual, de combate à solidão, na descarga de tensões e do stress em geral. (MASTERS & JOHNSON, 1988)

Ainda envolvendo as concepções das professoras, tratamos da homossexualidade. As concepções das professoras Sheila e Graça em relação à esse tema se apresentam bastante discrepantes.

Eu aceito, eu aceito. Eu penso muito sobre isso, aí eu aceito. Mas como eu tenho três filhos homens, tem hora que eu penso que eu não aceito. (Sheila)

Respeito demais. Eu e meu esposo, ficamos pensando o que Canápolis, a sociedade – nós fizemos vinte e quatro anos de casados – o que eles entenderam, porque cidade pequena, onde o vizinho preocupa o que você faz, que hora você sai, que hora você chega, se você está grávida, com quem que você está, tudo. Cidade pequena tem disso. E nós como padrinhos tivemos dois homossexuais, assumidos. Há vinte e quatro anos atrás era o tabu, o preconceito era muito grande [...] e foram padrinhos de casamento nossos, porque eram amigos nossos, e nós íamos todos os domingos pra casa deles [...] (Graça)

Sheila diz aceitar, mas não para seus filhos, o que é contraditório. E Graça enfrenta os preconceitos de sua cidade, convidando como padrinhos para seu casamento um casal de amigos homossexuais, sem se importar com o que os outros iriam pensar dela. Além de tudo em uma época, 1983, em que os homossexuais passaram a ser vistos como os propagadores da AIDS.

Destacamos ainda como concepções distintas das duas professoras a questão da virgindade, estando ela relacionada ao casamento. A professora Sheila revela um importante aspecto de sua construção, que é a questão da virgindade, de ter que casar virgem, evidenciando uma maneira de pensar o casamento como um espaço que lhe daria segurança, tendo em vista o valor dado à virgindade.

Mas Sheila, ao contar sobre o casamento, e de sua separação, fala de decepções ao constatar uma vivência de desprazer. Ao ter coragem de superar essa fase sua vida, demonstra

uma ânsia de prazer e de descobrir outras formas de relacionar-se, não considerando mais que virgindade e casamento são termos essenciais.

Pra mim era, era uma continuação da vida. Eu pensava o tradicional, da minha época, década de oitenta. [...] A virgindade era importante. Eu casei virgem, então era importante. Só que depois que eu me separei, muitas coisas que eu pensava, hoje, por exemplo, eu não penso como eu pensava. (Sheila)

Quando eu era casada, quando eu ficava com o meu marido, eu achava que tudo aquilo era daquele jeito mesmo. Às vezes eu até chorava pensando: Será que esse negócio era assim mesmo? Será que é assim mesmo? E ele era assim, ele era muito rápido. E teve vezes de eu chorar e falava: Será que é isso? Essa bobeira?

Aí depois que eu separei dele, aí é que eu vi que, era completamente diferente, que era muito diferente. (Sheila)

Reich (1942/1987, p. 25) faz uma crítica ao casamento compulsivo, afirmando que “um homem e uma mulher são marido e mulher não porque tenham recebido o sacramento, mas porque se sentem como marido e mulher. A lei íntima, e não a lei exterior, é a medida da verdadeira liberdade”.

E isto se faz coerente, pois quando as pessoas se casam apenas por questões como a virgindade ou por outros aspectos morais, nem sempre existe a intimidade e maturidade necessária para que o casamento flua de maneira saudável. Reich (1942/1987) ainda ressalta que “a linha da compulsão é a linha de menor resistência” e que a forma autoritária como se impõe o moralismo através de instituições como o casamento é mais conveniente do que permitir que, desde criança, os indivíduos possam assumir uma atitude natural diante da sexualidade.

Esse aspecto na história da professora Graça se revela de forma positiva, até mesmo pela pouca influência da religião em sua vida. Ela relata que teve sua primeira relação aos treze anos e que não se importava com a obrigação de preservar sua virgindade para o casamento. Ela conta sobre as paqueras e os namoros de maneira profunda, falando das ilusões e desilusões que teve.

Paquera tinha demais, muita, desde cedo assim tinha os namorinhos. Eu lembro de uma história, e esses tempos atrás eu encontrei aqui em Uberlândia por um acaso: Sabe aquela paixão platônica que você

teve por um menino lindo da sala e ele nem sabe que você existe? Namorar escondido de cartinha, gente, umas carta, umas escritas, não era nem alfabetizado, menino da quarta série, aquelas letras trocando tudo, [...] e eu era apaixonada no menino. Fizemos um compromisso num bilhete. Nunca nem encontrava. Ele estudava na parte da manhã na escola da fazenda e eu à tarde. E ele morava do outro lado da fazenda. Então eu o via assim, de lá de cá, e achava que namorava. E os bilhetinhos que iam e voltavam, aquela coisa! [...] era tudo muito escondido. Nossa, a professora não podia saber. E a irmã dele estudava comigo. Eu estudava numa fila da quarta série, e como eu dava aula para os meninos do primeiro na: A irmã dele era do primeiro ano. Eu trocava os bilhetes na hora da leitura.

Assim como a história de Graça até a vida adulta, o casamento na sua vida foi um acontecimento espontâneo para ela e o marido, não sendo uma preocupação compulsiva.

Algumas questões do questionário trataram sobre o casamento, e as respostas a elas deixam perceber outras concepções sobre virgindade. Dos sujeitos que responderam aos questionários alguns, disseram não ser importante ter relação sexual antes do casamento, e outros que sim, o que pode ser observado nas falas:

Não. Para alguns pode ser, para outros não! Acredito que as relações sexuais devem ser praticadas com amor e naturalidade. (Sujeito 2)

Sim, porque a experiência é que nos aperfeiçoa, nos faz avançar, adquirir mais conhecimentos, aprender. (Sujeito 3)

Sim. Claro. Sexo é algo para ser apreciado antes, como o beijo. Vai que não dá certo. (Sujeito 6)

Ainda neste sentido abordamos outra questão. A mulher que não casa virgem tem menor valor do que as que preservam a virgindade? Consideramos que as respostas negativas, relativas ao valor da mulher que não se casa virgem, sugerem um período de transição sobre essas concepções, e que não cabe mais dizer que a mulher vale menos por não se casar virgem. Furlani (2007, p. 89) traz algumas contribuições nesse sentido:

Um tabu de influência comportamental alicerçado por idéias como a do “mito da virgindade feminina” como sinônimo de virtude, e reforçado pelo “mito da diferença do prazer entre homens e mulheres”. Este último afirma haver uma necessidade masculina de sexo antes do casamento “naturalmente” determinada. Ao mesmo tempo em que “retira” da mulher esta possibilidade, revela a hipócrita moral sexista na determinação de tratamentos desiguais para os sexos em relação a direitos e deveres sexuais.

Tais mudanças acontecem também no âmbito jurídico de forma significativa:

No Código Civil brasileiro de 1916 sobre o casamento (Artigos 178 e 219) afirmava que o marido tinha 10 dias, após as núpcias, para anular o contrato matrimonial, caso descobrisse que a esposa foi “deflorada”. Considerava ainda, a mulher casada incapaz (como os menores, os pródigos e os índios). Ao casar-se, a mulher era obrigada a adotar o sobrenome do marido. Somente a Lei do Divórcio, em 1977 permitiu à mulher conservar seu nome de solteira (“para evitar problemas futuros” ou “traumas para as crianças”). No Código Penal de 1940 é apresentado o conceito de “mulher honesta” como sendo aquela que pratica o sexo apenas depois de casada e somente na vigência do matrimônio. (FURLANI, 2007, p. 95)

Assim, na visão da lei e do discurso jurídico, a honestidade estava vinculada à virgindade. No Código Civil de 2002 houve um avanço em relação à legislação anterior quanto à posição da mulher, que deixa de ser apenas colaborado e companheira, e passa a também ter poder de decisão. Prevê também que a fidelidade, como outros atributos antes direcionados apenas à mulher, é dever de ambos.

Ressaltamos, dentre as concepções em torno da sexualidade discutidas nesse item, as das professoras Sheila e Graça. Pela diferença no modo delas perceberem a sexualidade, construído a partir de suas experiência de vida, notam-se contradições nas atitudes das duas professoras, mas que se apresentam menos intensas na professora Graça.

3. A sexualidade no cotidiano escolar

A vivência da sexualidade das professoras contribuem para a maneira de resolverem as manifestações da sexualidade de seus alunos, o que pode ser observado no relato a seguir da professora Sheila:

[...] eu trabalho de modo natural, eu falo o nome das partes do corpo. Por exemplo, essa semana eu tive um menino que estava esfregando no bumbum da menina. A menina veio me contar, me falou, eu conversei com a pessoa...

Conversei, particular. Aí os alunos, tanto as alunas como os alunos eles têm confiança, que às vezes acontece, e aí eu converso. [...] Ele riu, achou graça. (Sheila)

Ela conta outra situação com o mesmo aluno:

Ele tem oito. Agora essa semana aconteceu de novo com o mesmo menino. Ele deu um tapa na bunda de uma menina. Aí eu falei pra ele assim: – Você já pensou se sua mãe tivesse andando na rua e um

homem que ela nem conhece põe a mão na bunda da sua mãe ou dá um tapa nela? Como que você acha que a sua mãe vai se sentir? Ela vai ficar envergonhada ou ficar humilhada, vai ficar com raiva. É a mesma coisa que você está fazendo com a sua colega. Ela não te deu essa liberdade para você pôr a mão nela! Dar um tapa na bunda dela! Depois eu falei pra ele pedir desculpas, mas tudo assim, eu converso sem estar a turma inteira, senão vira uma bobagem.

Nessa situação a professora Sheila teve uma atitude que pode ser considerada rígida com a criança, ao compará-la com um adulto. Muitas vezes os problemas que acontecem na escola não estão neles em si, mas sim na forma como os professores interpretam, influenciados pela sua construção moral. Uma criança pode agir assim por necessidade de ter contato com o colega, por curiosidade. E isto pode ser trabalhado pela professora, com relação aos limites que cada aluno tem, se o outro gosta ou não de ser tocado daquela maneira. E a forma como a professora se posiciona diante de tais questões é muito importante, podendo revelar dificuldades e preconceitos, ou, por outro lado, como também sua tranquilidade. (TRECHO DESTACADO PELA SARA – Não estaria sendo cruel com a professora?) Mas por outro lado, não queremos julgar a professora em sua atitude, pois sabemos que o cotidiano escolar em toda sua dinâmica e complexidade, muitas vezes pega as professoras de surpresa, restando a elas fazerem o melhor que podem, e que na maioria das vezes as professoras em suas limitações, adotam determinadas atitudes achando que está fazendo o bem para a criança⁴⁶.

No caso de Sheila, ressalta-se um certo medo de aproveitar a oportunidade para trazer aos alunos a discussão acerca da sexualidade a partir das questões de gênero, de cultura, da televisão e outros contextos que estão influenciando o modo de pensar e de interpretar o mundo por parte das crianças.

Já o modo como a professora Graça lida com as manifestações da sexualidade de seus alunos, demonstra maior tranquilidade, o que pode ser percebido na situação relatada no item anterior, sobre seu aluno da segunda série que ficou curioso sobre a masturbação. Outro exemplo citado por esta professora neste sentido é que quando suas alunas estão menstruadas e sentem algum incômodo, têm abertura de falar para ela ou mesmo de pedirem para não participarem das aulas de Educação Física.

⁴⁶ Um problema que pode haver nesse sentido é que, por falta de maior esclarecimento, atitudes como essas sejam tomadas com frequência por parte das professoras, e que certamente irão influenciar negativamente na formação da personalidade da criança.

Voltando à questão da masturbação tratada anteriormente, sendo ela um tema recorrente ao cotidiano das escolas, a investigamos em alguns momentos do questionário, no intuito de perceber o modo como as professoras agem em situações que a envolvem, ao mesmo tempo, revelando suas concepções.

Começo a perceber a situação, o por quê, chamo a criança para conversar sem constrangê-la. (Sujeito 1)

Depende da manifestação; por exemplo, alguns meninos gostam de colocar a mão no pênis e mostrar para os outros alunos. Outros meninos, às vezes, passam a mão na bunda dos outros. Nesses casos chamo a atenção destes alunos, dizendo que não é necessário o “exibicionismo” e, no outro caso, o corpo do outro deve ser respeitado. Se surgem perguntas respondo-as com naturalidade. (Sujeito 2)

Converso informalmente. Esclareço as dúvidas. Proponho pesquisa e/ou palestra. Converso com os pais caso seja necessário. (Sujeito 7)

Sinto que não são bem orientados no ambiente familiar. (Sujeito 5)

Diante da última fala do Sujeito 5, indagamos: A escola, não tem o papel de contribuir no desenvolvimento da sexualidade da criança? Compartilhamos com o posicionamento dos PCN's nesse sentido:

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam.

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho (BRASIL, PCN's, 1997, p. 83).

Sabemos que esse documento tem contribuído para a preparação dos professores no que se refere à sexualidade, ao mesmo tempo que há um descaso com relação a ele por grande parte do professorado. A professora Graça conta que, na época em que os PCN's foram entregues na escola em que trabalhava, teve interesse de ir em busca do material e que houve

momentos de estudo sobre esse documento. Segundo essa professora, durante o Curso de Pedagogia, os PCN's foram trabalhados na disciplina de Didática, com exceção do que trata de Orientação Sexual. Diz que os temas transversais foram trabalhados quando foi oferecido um programa de formação continuada pela prefeitura, e que a diretora da escola é quem deu palestras sobre o assunto, pois não tinha problemas em tratar sobre sexualidade. Ela diz que o material a auxilia em seu trabalho de planejamento, para tirar dúvidas, saber como orientar melhor o aluno.

A professora Sheila diz conhecer os PCN's e que seu primeiro contato com o material, foi quando já era professora. Conta que a escola recebeu o material, mas que as professoras não o receberam individualmente. Hoje a escola em que trabalha possui apenas dois exemplares, pelo fato de as pessoas pegarem emprestado e não devolverem. Relata não ter tido nenhuma preparação na escola para utilizar o material e, com relação ao tema Orientação Sexual, fez um curso no CEMEPE⁴⁷, mas não comenta sobre a relevância do curso ou o que ele acrescentou à sua formação. Ela diz não utilizar os PCN's em seu planejamento por não conhecer bem seu teor, e por não os ter lido.

A partir do que foi relatado pelas duas professoras com relação aos PCN's, constatamos que o impacto desse documento sobre a formação delas foi de forma superficial. Houve deficiência de distribuição do material, que não chegou a todos os profissionais, como também falta de iniciativa das professoras em buscar conhecer, estudar e utilizar o material com maior profundidade.

A organização do PCN 10 de Orientação Sexual foi um passo importante para as discussões em torno da sexualidade no espaço da escola. Mas muito ainda tem que ser feito para que concepções em torno do tema sejam repensadas e questionadas pelos educadores.

Outro aspecto importante para que a professora consiga efetivamente educar seus alunos no que se refere à sexualidade está relacionado ao contato que estabelece com eles. Percebemos que as limitações e possibilidades das professoras estão atreladas ao modo como foram educadas. E, buscando entender a questão da afetividade no ambiente familiar, constatamos que os aspectos afetivos também se evidenciam de maneira distinta nas duas histórias, em relação a manifestações de carinho, de toque. Isso é claro na história de Graça, principalmente no que se refere ao pai, de quem conta na fala abaixo:

⁴⁷ Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais

Nossa! Era muito carinho mesmo, de sentar no colo, de conversar. (Graça)

As características narradas pela professora Graça em sua história de vida, no que se refere à afetividade, à possibilidade de estabelecer contato, se apresentam em sua prática com os alunos, como pode ser observado em sua fala quando lhe indagamos sobre a importância de estabelecer contato com eles:

Acho importante abraçar, dar um beijinho, tocar. (Graça)

E ainda relata uma situação prática com seus alunos em que sua preocupação com a afetividade se evidencia:

Se eu vou ensinar o dever, se eu fizer isso aqui nele (gesto de tocar) e ver que ele fez isso (se afastou), eu vou procurar trabalhar isso, saber por que ele está ali, naquela situação. Não aceita o toque, o abraço. (Graça)

Este fato revela sensibilidade da professora Graça perceber seus alunos, estando atenta aos aspectos afetivos deles e ciente da importância de tais aspectos no processo de aprendizagem da criança.

Nesse sentido, contrapomos outras características das professoras, destacando a fala da professora Sheila, quando lhe foi perguntada sua opinião sobre a importância do afeto da professora com seus alunos.

É importante, só que não pode ser demais, tem que ter uma postura. Porque se abraça todo dia, beija toda hora (...) eu acho que tem que haver uma certa distância, porque depois a hora que você precisa de respeito às vezes não tem. (Sheila)

Este relato revela novamente uma rigidez da professora Sheila, dizendo ser importante o afeto, mas preocupada com a sua autoridade em relação às crianças e receando perdê-la por manifestar carinho. Tal idéia não se restringe a esta professora, mas se dissemina no cotidiano das escolas: a professora, figura de autoridade, tem que se manter distante de seus alunos para ser respeitada. E quando buscamos na história da professora Sheila dados para compreender esta postura em relação ao afeto, ela nos conta como eram as demonstrações afetivas em seu ambiente familiar:

Até hoje é assim do mesmo jeito. A gente não tem esse negócio de abraçar, de beijar, essas coisas não, mas as atitudes eram de carinho. Por exemplo, meu pai, até hoje, mais a minha mãe, só falta adivinhar o que eu quero. Então tudo assim que eu preciso, que eu quero, até hoje eu tenho... (Sheila)

Pode-se assim, entender o porquê do receio da professora em não manifestar muito afeto com as crianças, tendo em vista que ela não teve experiências na construção de sua personalidade que incentivassem a tais gestos.

O último aspecto a ser ressaltado sobre as professoras é a imagem que elas têm de si como professoras.

Olha eu faço assim, avaliação diária. Ao corrigir os cadernos, ao término do dia, aquele bilhete que não foi, o caderno de recado que não foi assinado. O que eu passei, o que ele aprendeu, se ele fez a tarefa. Será que eu ensinei aquilo? Será que ele confundiu porque eu não ensinei corretamente? Eu acho que eu sou boa professora. (Graça)

Eu acho que eu sou boa, eu acho que eu sou dedicada. Eu gosto das crianças, eu gosto daquilo que eu faço. Então eu tenho prazer em vir dar aula, eu tenho prazer em estar com os meninos. Eu gosto da escola, tudo que a escola faz. Então, nenhum dia que eu venho pra cá eu venho contrariada. Quando eu não venho, porque eu estou de férias, ou porque eu estou doente, eu sinto falta, eu sinto saudade. (Sheila)

Interessante se faz perceber que o modo como a professora Sheila se vê se diferencia das nossas percepções. Ela não percebe em si a rigidez presente em diversas situações por nós destacadas. Sua educação reprimiu de diversas formas a vivência natural da sexualidade, o que se reflete em seu modo de ser como professora, muitas vezes de forma não perceptível por ela mesma.

Contrapõe-se a isso à experiência de vida e o modo de ser da professora Graça, que teve a oportunidade de viver com mais espontaneidade sua sexualidade, demonstrando este aspecto em seu modo de ser professora. Sabemos que nós, homens e mulheres, na maioria, somos neuróticos. Mas as neuroses se manifestam em maior ou menor grau no caráter, ou na personalidade das pessoas. É o que ressaltamos no caso da professora Graça em relação à professora Sheila. Pelo modo como viveram e foram se constituindo, tiveram diferentes oportunidades e, portanto, o modo de ser de cada uma se conformou também diferentemente. Mas ressaltamos, que apesar da rigidez presente no modo de ser da professora Sheila, depois

de sua separação do marido demonstra muitas mudanças em suas concepções e percebemos esse movimento na própria entrevista, da qual ela disse ter aceitado participar por julgá-la como um momento de buscar se conhecer melhor.

Ao analisar as falas e contrapô-las entre si, queremos mostrar como as vivências das professoras, relacionadas à sexualidade, influenciaram seu modo de ser. Mas em momento algum queremos julgar suas concepções como certas ou erradas. Cada professora teve sua história de vida, os valores que permearam sua educação, e todos nós somos por eles influenciados. O que pretendemos aqui é evidenciar essas questões e procurar entender e até mesmo desmistificar alguns valores impostos historicamente relacionados à sexualidade e à sua vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, ressaltamos, à luz da teoria reichiana a relevância e a complexidade do tema sexualidade, procurando evidenciar a dinâmica sexual e seus reflexos de modo dialético na vida social e individual, nas relações micro e macro sociais, refletindo tal amplitude em múltiplos contextos.

Ficam evidente que, no decorrer da história da humanidade, aos poucos, foram criadas funções, denominações e papéis sexuais nas relações entre os indivíduos. Com a evolução do processo de civilização, tais aspectos se tornaram mais rígidos, tendo em vista não ser mais prioridade a satisfação das necessidades humanas instintivas, mas sim o controle dos instintos. O principal instrumento do processo de civilização é a repressão sexual, baseada em normatizações, particulares de cada cultura, que ao longo da história foram sendo impostas sobre a sexualidade. Nessa evolução histórica, vê-se que o controle sobre a sexualidade se iniciou por interesse econômicos, de concentração de renda na família do pai. A filiação deixa de ser considerada pela linha materna, ressaltando a partir desse momento o poder do homem, e se estrutura a sociedade patriarcal. A vida social nesse tipo de sociedade deixa de ser regida pelos interesses coletivos evidenciados no matriarcalismo, passando a ter uma lógica de exploração e subjugação da mulher pelo homem. As marcas desse tipo de sociedade se mostram ainda hoje em nossas relações, pela exploração de pessoas, de suas mentes, de sua sexualidade.

A partir desses pressupostos foi possível perceber que grande parte dos males que assolam a vida social se deve à supressão da sexualidade natural. É nesse sentido que Wilhelm Reich relaciona a repressão da sexualidade à origem de neuroses. Este autor considera que, para solucionar os problemas das neuroses, necessário se faz restabelecer a vida amorosa natural das crianças, adolescentes e adultos. Tal mudança, em nosso modo de vivenciar e conceber a sexualidade, engloba uma transformação na dinâmica social, tendo em vista que, para que os indivíduos possam viver de maneira auto-reguladora, satisfazendo assim suas necessidades primárias, é preciso que o ambiente seja também auto-regulador. Isso nos leva a ressaltar a centralidade da sexualidade nas questões que estruturam a vida social.

Pensando nesse movimento dialético, de que a sexualidade é uma construção histórica, social, cultural, econômica e política, não se concebe mais que professoras e professores fiquem alheios aos conhecimentos que ela envolve. Nesse processo será preciso alcançar a essência que a sexualidade humana possui, corrompida pela história humana de milhares de anos marcada pela cultura patriarcal autoritária. Isto tem sido reforçado mais recentemente pelo modo de produção capitalista através de diferentes instrumentos como a pornografia, disseminada pela mídia.

O enfoque dado por Reich à sexualidade e aos problemas que sua repressão trouxe à vida humana foram confirmados nas histórias das duas professoras⁴⁸, colaboradoras dessa pesquisa. As duas professoras nasceram e viveram na mesma época, mas as características de suas histórias em diversos momentos se contrapõem, o que foi observado nas análises realizadas no Capítulo 4.

A história da professora Sheila revela uma pessoa submissa, sujeitando-se a diversas proibições desde a infância, o que fez com que fosse perdendo sua espontaneidade e vivacidade. Diferentemente, essas características foram preservadas no modo de ser da professora Graça, que teve uma educação que permitiu manifestações vivas de sua sexualidade, sendo a figura do pai importante nesse processo. Também na vida da professora Sheila a figura do pai se destaca, mas de forma repressora e autoritária.

Partindo da caracterização das professoras, ressaltamos que a formação de cada indivíduo se diferencia pelas relações que estabelece, pelo meio no qual está inserido. Ao se relacionar com o aluno, o professor já está lhe ensinando, tendo em vista que o corpo é um lugar privilegiado das marcas da cultura.

Para que o professor perceba o aluno como ele é e suas reais necessidades, assim como qual a maneira mais prazerosa e saudável para o seu aprendizado, ele precisa estar em contato consigo mesmo⁴⁹. Contudo, a formação de professores no Brasil ainda vem sendo estruturada de tal modo que os conhecimentos práticos e os conhecimentos fundamentais da educação se encontram dissociados. Isso inviabiliza a formação de um profissional com uma compreensão real do aluno, que lhe permita perceber manifestações de um corpo saudável ou não. “Uma personalidade sadia é vibrante. Um corpo sadio é pulsante e vibrante” (LOWEN, 1984, p. 42).

⁴⁸ Nesse momento estamos destacando especificamente as duas professoras que participaram da entrevista.

⁴⁹ O termo contato é utilizado por Reich para designar algo mais amplo, ou seja, o conhecimento de si.

Formar um educador a partir da premissa acima implica trabalhar a sua corporalidade. Neste sentido evidenciamos um dos pressupostos da teoria de Wilhelm Reich, que diz estar no corpo o registro da história de vida do indivíduo. McLaren (1993, p. 22) também ressalta o corpo como lugar de inscrições culturais.

O conceito do corpo como um local de inscrições culturais está ganhando importância como tema de investigação entre os teóricos sociais contemporâneos. (...) os corpos estão se tornando reconhecidos e explorados como práticas socialmente situadas e encarnadas e semioticamente muito vivas.

Essas teorias tratam o conhecimento como processo de corporificação, onde se reconhece

o corpo como base para nossas relações intersubjetivas e nossos investimentos afetivos na vida social, em oposição a tudo aquilo que se expressa através de formas discursivas e elaboração. Estão se realizando importantes e novas explorações sobre a forma como a história da filosofia está ligada ao corpo, assim como está se demonstrando que as formas pelas quais os indivíduos investem em seus corpos estão ligadas ao contexto histórico e cultural (MCLAREN, 1993, p. 22-23).

Trabalhar a corporalidade inclui pensar a relação do indivíduo com o seu corpo o que envolve também sua sexualidade. E, ao tratar da sexualidade relacionada ao campo educacional, é imprescindível que esta seja pensada na formação de professoras e professores, visto que ela está presente em grande parte dos pressupostos exigidos por esta formação.

A questão do corpo está relacionada ainda à saúde dos docentes, essencial para que o processo educativo ocorra de maneira prazerosa e saudável, possibilitando à professora prevenir processos de encorajamento crônicos nos alunos. E a sexualidade da professora, em termos de energia, de equilíbrio desta no corpo, está inteiramente ligada à sua saúde.

Ao pensar na necessidade de mudanças no modo de conceber a sexualidade ressalta-se a importância de se problematizar o tema no meio acadêmico, suscitando sua relevância para a formação de professoras. Foi de grande importância a participação dos sujeitos da pesquisa, e as contribuições dadas por eles, não só no momento dos questionários como também no das entrevistas, que possibilitaram perceber o quanto a sexualidade ainda está envolta por tabus, mitos e preconceitos.

Constamos que a maior parte dos cursos de formação de professoras não se aprofunda nesta temática de forma satisfatória. Deste modo, reafirmamos a urgência de se incluir nos

currículos desses cursos uma discussão aprofundada sobre a sexualidade. Tal proposta inclui ainda repensar a formação de professoras, no que tange aos aspectos que a influenciam, considerando não apenas o âmbito profissional, mas também o pessoal. Trabalhar a sexualidade na formação de professoras inclui aspectos teóricos, de esclarecimento, como também sua formação pessoal, podendo esta ser explorada através do resgate de suas histórias de vida, construções, concepções em torno do tema.

As considerações finais desta pesquisa são (in)conclusivas, e se dão no sentido de exaltar a importância do papel das professoras e de sua saúde, em especial as de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, visto que, elas têm a possibilidade de educar crianças no início de seu processo educativo, e lhes proporcionam construir estruturas de caráter saudáveis. Wanderley Codo (1999, p. 392) transmite de forma concisa a importância da profissão do professor de um modo geral:

O grito do trabalhador alienado é contra o esmagamento de si. O grito do educador é pela possibilidade de realização de si mesmo.

Enquanto as respostas não vêm, enquanto o professor não nos ensina a viver nessa nova realidade, que cada qual tome seus cuidados.

Que o cidadão saiba e repita que está diante de um artífice do nosso futuro, que merece respeito.

Que o Estado saiba que este é um trabalhador especial, que deve ser tratado de forma especial.

Que os sindicatos saibam que existem mais dramas entre o professor e os alunos do que imaginam as lutas salariais. E que o educador ouça:

Parabéns professor, você tem um trabalho completo, cuidado professor, você tem um trabalho completo demais.

Diante disso, chamamos a atenção dos cursos de formação de professoras para a criação de espaços que favoreçam pensar, problematizar e refletir sobre a sexualidade, de forma a possibilitar às professoras reverem seus conceitos, preconceitos e sua própria história, criando assim condições básicas para uma educação que considere a sexualidade de modo saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTINI, Paulo. **Reich: Histórias das Idéias e Formulações para a Educação**. São Paulo: Ágora, 1994.

ALBERTINI, Paulo (org), WAGNER, Cláudio Mello, REGO, Ricardo Amaral & MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Reich em diálogo com Freud: estudos sobre psicoterapia, educação e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Educação [sexual] e sexualidade: o velado e o aparente**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

COSTA, Ney Francisco Pinto. **Aspectos da Doença**. In: RIBEIRO, Marcos (org) **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Itinerário de uma crise: a modernidade**. 2ª edição. Reimpressão. Curitiba: UFPR, 2002.

ENGELS, Friedrich. (1884) **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 5ª edição. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. In: ENGELS, Friedrich & MARX, KARL. **Obras escolhidas**. Volume 2. São Paulo: Editora Alfa-Omega, s/d.

FERNANDES, Daniela Mota & MOTA, Maria Veranilda Soares. **A Dimensão Corporal Refletida na Prática Educativa**. In: Revista On-line da PROPP: Horizonte Científico. Edição nº 5, 2005. Disponível em <http://www.horizontecientifico.propp.ufu.br/index.php>.

FERNANDES, Daniela Mota & MOTA, Maria Veranilda Soares. **O corpo no cotidiano escolar: um olhar sob a ótica reichiana**. In: Revista On-line da PROPP: Horizonte Científico. Edição nº 6, 2006. Disponível em <http://www.horizontecientifico.propp.ufu.br/index.php>.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Trad. Iara Rodrigues. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem.** Trad. Neuza Kern Hickel. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. **Saberes da Experiência, Histórias de Vida e Formação docente.** IN: CICILLINI, Graça Aparecida & NOGUEIRA, Sandra Vidal. **Educação Escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas.** Uberlândia: EDUFU, 2002.

FOUCAULT, Michel. (1976) **História da sexualidade 1: A Vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade.** Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. (1930) **O Mal Estar da Civilização.** Seleção de Textos de Jayme Salomão. Trad. De Durval Marcondes, 1978. (Os pensadores).

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana.** 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em Educação.** Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.

GONÇALVES, Waldir Lourenço. **Teoria da Personalidade em Wilhelm Reich.** In: REIS, Alberto Olavo Advincula, MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo & GONÇALVES, Waldir Lourenço. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung.** Temas Básicos de Psicologia vol. 7. São Paulo: EPU, 1984.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios.** Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas Sexuais: A História da Sexualidade Humana.** São Paulo: Roca, 1983.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** Petrópolis: Vozes, 1986.

HABERMAS, J. **A nova intransparência.** Trad. Carlos Alberto Marques Novaes. In: **Novos Estudos CEBRAP.** São Paulo, nº 18, 103-114, 1987.

HITE, Shere. **O Relatório Hite: um profundo estudo sobre a Sexualidade Feminina.** São Paulo: DIFEL, 1981a.

_____. **O Relatório Hite sobre Sexualidade Masculina.** São Paulo: DIFEL, 1981b.

KRAMER, Sonia & SOUZA, Solange Jobim e. **Experiência humana, história de vida e pesquisa**: um estudo da narrativa. In: KRAMER, Sonia & SOUZA, Solange Jobim e (orgs.). **Histórias de Professores**: leitura, escrita e pesquisa em Educação. São Paulo: Ática, 2003.

LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LELIS, Maria Terezinha Carrara. **O corpo nos processos de aprendizagem**: contribuições de Wilhelm Reich e Alicia Fernández. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane & GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas do conhecimento**. Texto apresentado na mesa redonda intitulada *Estudos gays e estudos feministas*, no II Congresso Brasileiro de Homocultura, realizado em Brasília em junho de 2004a.

_____. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIOTE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004b.

LOWEN, Alexander. **Narcisismo**: negação do verdadeiro “self”. Trad. Álvaro Cabral, São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

_____. **Prazer**: uma abordagem criativa de viver. Trad. Ibanez de Carvalho Filho, São Paulo: Summus, 1984.

MALINOWSKI, B. (1929) **A Vida Sexual dos Selvagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MARCUSE, Herbert. (1955) **Eros e civilização**: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1975.

MASTERS & JOHNSON. **O Relacionamento Amoroso**: segredos do amor e da intimidade sexual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **A educação em Wilhelm Reich**: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual. São Paulo: UNESP, 2005.

MCLAREN, Peter. **Pós-Modernismo, Pós-Colonialismo e Pedagogia**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Teoria Crítica em Tempos Pós-Modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 2002.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983.

NAVARRO, Federico. **A Somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica**. [Trad. Ailton Bedani, Beatriz Sidou; revisão técnica Glória Mariani], São Paulo: Summus, 1995.

NÓVOA, Antônio (org). **Profissão de Professor**. 2ª edição. Lisboa: Porto Editora, 1999.

_____. **Vida de Professores**. 2ª edição. Lisboa: Porto Editora, 2000.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

PRIOTE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

REICH, Annie. **Se teu filho ti pergunta**. Rio de Janeiro: Espaço Psi, 1980.

REICH, Wilhelm. (1926) **Los Padres como Educadores: la compulsion a educar y sus causas**. In: REICH, Wilhelm & SCHMIDT. **Psicoanálisis y educación 2**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1980.

REICH, Wilhelm. (1931) **As origens da Moral Sexual**. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1971.

_____. (1936) **A Revolução Sexual**. Trad. Ary Blaustein. São Paulo Editora Zahar, Círculo do Livro, 1966.

_____. (1942) **A função do Orgasmo: problemas econômicos sexuais da energia biológica**. Trad. Maria da Glória Novak. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. (1948) **Análise do Caráter**. Trad. Ricardo Amaral do Rego. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Children of the future**. Transl. Beverly Placzek, Derek and Inge Jordan. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1984.

_____. (1953) **O assassinato de Cristo**. Trad. Carlos Ralph Lemos Viana. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

REIS, Alberto Olavo Advincula, MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo & GONÇALVES, Waldir Lourenço. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. Temas Básicos de Psicologia vol. 7. São Paulo: EPU, 1984.

RODRIGUES, Angela Luiz. **A História registrada no corpo das professoras: saberes docentes numa perspectiva reichiana**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores**. IN: NÓVOA, Antônio (org). **Profissão de Professor**. 2ª edição. Lisboa: Porto Editora, 1999.

SANTOS, Liany Silva dos. **Sexo na propaganda da TV: Imagens dos padrões sexuais da cultura brasileira**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, 2003.

SCHAEFER, Bebel Orofino. **Sobre o tratamento de gênero dado à tradução**. In: McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3ª edição. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

SCHMIDT, Vera. (1924) **Educación Psicoanalítica en La Rusia Soviética**. In: **Psicoanálisis y educación**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1980.

SILVA, Angela Maria; PINHEIRO, Salete de Freitas; FRANÇA, Maira Nani. **Guia para normatização dos trabalhos técnicos-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SILVA, Edna Aparecida da. **Filosofia, Educação e Educação Sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de FREUD, REICH e FOUCAULT para a abordagem educacional da Sexualidade Humana**. Tese (doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas: SP, 2001.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola**. In: AQUINO, Julio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: alternativas e Práticas**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 1997.

SUPLICY, Marta. **Educação e Orientação Sexual**. In: RIBEIRO, Marcos (org) **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

SZYMANSKI, Heloisa (org), ALMEIDA, Laurinda Ramalho de & PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

TARDIF, Maurício. **Saberes Docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLADARES, Kátia Krepsty. **Sexualidade: professor que cala nem sempre consente**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

WAGNER, Cláudio Mello. **Freud e Reich: continuidade ou ruptura?** São Paulo: Summus, 1996.

ANEXOS

ANEXO I

**TRABALHOS ACADÊMICOS COM A TEMÁTICA GERAL
‘SEXUALIDADE’**

DISSERTAÇÕES = 44

TESES = 16

EIXO TEMÁTICO 1					
Sexualidade e Gênero					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	1988	SALGADO, Ana Lúcia.	Um estudo sobre o comportamento sexual feminino em adultas jovens sob a influência educacional como pressão social.	UFRGS – Curso de Pós-Graduação em Educação	Pretende detectar dentro do processo de desenvolvimento, o comportamento sexual manifestado por mulheres adultas jovens e sua relação com o processo de educação e a sociedade. O trabalho foi realizado numa realidade de classe média alta, com profissionais liberais e professoras universitárias. Foram analisadas as diferenças e semelhanças em termos de comportamento sexual, tendo como base a sexualidade que a cultura e que todo o processo social tem profunda relação com o desenvolvimento do processo sexual do ser humano no que diz respeito a causas e efeitos.
Dissertação de Mestrado	1991	SOUTO, Denise Figueiredo.	Estudo exploratório sobre a sexualidade feminina em uma população universitária.	PUCCAMP – Psicologia.	Considerando as mudanças da sexualidade feminina ocorridas nas últimas décadas objetivou a autora obter em bases empíricas do assunto através de depoimentos de mulheres universitárias casadas e solteiras, investigar como as mulheres posicionam-se a nível consciente frente a sua sexualidade buscando sistemas de representações, valorizações afetivas e influência de regras sociais.

Dissertação de Mestrado	2004	MARQUES, Licia Carvalho.	Novas elaborações psicanalíticas sobre a sexualidade feminina a partir do declínio da lógica fálico edípica ⁵⁰	PUC-RIO – Departamento de Psicologia Clínica	Este trabalho tem como objetivo apresentar as repercussões do declínio da lógica fálico-edípica sobre a produção psicanalítica a respeito da sexualidade feminina. Para tanto, traça o perfil do lugar do pai na modernidade a fragilização deste lugar na contemporaneidade. A seguir mostra os reflexos desse estado de coisas na teorização psicanalítica atual sobre a mulher através da apresentação e discussão dos conceitos de objeto, por um lado, e feminilidade, por outro, representativos de duas teorias psicanalíticas contemporâneas que estudam a questão da mulher.
Dissertação de Mestrado	2004	FREITAG, Marcos José Clivatti	Gênero e sexualidade nas diretrizes curriculares para a educação brasileira	URB – Programa de Pós-Graduação em Educação	Esta pesquisa analisa como se apresenta a questão de gênero e sexualidade no documento de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, aqui entendidos como um documento político-normativo que orienta a elaboração e efetivação de currículos para a educação escolar brasileira. Tomando-a como contribuição à compreensão das políticas de gênero e sexualidade, atreladas às políticas de identidade, de mercado, de saúde e de reprodução circunscritas nos documentos oficiais que estabelecem diretrizes norteadoras do currículo escolar, a pesquisa criou uma relação tridica: gênero-sexualidade-educação, que buscou-se desvelar partindo-se dos referenciais das Teorias de Opressão de Gênero, através de pesquisa documental, em uma análise contextual.

⁵⁰ Os trabalhos que estão com os títulos sublinhados indicam um Hiperlink para o texto completo. Os que não possuem esta indicação são os trabalhos que não tivemos acesso ao texto na íntegra, e foram analisados a partir dos resumos. Dois trabalhos foram publicados em livros, o que está indicado junto com suas referências no quadro.

Dissertação de Mestrado	2005	<u>WENETZ, Ileana</u>	Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio	UFRGS – Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano.	A partir das vertentes dos Estudos Culturais e de Gênero que se aproximam do pós-estruturalismo de Michel Foucault, busca-se neste estudo, entender como são atribuídos significados de gênero que atravessam ou instituem modos diferenciados de ser menino e menina num contexto particular, o recreio escolar. Tenta-se compreender como se aprende a ser feminina e masculino nesse universo cultural, procurando pensar como o corpo torna-se alvo de determinados discursos e como as práticas corporais vivenciadas no recreio disciplinam/resistem nos corpos, generificando-os.
Dissertação de Mestrado	2005	<u>GUERRA, Judite</u>	Dos "segredos sagrados": gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil	UFRGS – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.	A presente pesquisa foi realizada em uma escola particular de Educação Infantil, no município de Porto Alegre, com um grupo de crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos de idade, com o objetivo de discutir questões em torno da sexualidade e das identidades de gênero. As discussões advindas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, numa perspectiva pós-estruturalista de análise, possibilitaram compreender de forma mais ampla os processos de formação das feminilidades e das masculinidades na infância, bem como as estratégias de disciplinamento dos corpos infantis no espaço escolar.
Dissertação de Mestrado	2005	FERNANDES, Luis Antonio Bitante	ADOLESCÊNCIA: A construção das identidades sociais de gênero e de sexualidade	PUC-SP Ciências Sociais: Sociologia	Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise das formações identitárias dos adolescentes com base nas discussões sobre as relações de gênero e de sexualidade. Procura estabelecer uma discussão com base em algumas categorias analíticas como relações de gênero, sexualidade e formação identitária no âmbito escolar, mediadas pelas elaborações discursivas dos vários sujeitos presentes na escola.

Dissertação de Mestrado	2006	CORRÊA, Amanda Presotti	Pedagogias do desejo: erotismo, violência e construção da sexualidade feminina	UnB – Programa de Pós-Graduação em História	Dedica-se a analisar textos literários eróticos produzidos por mulheres entre 1982 e 2003. A partir da leitura e seleção de seis contos levantou-se matrizes de inteligibilidade que eram particularmente expressivas no que diz respeito às representações das mulheres e sexualidade feminina.
Dissertação de Mestrado	2006	CISOTTO, Laurindo	Currículo: Prática Educativa e Sexualidade Condições Escolares para a Formação da Subjetividade não-Heterossexual de alunos(as) de Escola Católica da Zona Sul de São Paulo	PUC-SP Pós-Graduação em Educação	Esta pesquisa pretende investigar as práticas educativas para a formação da subjetividade não-heterossexual de alunos (as) de escola católica da zona sul de São Paulo. A realização desse objetivo exige lidar com uma variedade de temas que compõem a Cultura Contemporânea, tais como: a diversidade, a pluralidade, a hegemonia e as minorias, a multiculturalidade, a inclusão e a exclusão, o preconceito, a identidade e a subjetividade, a sexualidade. Essa variedade é objeto de estudo do Currículo. Pretende-se identificar, analisar e interpretar os dispositivos e mecanismos, de acolhida ou rejeição, que atravessam a prática dos professores, e que se constituem como condições escolares para o desenvolvimento dessa formação de subjetividade.
Tese de Doutorado	2003	SEFFNER, Fernando	Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual	UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Educação	O objetivo deste trabalho é tratar das identidades vinculadas as representações da masculinidade bissexual, a partir de material coletado num período de tempo bem marcado – 1995 a 2000 –, num espaço delimitado – Brasil – e através de uma forma específica – uma rede postal integrada por homens informantes espalhados em numerosas cidades do país.

Tese de Doutorado	2006	FERREIRA, Marcelo Santana.	A Cidade Como Um Texto: Fragmentos da Experiência Homossexual Masculina no Rio de Janeiro contemporâneo	PUC-RIO – Psicologia Clínica	O presente trabalho é uma reflexão acerca da experiência homossexual masculina contemporânea, estudada a partir da proposição de dezenove imagens de sociabilidades construídas no texto da cidade por homens que se relacionam sexualmente com homens. Apoiando-se, essencialmente, nos estudos de Walter Benjamin sobre a modernidade europeia entre os séculos XIX e XX e, também, nos originais trabalhos de Michel Foucault sobre a emergência de uma ciência da sexualidade moderna, o trabalho busca dialogar com a textualidade da cidade contemporânea, colhida através da deambulação do pesquisador por espaços sociais ocupados por homens que se relacionam com homens.
Tese de Doutorado	2006	SANADA, Elizabeth dos Reis.	A mulher e o (não) saber: um estudo psicanalítico sobre os avatares da sexualidade feminina	USP – Instituto de Psicologia	Busca realizar um estudo psicanalítico sobre os avatares da sexualidade feminina, tendo como ponto central de discussão averiguar os diferentes posicionamentos assumidos pela mulher na tentativa de responder ao mal estar estrutural que norteia sua constituição.
Tese de Doutorado	2006	SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari	A Homossexualidade e a AIDS no Imaginário de Revistas Semanais (1985-1990)	UFF – Pós-graduação em Letras	Este trabalho é resultado de pesquisa do funcionamento do discurso jornalístico sobre a homossexualidade e a sua relação com a AIDS na segunda metade da década de 1980, com o auxílio teórico da Análise de Discurso francesa. A análise da materialidade da linguagem é o que permite a compreensão dos sentidos que derivam da inscrição da língua na história. Nesse processo discursivo depreende-se o que se chama de naturalização dos sentidos produzida pela ideologia, que coloca o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. De forma não apenas a afetar o sujeito, mas a constituí-lo.

Dissertação de Mestrado	2004	FLORES, Aida Mair Prado	Sexualidade: representações de professores do ensino médio	UFSM – Pós-Graduação em Educação	Este estudo constitui-se em uma investigação com abordagem qualitativa, que busca, a partir do olhar dos professores de escolas públicas e particulares de ensino médio, investigar as representações sobre sexualidade que permeiam as instituições educativas na cidade de Santiago, RS, bem como identificar, categorizar e discutir as concepções, ações na prática docente e aspirações dos alunos envolvidos nesse ambiente social.
Dissertação de Mestrado	2004	Silva, Regina Célia Pinheiro da	Pesquisas sobre formação de professores / educadores para abordagem da educação sexual na escola	UNICAMP - Faculdade de Educação	Investiga as produções de pós-graduação que tratam da formação dos professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual nas escolas, com o objetivo de conhecer essa produção e apontar suas principais tendências.
Tese de Doutorado	2001	MELO, Sônia Maria Martins de	Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professores. Publicado em livro - 2004	PUC-RS – Pós-Graduação em Educação	O presente trabalho buscou compreender a percepção de professoras e alunas de um Curso de Pedagogia de uma universidade pública, sobre o significado da corporeidade em suas trajetórias de vida. Procura também elencar princípios de ação emanados da pesquisa que podem subsidiar uma proposta de educação facilitadora do desenvolvimento pessoal de professores/as e alunos/as no resgate de sua corporeidade como uma expressão básica de cidadania e de direitos humanos.
Tese de Doutorado	2002	RIBEIRO, Paula Regina Costa.	Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental	UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Ciências Básicas da Saúde: Bioquímica.	Investiga como a sexualidade vem sendo tratada no cotidiano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, analisa narrativas de professoras. Considera-se a sexualidade como uma construção histórica e cultural, que inscreve comportamentos, linguagens, desejos, crenças, identidades, posturas no corpo, através de estratégias de poder/saber sobre os sexos.

EIXO 7 SEXUALIDADE, SAÚDE E DOENÇAS					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	2003	RAMIN, Célia Souza de Araújo	A sexualidade entre as acadêmicas de enfermagem: enfoque no planejamento familiar e prevenção de DST/AIDS	FAMERP – Pós-Graduação em Ciências da Saúde	O presente estudo é do tipo transversal, exploratório descritivo com abordagem quantitativa, com o objetivo de investigar o conhecimento, uso e as fontes de informações dos métodos contraceptivos e prevenção de DST/AIDS, além de abranger o estudo de aspectos da vivência sexual e sua consequência.
Dissertação de Mestrado	2004	BORGES, Ida Kuroki	Representações sociais de DST/AIDS para adolescentes de uma instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia	UFG – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem	O objetivo geral do estudo foi identificar e analisar as representações sociais da prevenção DST/HIV/AIDS por um grupo de adolescentes com experiência de vida nas ruas que vivem em uma instituição abrigo na cidade de Goiânia. Fundamentamos a investigação na abordagem social da pesquisa qualitativa em saúde tendo como princípio metodológico as representações sociais.
Dissertação de Mestrado	2004	COUTO, Vânia Aparecida da Silva Figueiredo do.	Sexualidade e Dst/Aids: Conhecimentos e Práticas de Proteção com Escolares	UNIMEP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde	Este trabalho tem por objetivo investigar as informações a respeito da sexualidade e DST/AIDS de escolares, na cidade de Rondonópolis – MT sobre a sexualidade e DST, uso de preservativos e comportamentos diante de uma realidade que aponta um índice elevado do vírus HIV entre adolescentes.
Dissertação de Mestrado	2005	<u>GIANNECHINI, Letícia Goldenberg</u>	In(ter)venções da prevenção a Aids: produzindo éticas e sujeitos	UFRGS – Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional.	O presente estudo objetivou problematizar as práticas de prevenção à Aids, enquanto normatizadoras de experiências, previstas nos materiais das campanhas de prevenção ao HIV/Aids propostas pelo Ministério da Saúde, em suas diferentes parcerias, nos anos de 2002 e 2003. Buscamos, nestas práticas, os elementos éticos presentes nas argumentações que indicam que tipos de sujeitos se quer produzir com as reflexões e argumentações propostas nos materiais analisados.

Dissertação de Mestrado	2005	FIGUEIREDO, Denise Miranda de.	Os significados do amor em tempo de AIDS: um grupo de adolescentes brasileiras	PUC-SP – Psicologia Social	Esta pesquisa compreende o adolescente como estando historicamente inserido na cultura brasileira. Com o objetivo de compreender os significados do amor em tempos de Aids para um grupo de adolescentes brasileiras.
Dissertação de Mestrado	2005	GIATTI, Milzen Jessel Lavander	Conhecimento, atitude e prática relacionados a sexualidade de mulheres tratadas de câncer genital	UNICAMP – Faculdade de Ciências Médicas	Objetiva estudar alguns aspectos relacionados à sexualidade e avaliar o perfil sócio-demográfico de mulheres tratadas de câncer genital e compará-las com um grupo de mulheres sem câncer. Sujeitos e métodos - estudo de corte transversal, comparativo, tipo inquérito CAP? Conhecimento, Atitude e Prática.
Dissertação de Mestrado	2005	HUGUET, Priscila Ribeiro	Qualidade de vida e aspectos da sexualidade de mulheres tratadas de câncer de mama	UNICAMP – Faculdade de Ciências Médicas	Avaliar a qualidade de vida, inclusive sexual, de mulheres tratadas por câncer de mama de acordo com o tipo e tempo de cirurgia a que foram submetidas, e sua associação com características socioeconômicas e demográficas.
Dissertação de Mestrado	2005	CRUZ, Elizabete Franco	Espelhos d'AIDS: infâncias e adolescências nas tessituras da AIDS	UNICAMP – Faculdade de Educação	Esta pesquisa tem por objetivo problematizar discursos sobre infância, adolescência e AIDS, em especial os discursos sobre casas de apoio, sexualidade e revelação do diagnóstico. O referencial teórico utilizado foram a obra de Michael Foucault, autores que trabalham a partir de seu referencial e a produção dos estudos culturais.
Tese de Doutorado	2003	MELO, Maria Taís de	Em busca da aprendizagem significativa na área da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da Aids entre a clientela adolescente	UFSC – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção	Esse trabalho apresenta uma análise da Política Pública do Ministério da Saúde (1999) na área da prevenção das DST e da AIDS e de dois materiais audiovisuais utilizados nas escolas junto a clientela adolescente. O objetivo norteador dessa tese é procurar identificar o que falta para que se concretize um processo de aprendizagem significativa na área da prevenção das DST e da AIDS entre a clientela adolescente e discutir como as políticas públicas de educação e saúde podem impulsionar esse processo.

Tese de Doutorado	2005	GRADIM, Clícia Valim Côrtes	Sexualidade de casais que vivenciaram o câncer de mama	USP – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto	Este é um estudo qualitativo que teve como objetivo conhecer junto a casais como a prática sexual é exercida após a mulher ter tido o câncer de mama, utilizando-se como referencial teórico as relações de gênero e, como metodologia, a Teoria Fundamentada em Dados.
----------------------	------	--------------------------------	--	---	---

EIXO 5					
SEXUALIDADE DE JOVENS E ADOLESCENTES					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	1999	CRESTON, Álvaro Luiz de Araújo	Como a sexualidade de uma adolescente interfere na construção do seu conhecimento.	UFJF – Pós-Graduação em Educação.	É uma contribuição no sentido de acrescentar ou mesmo de favorecer mudanças na maneira de lidar com a sexualidade adolescente, baseando-se nas suas experiências afetivas, tomando a sexualidade como eixo para a análise.
Dissertação de Mestrado	2000	MEDEIROS, Selma Zelandra	Método Para Educadores na Arte de Ensinar Aprender A Sexualidade do Adolescente Uma Proposta Participativa	UFSC – Centro Tecnológico Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas Mestrado em Ergonomia	A partir de uma visão holística surgiu a idéia de conciliar a educação os aspectos sócio culturais e as manifestações da sexualidade na adolescência para tanto foi desenvolvido um estudo de campo qualitativo de caráter participante com o objetivo de construir uma proposta pedagógica capaz de subsidiar o educador na elaboração de programas de educação sexual para adolescentes através de abordagem holística e sócio cultural de caráter participante.
Dissertação de Mestrado	2003	LEAL, Andrea Fachel	Uma antropologia da experiência amorosa: estudo de representações sociais sobre sexualidade	UFRGS – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social	O tema da pesquisa são concepções e práticas de iniciação sexual-afetiva de jovens moradores de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador (Bahia). O objetivo é analisar as representações sociais destes jovens entrevistados acerca de suas experiências afetivas, amorosas e/ou sexuais, a partir de suas narrativas sobre sua primeira experiência amorosa.

Dissertação de Mestrado	2004	MATOS, Mariana Santiago de.	Adolescência e Relações Amorosas: um estudo sobre Jovens pertencentes às camadas populares cariocas	PUC-RIO – Psicologia Clínica	O presente estudo buscou investigar a adolescência, focalizando as concepções e vivências das relações amorosas de indivíduos neste período do desenvolvimento, pertencentes às chamadas camadas populares do Rio de Janeiro, o que se deu através de entrevistas semi-estruturadas, cujos temas incluíam o envolvimento em namoros, relacionamentos esporádicos como ficar, manifestações da sexualidade, perspectivas futuras de casamento e formação de família. Utilizamos como referencial teórico básico os autores da abordagem psicanalítica.
Dissertação de Mestrado	2006	MARINHO, Márcia Cristina Graça	A Vida entre discursos: representações da sexualidade do/a adolescente por profissionais de saúde em uma unidade de atenção básica	UFBA – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva	A presente pesquisa visou compreender como profissionais de saúde, em uma Unidade de Atenção Básica, atribuem significados à sexualidade do/a adolescente em suas práticas e discursos, buscando responder se há um lugar específico para a sexualidade do/a adolescente em suas rotinas de atenção, entendendo que profissionais de saúde tendem a reinterpretar e dar sentido às suas práticas a partir de seus referenciais e lugares de poder.
Dissertação de Mestrado	2006	LAURINI, Mariana Azeredo	O dever do prazer segundo a experiência dos jovens: um estudo fenomenológico	PUCCAMP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida	O estudo teve como objetivo compreender a vivência do dever do prazer e seus desdobramentos psicológicos, a partir da experiência de jovens, caracterizando-se assim, como uma pesquisa qualitativa. Foi realizada uma entrevista não diretiva-ativa, com 4 estudantes universitários e os depoimentos foram posteriormente analisados sob o enfoque fenomenológico, que nos possibilitou chegar numa vivência mais subjetiva, através da experiência apresentada nos depoimentos.

Tese de doutorado	2004	BORGES, Ana Luiza Vilela	Adolescência e vida sexual: análise do início da vida sexual de adolescentes residentes na zona leste do município de São Paulo	USP – Faculdade de Saúde Pública Pós-Graduação em Saúde Pública	Homens e mulheres têm iniciado sua vida sexual, em grande parte, na adolescência e de formas um tanto diferenciadas. As práticas sexuais, nessa fase, têm sido descritas como dinâmicas e em constantes transformações, sendo que seus perfis podem acarretar impacto importante na vida reprodutiva dos adolescentes. Com o intuito de analisar o início da vida sexual de adolescentes, foram realizadas entrevistas domiciliárias com 383 homens e mulheres, não unidos, de 15 a 19 anos de idade, matriculados em uma unidade básica de saúde da família da zona leste do município de São Paulo.
Tese de doutorado	2005	CORRÊA, Aurêa Christina de Paula	Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram	USP – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto Programa Interunidades de doutoramento em Enfermagem	O estudo tem por objetivo conhecer e analisar as vivências e os significados em torno da paternidade, durante a adolescência, para homens que vivenciaram esse fenômeno, buscando identificar os significados atribuídos por esses homens a essa vivência, reconhecer em suas vivências relativas à sexualidade e à reprodução como se operam as relações de gênero e distinguir como percebem as influências familiares frente ao processo de gravidez e paternidade adolescentes.
Tese de doutorado	2005	TRINDADE, Ruth Franca Cizino da	Entre o sonho e a realidade: maternidade na adolescência sob a ótica de um grupo de mulheres da periferia da cidade de Maceió-Alagoas	USP – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto Programa Interunidades de doutoramento em Enfermagem	Este estudo teve como objetivo compreender, a partir da experiência de mulheres que se tornaram mães na adolescência, o significado da maternidade no contexto de vida destas mães.

EIXO 2					
Sexualidade e professoras					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	1998	BANZATO, Denise Salete Gomes.	[POR] Sexualidade na escola: um estudo sobre as representações da sexualidade de professores de pré-escolas nas práticas educativas	USP – Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	Pretende refletir sobre as representações da sexualidade de professores de pré-escolas, tais como se mostram presentes nos seus discursos sobre as práticas educativas quando tangenciam temas relativos à sexualidade. Buscando entender esse objetivo a autora se deteve em alguns aspectos específicos, como: o tratamento que os professores dispensavam às manifestações da sexualidade dos seus alunos; as representações da sexualidade presentes na situação escolar e nas histórias de vida dos professores.
Dissertação de Mestrado	2002	SILVA, Kátia Krepsky Valladares	Sexualidade: Professor que cala nem sempre consente. Publicado em livro – 2005	UFF – Educação Pós-Graduação em Educação	Pesquisa qualitativa, cuja proposta foi investigar o cumprimento (ou não) do que prescrevem os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto à orientação sexual nas escolas e seu tratamento de forma transversal. O objetivo principal foi avaliar "se" e como a sexualidade está sendo abordada em escolas da rede pública de ensino na região oceânica de Niterói/RJ, procurando: compreender a percepção que alunos e professores tinham da atual situação da orientação sexual.
Dissertação de Mestrado	2002	NUNES, Maria Dolores de Figueiredo	Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental	UFSCar – Pós-Graduação em Educação	Este trabalho tem como ponto de partida a questão: Como as professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental percebem a construção de suas concepções e práticas no concerne, especificamente, ao seu trabalho com a sexualidade e com as relações de gênero que se apresentam na sala de aula e nos outros espaços da escola?

Dissertação de Mestrado	2004	FLORES, Aida Mair Prado	Sexualidade: representações de professores do ensino médio	UFSM – Pós-Graduação em Educação	Este estudo constitui-se em uma investigação com abordagem qualitativa, que busca, a partir do olhar dos professores de escolas públicas e particulares de ensino médio, investigar as representações sobre sexualidade que permeiam as instituições educativas na cidade de Santiago, RS, bem como identificar, categorizar e discutir as concepções, ações na prática docente e aspirações dos alunos envolvidos nesse ambiente social.
Dissertação de Mestrado	2004	Silva, Regina Célia Pinheiro da	Pesquisas sobre formação de professores / educadores para abordagem da educação sexual na escola	UNICAMP - Faculdade de Educação	Investiga as produções de pós-graduação que tratam da formação dos professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual nas escolas, com o objetivo de conhecer essa produção e apontar suas principais tendências.
Tese de Doutorado	2001	MELO, Sônia Maria Martins de	Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professores. Publicado em livro - 2004	PUC-RS – Pós-Graduação em Educação	O presente trabalho buscou compreender a percepção de professoras e alunas de um Curso de Pedagogia de uma universidade pública, sobre o significado da corporeidade em suas trajetórias de vida. Procura também elencar princípios de ação emanados da pesquisa que podem subsidiar uma proposta de educação facilitadora do desenvolvimento pessoal de professores/as e alunos/as no resgate de sua corporeidade como uma expressão básica de cidadania e de direitos humanos.
Tese de Doutorado	2002	RIBEIRO, Paula Regina Costa.	Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental	UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Ciências Básicas da Saúde: Bioquímica.	Investiga como a sexualidade vem sendo tratada no cotidiano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, analisa narrativas de professoras. Considera-se a sexualidade como uma construção histórica e cultural, que inscreve comportamentos, linguagens, desejos, crenças, identidades, posturas no corpo, através de estratégias de poder/saber sobre os sexos.

EIXO 3					
Educação Sexual					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	1996	BONATO, Nailda Marinho da Costa	Educação [sexual] e sexualidade: o velado e o aparente	UERJ – Centro de Educação e Humanidades – Faculdade de Educação.	Investiga, sob uma perspectiva histórica, a origem da concepção sobre sexualidade do homem ocidental que vem permeando a política pedagógica dos trabalhos desenvolvidos na área de educação [sexual].
Dissertação de Mestrado	2002	BILIBIO, Luiz Fernando Silva	Trágica educação sexual do erotismo: uma agonística entre Reich e Nietzsche.	UFRGS – Pós-Graduação em Educação	Esta Dissertação problematiza a questão do erotismo na e da Educação Sexual. É a partir da teoria reichiana sobre a sexualidade e da proposta reichiana de Educação Sexual, que acontece um outro jeito de falar sobre o erotismo articulado à educação. Este outro jeito é contagiado por modos de pensar oriundos da filosofia nietzschiana.
Dissertação de Mestrado	2003	CORRÊA, Carmem Izaura Molina	Análise da Participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos	UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília Mestrado em Educação	Tem como objetivo identificar a presença de ações educativas voltadas à sexualidade em uma escola pública, e as sugestões apontadas pelos professores e alunos para a viabilização de ações voltadas à realidade escolar.
Dissertação de Mestrado	2005	GARCIA, Luciana Juvelina Vaz	O processo de educação sexual na escola: um estudo de caso sobre a conceituação, significação e representação compreensiva de professores da rede municipal de ensino de Camboriú-SC sobre educação sexual	UESC – Programa de Mestrado em Educação e Cultura	O trabalho buscou construir um diagnóstico da compreensão dos professores da rede municipal de Camboriú sobre Educação Sexual. Para responder a esta questão central, buscou-se investigar qual a compreensão dos educadores sobre educação sexual, identificar nos depoimentos a memória de sua própria educação sexual como indicadores de influências que norteiam sua prática pedagógica acerca da sexualidade e identificar ainda qual o discurso predominante e quais as posturas mais frequentes dos educadores frente às manifestações e dúvidas de seus alunos em relação à sexualidade.

Tese de Doutorado	2001	SILVA, Edna Aparecida da	Filosofia, Educação e Educação Sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana	UNICAMP – Faculdade de Educação	Estudo crítico e propositivo das principais matrizes teóricas dos discursos modernos sobre sexualidade humana. O trabalho caracteriza-se como uma reflexão crítica sobre a necessidade de fundamentação científica do educador, privilegiando o conhecimento filosófico, histórico e antropológico do tema como subsídio para uma abordagem escolar emancipatória da sexualidade humana. Investiga a sexualidade Humana, a partir da análise filosófica e sua articulação com a Educação. Procura realizar uma síntese das colaborações teóricas de FREUD, S., REICH, W. e FOUCAULT, M.
Tese de Doutorado	2005	ALTMANN, Helena	Verdades e Pedagogias na Educação Sexual em uma Escola	PUC-RIO – Programa de Pós-graduação em Educação	Esta tese teve como objetivo investigar a construção social da educação sexual em uma escola municipal do Rio de Janeiro com um Núcleo de Adolescentes Multiplicadores (NAM) Sendo a sexualidade um importante foco de investimento político e de tecnologia de governo, a escola desponta como um espaço privilegiado para o desenvolvimento do biopoder. Esta tese demonstra de que modo a educação está imbricada nessa problemática e como ela se relaciona com outras áreas do saber, como a biologia, a medicina, a demografia e a psicologia, a fim de gerenciar a sexualidade adolescente.

EIXO 6					
SEXUALIDADE E INSTITUIÇÕES ESCOLARES					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	1991	MOTA, Maria Veranilda Soares.	Sexualidade silenciada na escola	UFCE – Pós-graduação em Educação	Este trabalho tem uma preocupação com a sexualidade da criança, silenciada durante o processo educativo.
Dissertação de Mestrado	1999	RAPOSO, Ana Elvira Silva.	Um estudo sobre a sexualidade infantil no contexto de creche	PUC-RIO – Pós-graduação em Educação.	Estudo realizado numa creche Municipal do Rio de Janeiro, sobre a sexualidade infantil no contexto de creche. Considera os estudos de Foucault sobre o dispositivo de sexualidade e a definição do conceito de sexualidade infantil na perspectiva psicanalítica.
Dissertação de Mestrado	2002	BRAGA, Eliane Rose Maio.	Sexualidade Infantil: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual	UNESP – (Campus Assis) Programa de Pós-Graduação da Psicologia e Sociedade	Refere-se à inquietações sobre a educação sexual que as crianças vêm recebendo atualmente, principalmente em creche universitária. Tem como objetivo investigar a compreensão que as educadoras de creche têm acerca das manifestações da sexualidade de crianças de zero a três anos de idade.
Dissertação de Mestrado	2002	QUEIROZ, Rosalina Monteiro Fonseca de.	Afetividade e sexualidade na escola: ação educativa desenvolvida na Fundação Bradesco de Marília (SP)	UNICAMP – Faculdade de Educação	Esta pesquisa foi desenvolvida tendo como principal recurso pedagógico a informática, e abrangendo os temas afetividade e sexualidade. O enfoque foi na Qualidade de vida, desenvolvido sob a luz da teoria construtivista e apoiado nos quatro pilares da educação: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer, e aprender a conhecer.
Tese de Doutorado	2002	PIROTTA, Katia Cibelle Machado	Não há guarda-chuva contra o amor: estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários da USP	USP – Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública	O presente estudo teve por objetivo investigar as práticas e as representações ligadas à vida reprodutiva entre jovens universitários da Universidade de São Paulo (USP), especialmente aquelas dirigidas à contracepção e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, no âmbito das relações heterossexuais.

EIXO 4					
SEXUALIDADE E VIOLÊNCIA					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	1999	BRANCO, Cordélia de Souza Castelo	Sexualidade e Violência: as instituições como lugar de sua perpetuação	UNICAMP Mestrado em Educação – Psicologia Educacional	Trata da questão do abuso sexual considerada como um dos pontos da sexualidade mais difíceis de ser desvelado, e que trás consigo a tarefa de denunciar uma barbárie que a sociedade, ainda insiste em não ver.
Dissertação de Mestrado	2005	LANDINI, Tatiana Savoia	Horror, honra e direitos. Violência sexual contra crianças e adolescentes no século XX	USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Sociologia	Traça-se as principais transformações ocorridas na percepção e sensibilidade sociais a respeito da violência sexual contra crianças e adolescentes ao longo do século XX no Brasil. A autora apresenta primeiramente a legislação nacional e os principais acordos internacionais (Convenções). Em seguida, discute o contexto intelectual que reflete a sensibilidade dos diferentes períodos e que, de algum modo, acabou por influenciar as definições legais.
Tese de Doutorado	2002	COSTA, Dirce de Sá Freire Alves Silveira	Para além do silêncio: um estudo sobre abuso sexual infantil e resiliência	PUC-RIO – Psicologia Clínica	O presente trabalho pretende enfocar algumas questões acerca do abuso sexual infantil. Informado pela teoria psicanalítica, estará buscando entendê-lo historicamente, dialogando, em alguns momentos, com a antropologia. Optamos por uma perspectiva que busque ver o sujeito que sofreu abuso sexual como alguém que pode se reconstruir, saindo da condição de vítima da sexualidade.

EIXO 8 SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIAS					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	2004	AMARAL, Mariana Clivati do.	Sexualidade e deficiência mental: impacto de um programa de orientação para famílias	UFSCar – Centro de Educação e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Educação Especial	Considerando a importância da família no processo de educação sexual e para a promoção do desenvolvimento da pessoa com deficiência mental, o objetivo desse trabalho foi identificar possíveis variáveis que possam ter influenciado as mudanças nos repertórios conceituais e de condutas de oito pais de adolescentes e adultos com deficiência mental, a partir de um Programa de Orientação Sexual que incluiu informações sobre conceitos e condutas em relação à sexualidade de pessoas com deficiência mental.
Dissertação de Mestrado	2004	MELO, Marcos Ribeiro de.	Educação Sexual de Deficientes Mentais: Experiências de Professoras do Ensino Fundamental em Aracaju	FUFS – Mestrado em Educação	A educação sexual, mesmo que de maneira informal, está presente nas salas de aula. O presente estudo investigou a atuação de professoras da rede estadual de ensino na cidade de Aracaju, no tocante à educação sexual dos alunos portadores de deficiência mental.
Tese de Doutorado	2005	BENTO, Isabel Cristina Belasco	Educação preventiva em sexualidade, DST/AIDS do surdo através da pesquisa-ação	USP – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto Curso de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas	Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, mediada pela metodologia da pesquisa-ação, fundamentada em referencial teórico-metodológico de Paulo Freire. Esse visa a levantar problemas vivenciados por uma população específica de nove surdos, adultos jovens, alunos de uma Classe de Educação de Jovens e Adultos (EJA) frente à sexualidade e as DST/Aids, através da comunicação pela Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS); criar junto deles possibilidades de construção, implementação e avaliação de ações educativas, frente a situações problematizadas, criando subsídios à reflexão para uma mudança de atitude frente às dificuldades identificadas.

EIXO 9					
SEXUALIDADE E RELIGIÃO					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	1989	NUNES, Antonio Vidal.	Sexualidade e comunidade eclesial de base: novos pressupostos pedagógicos e filosóficos.	UNICAMP – Faculdade de Educação	Os integrantes das comunidades eclesiais de base, portadores de uma consciência crítica e de uma prática pastoral comprometida com uma sociedade alternativa, pregam uma liberação integral do homem.
Dissertação de Mestrado	2006	DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral	Sexualidade e Neopentecostalismo: Representação de Jovens da Igreja Evangélica Bola de Neve	PUC-SP – Psicologia Social	A pesquisa aqui desenvolvida analisou as representações da sexualidade presentes nos discursos de jovens cristãos, membros da Igreja Evangélica Bola de Neve. A preocupação da instituição eclesiástica com a vida sexual dos fiéis é evidente. A sexualidade aparece sutilmente disfarçada nas pregações e orientações pastorais.

EIXO 10					
SEXUALIDADE E MÍDIA					
Tipo de trabalho	Ano de defesa	Autor	Título	Instituição	Idéia central
Dissertação de Mestrado	2002	SANTOS, Liany Silva dos	Sexo na Propaganda da TV: Imagens dos padrões sexuais da cultura brasileira	PUC-RIO – Programa de Pós-graduação em Psicologia	Apesar da óbvia função de atrair e estimular a venda de produtos e serviços, o apelo sexual dos meios de comunicação de massa, através do seu repertório de imagens e representações simbólicas, também cria e/ou reflete o imaginário coletivo em relação a sexo e prazer que circula na sociedade contemporânea. Nesta dissertação investigamos e analisamos aspectos da sexualidade conforme aparecem na propaganda televisiva, utilizando como amostra os comerciais da programação do horário nobre da Rede Globo, gravada em vídeo diretamente da TV durante doze meses consecutivos de julho de 2001 a junho de 2002.
Dissertação de Mestrado	2005	ALVES, Denise Maria	Uma análise crítica do sexo "virtual" em chats da internet	PUC-SP – Psicologia Social	Este trabalho se propõe a estudar as relações travadas nos chats da Internet, caracterizada pela substituição de pessoas por suas imagens e que têm sido denominadas de relacionamento virtual. Nele, o contato físico com o outro e suas implicações são substituídos, grosso modo, pelo contato mediado pela tela e pelo teclado do computador, pela atuação apenas dos sentidos da visão e da audição e ainda pela manifestação da imaginação.

ANEXO II

ENDEREÇO ELETRÔNICO DAS BASES DE DADOS PESQUISADAS

INSTITUIÇÃO	ENDEREÇO ELETRÔNICO
Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia	www.ufu.br
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações IBICT	http://bdtd.ibict.br/bdtd/
Banco de Teses – Capes	http://www.capes.gov.br/capes/porta1/conteudo/10/Teses_Dissertacoes.htm
Biblioteca Digital da UNESP	http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UNICAMP	http://libdigi.unicamp.br/document/list.php?tid=7
<u>Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC RIO</u>	http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/ http://www.dbd.puc-rio.br/
<u>Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRGS</u>	http://www.biblioteca.ufrgs.br/bibliotecadigital
<u>Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFSCAR</u>	http://www.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.bdtd.ufscar.br
<u>Biblioteca digital PUC MINAS</u>	http://www.pucminas.br/
Biblioteca digital de teses e dissertações da USP	http://www.saber.usp.br/

<u>Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Paraná</u>	http://www.biblioteca.pucpr.br/
<u>Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul</u>	http://www.pucrs.br/biblioteca
Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina	http://www.bu.udesc.br/
<u>Biblioteca da Universidade de Fortaleza</u>	http://www.unifor.br/bib
<u>Biblioteca da Universidade Estadual Paulista - Campus Rio Claro</u>	http://ns.rc.unesp.br/biblioteca

ANEXO III
QUESTIONÁRIO

Sexo: _____ **Idade:** _____

Religião: _____ **Curso de Formação docente:** _____

Tempo de atuação como docente: _____

Tem filhos? _____ **Quantos e idade?** _____

Estado Civil: _____ **Se casada, há quanto tempo?** _____

1) Em sua infância como era tratada a sexualidade em seu ambiente familiar?

2) Como é para você falar sobre sexualidade?

3) Como você se relaciona com sua profissão?

4) Você acha que a sexualidade da criança ou do adolescente deve ser reprimida?

5) Você gosta do seu corpo?

6) Você acha que a sua região genital é bonita ou feia?

7) Descreva a primeira vez que você se apaixonou. O que sentiu?

8) Fale sobre o que pensa em relação à masturbação. Você gosta de se masturbar?

9) Em sua adolescência como você vivenciou a sua sexualidade?

10) Que idade você tinha quando se masturbou pela primeira vez? _____

11) Durante sua adolescência a escola discutia questões referentes à sexualidade?

12) Que livros sobre sexo você já leu? Qual a sua opinião sobre eles?

13) O que você pensa sobre a homossexualidade?

14) Para você é importante ter relações sexuais antes do casamento?

15) Se você é solteira, você gosta de ser solteira?

16) A vida de solteira é melhor que a vida de casada?

17) Qual é o efeito de estar casada sobre o sexo?

18) É certo a mulher procurar o homem quando tem vontade?

19) A mulher que não casa virgem vale menos?

20) O casamento é necessário para a felicidade da mulher?

21) Como é tratada a sexualidade de homens e mulheres em nossa sociedade?

22) A mulher sente falta de relações sexuais?

23) Com quem você teve as primeiras conversas sobre sexo?

24) Ao perceber alguma manifestação da sexualidade em um (a) aluno (a), qual a sua atitude?

25) Descreva alguma situação observada por você com seus (suas) alunos (as) ou com outras (os) professoras (es).

[illegible]

26) Em relação a essa situação, qual foi a sua impressão?

[illegible]

27) Há alguma coisa da qual você gostaria de falar que não foi abordado neste questionário? Se há, por favor, responda aqui.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

ANEXO IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 – ORIGENS:

- Fale sobre suas origens;
- O lugar em que nasceu e passou sua infância;
- Como era a realidade desse lugar; social; econômica;
- Princípios morais; religiosos.

2 – INFÂNCIA

Você tem recordações sobre como a sua família lidava com a sexualidade?

- Informações sobre o corpo;
- Conhecimento de si;
- Contato afetivo – como era?

3 – ADOLESCÊNCIA

- Quais lembranças você tem da sua adolescência?
- Primeira menstruação;
- Namoros;
- Como era a relação com os pais nesse período: diálogo, amorosidade.

4 – ESCOLA

- Escolas que estudou (particulares, estaduais ou em escolas religiosas)
- Fale sobre momento de sua vida. Como era sua relação com os colegas, professoras e professores?
- Sexualidade na escola;
- Forma que era tratada;
- Fatos que recorda;

5 – FORMAÇÃO

- Fez curso normal;
- Fale sobre seu curso de formação superior.
- O tema sexualidade foi trabalho em algum momento ou disciplina?
- O que fez você escolher a profissão de professora?

6 – PRÁTICA

- Você gosta da sua profissão?
- Quais as dificuldades que você encontra?

- Você conhece os PCNs, em especial o PCN 10, de Orientação Sexual?
- O primeiro contato com ele foi na faculdade ou já como professora?
- Como foi esse contato?
- Você utiliza o PCN no trabalho com seus alunos?

7 – ALUNOS

- Com relação à sexualidade de seus alunos, como é lidar com ela?
- Você tem alunas que já tiveram a primeira menstruação?
- Como foi essa experiência?
- E com os seus alunos, o que você percebe ou já percebeu em relação à sexualidade deles?
- Você considera importante a professora trabalhar a sexualidade com seus alunos e alunas?
- Quais situações em sala de aula você já vivenciou relacionadas à sexualidade de seus alunos e alunas?
- Como é o contato com os seus alunos?
- Você tem facilidade em se aproximar deles; demonstrar afeto por eles?
- Você considera isso importante?
- Qual sua opinião sobre a homossexualidade?
- O que pensa sobre o aborto?
- Fale sobre o que acha do casamento.
- Prostituição.